



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

(RE)VIVER O COMÉRCIO DE ALEPO

(Re)edificação dos Souqs: Integração da sua identidade

Ana Rita Martins Leitão

(Licenciada em Estudos Arquitetónicos)

Projeto Final para a obtenção do Grau de Mestre
em Arquitetura

Orientação Científica:

Professor Doutor José Afonso

Professor Doutor José Luís Crespo

Júri:

Presidente: Doutor Nuno Miguel Gomes Arenga da Cruz Reis

Vogal: Doutor José António Jacob Martins Cabido

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Dezembro, 2018

AGRADECIMENTOS

À minha família, sem eles nada teria sido possível: à minha mãe e ao meu irmão, pela constante presença, apoio e por nunca duvidarem da minha capacidade para alcançar os meus objetivos ao longo deste percurso; Ao meu pai, por estar sempre a olhar por mim; À minha prima Tânia Martins, por me fazer acreditar e me ajudar na conclusão desta grande etapa. E por fim, mas não menos importante, aos meus avós, por sempre me apoiarem e serem os meus segundos pais.

Aos Professores da Faculdade de Arquitetura de Lisboa, que foram relevantes na minha instrução e formação enquanto pessoa, em especial aos meus orientadores: Professor Doutor José Luís Crespo e ao Professor Doutor José Afonso, por terem aceite fazer parte deste trabalho, por todo o apoio e dedicação ao longo de todas as etapas.

Por fim, aos meus amigos e colegas, por todo o apoio, companheirismo e motivação durante este percurso e que hoje constituem a minha segunda família. Todo o apoio, conhecimento e aventuras que passei convosco é parte de mim e devo-vos a todos bastante.

RESUMO

Alepo, é um território marcado pela guerra, onde ruínas são o que resta da memória dos seus habitantes. Uma cidade antiga que reflete as culturas ricas e diversas dos seus sucessivos ocupantes. Muitos períodos da história deixaram a sua influência no tecido arquitetónico da cidade.

Surge então a necessidade de repensar a cidade e reerguer a sociedade. Este trabalho remete para uma realidade complexa, que seliga a variadas áreas de intervenção, necessárias ao desenvolvimento de uma proposta que restabeleça um quotidiano contextualizado com a sociedade que o pratica. Em pormenor, é selecionada a área do comércio para uma nova proposta de reconstrução de umas das principais áreas comerciais da cidade de Alepo.

Conceptualmente, a escolha do desenvolvimento de um equipamento deste cariz marca, para além de um contributo arquitetónico na reconstrução física do território, uma intervenção social dotada de um desafio, dado o facto de corresponder a uma zona considerada património mundial pela UNESCO. Por este motivo, trata-se de um exercício com uma responsabilidade acrescida: a reconstrução de uma parte importante da cidade que tem por si só características únicas, que fazem dela património mundial.

Palavras Chave:

Comércio | Memória | Património | Identidade | *Souqs* | Alepo

ABSTRACT

Alepo is a territory marked by war, where ruins are what remains of the memory of its inhabitants. An ancient city that reflects the rich and diverse cultures of its successive occupants. Many periods of history have left their influence in the architectural fabric of the city.

The need to rethink the city and re-build the society arises. This work refers to a complex reality, which is linked to several areas of intervention, necessary for the development of a proposal that re-establishes a way of living in accordance with the society that practices it. Furthermore, it is selected the trade area for a new proposal to rebuild one of the main commercial areas of the city of Alepo.

Conceptually, the choice of the development of an equipment of this kind marks, besides an architectonic contribution in the physical reconstruction of the territory, a social intervention with a challenge, as it corresponds to an area considered world heritage by UNESCO. For this reason, it is an exercise with an added responsibility: the reconstruction of an important part of the city that has in itself unique characteristics that make it a world heritage place.

Key-words:

Trade | Memory | Heritage | Identity | Souqs | Aleppo

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO	III
ABSTRACT	V
ÍNDICE GERAL	VII
ÍNDICE DE FIGURAS	IX
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Enquadramento e Objectivos	3
1.2 Metodologia	4
1.3 Estrutura e Organização	5
2 O VALOR DA MEMÓRIA, DA IDENTIDADE E DO PATRIMÓNIO NA RECONSTRUÇÃO DA CIDADE	7
2.1 Memória	8
2.2 A Identidade	15
2.3 Património	17
2.4 Valor Cultural	20
3 PROJETOS DE REFERÊNCIA	23
3.1 Souk Al-Hamidiyeh - Damasco	24
3.2 Khan El-Khalili - Cairo	26
3.3 Grand Bazaar - Istambul	27
4 CASO DE ESTUDO: ALEPO	31
4.1 A evolução urbana e do comércio na Síria	32
4.2 A evolução urbana e do comércio em Aleppo	34
5 (RE)EDIFICAÇÃO DO COMÉRCIO NA CIDADE DESTRUÍDA	47
5.1 A Identidade do Lugar	48
5.2 A Estratégia	52
5.3 Proposta de projeto	55
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
BIBLIOGRAFIA	77
ANEXOS	81

ÍNDICE DE FIGURAS

1 | INTRODUÇÃO

Figura 1 - Mapa de localização de Aleppo, 2018 2

2 | O VALOR DA MEMÓRIA, DA IDENTIDADE E DO PATRIMÔNIO NA RECONSTRUÇÃO DA CIDADE

Figura 2 - Um *Souq* em Aleppo depois do incêndio, The Asahi Shimbun, 2012. Fotografia 7
Fonte: <https://www.wmf.org/project/souk-aleppo> (Consultado em: 17/09/2018)

Figura 3 - A Persistência da Memória, Salvador Dalí, 1931. Pintura a óleo 12
Fonte: <https://www.britannica.com/art/Surrealism> (Consultado em: 05/09/2018)

Figura 4 - Valeria: Double Exposure Photography, Dan Mountford, 2016. Ilustração 15
Fonte: <http://www.cubebreaker.com/double-exposure-photography-dan-mountford/> (Consultado em: 05/09/2018)

Figura 5 - Cidadela de Aleppo antes da Guerra - Patrimônio Mundial, Ed Kashi, 2012. Fotografia 19
Fonte: <http://www.cubebreaker.com/double-exposure-photography-dan-mountford/> (Consultado em: 05/09/2018)

3 | PROJETOS DE REFERÊNCIA

Figura 6 - Um *Souq* textil em Aleppo, rusticus80, 2007. Fotografia 23
Fonte: http://www.flickr.com/photos/traveling_russia/1294087240 (Consultado em: 23/07/2018)

Figura 7 - Entrada ocidental do Souk al-Hamidiyeh, Autor Bernard Gagnon, 2010. Fotografia 24
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Al-Hamidiyah_Souq_01.jpg (Consultado em: 23/07/2018)

Figura 8 - Entrada do Souk al-Hamidiyeh, High Contrast, 2012. Fotografia 24
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Al-Hamidiyah_Souq_in_Damascus.jpg (Consultado em: 23/07/2018)

Figura 9 - Interior do Souk Al-Hamidiyeh, Autor desconhecido, 2009. Fotografia	24
Fonte: https://www.juergen-reichmann.de/asien/syr/damaskus_altstadt/41982/ (Consultado em: 23/07/2018)	
Figura 10 - Interior do Souk Al-Hamidiyeh com entradas de luz, Maher Al Mounes, 2017. Fotografia	25
Fonte: https://www.xflow.eu/en/2007/04/08/more-eternal-than-rome-damascus/ (Consultado em: 23/07/2018)	
Figura 11 - Cobertura do Souk al-Hamidiyeh, Autor Desconhecido. Fotografia	25
Fonte: https://www.xflow.eu/en/2007/04/08/more-eternal-than-rome-damascus/ (Consultado em: 23/07/2018)	
Figura 12 - Interior do Souk al-Hamidiyeh, Autor Desconhecido. Fotografia	25
Fonte: https://www.xflow.eu/en/2007/04/08/more-eternal-than-rome-damascus/ (Consultado em: 23/07/2018)	
Figura 13 - Exterior do Khan El-Khalili, Autor Chris Ford, 2010. Fotografia	26
Fonte: https://www.flickr.com/photos/chrischoenbohm/5146069762/ (Consultado em: 23/07/2018)	
Figura 14 - Interior do Khan El-Khalili, Enas Salah, 2015. Fotografia	26
Fonte: http://egypt-d.com/?p=8475 (Consultado em: 23/07/2018)	
Figura 15 - Bab al-Ghuri, um portão no Khan El-Khalili, Joel Suganth, 2009. Fotografia	26
Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Khan_el-Khalili#/media/File:Khan_el_khalili.jpg (Consultado em: 23/07/2018)	
Figura 16 - Loja do Khan El-Khalili, Florence Troin, 2015. Fotografia	26
Fonte: https://journals.openedition.org/gc/937 (Consultado em: 23/07/2018)	
Figura 17 - Planta do Khan El-Khalili, Anna Madoeuf, 2009.	27
Fonte: https://journals.openedition.org/gc/937#tocto1n2 (Consultado em: 23/07/2018)	
Figura 18 - Interior do Grand Bazaar, Giovanni Dall'Orto, 2006. Fotografia	27
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_Bazar#/media/File:DSC04561_Istanbul_-_Bazaar_-_Foto_G._Dall%27Orto_29-5-2006.jpg (Consultado em: 23/07/2018)	

Figura 19 - Interior do Grand Bazaar, Alen Daldabanoğlu, 2009. Fotografia. 28

Fonte: <http://moris.com/regular-tour/byzantine-vision/istanbul-grand-bazaar/> (Consultado em: 23/07/2018)

Figura 20 - Vista aérea do Bedesten mais antigo do Grand Bazaar, Autor desconhecido, 2016. 28

Fonte: <https://www.tooistanbul.com/grand-bazar-shopping/> (Consultado em: 23/07/2018)

Figura 21 - Interior do Bedesten mais antigo do Grand Bazaar, Autor desconhecido, 2011. Fotografia 28

Fonte: <http://www.hurriyetdailynews.com/sanliurfas-bazaars-have-much-to-offer-tourists-6403> (Consultado em: 23/07/2018)

Figura 22 - Entrada Kalpakçılar do Grand Bazar, Mikestravelguide, 2015. Fotografia 29

Fonte: <http://mikestravelguide.com/things-to-do-in-istanbul-visit-the-grand-bazaar-kapalicarsi/kapalicarsi-grand-bazaar-entrance-istanbul-turkey/> (Consultado em: 23/07/2018)

Figura 23 - Vista aérea do Grand Bazar, Autor Desconhecido .. 29

Fonte: <https://www.dailysabah.com/istanbul/2018/02/26/grand-bazaars-roof-restoration-set-to-finish-in-april> (Consultado em: 23/07/2018)

Figura 24 - Planta Grand Bazaar, Cezar, 1983. 29

Fonte: <http://pubs.sciepub.com/wjssh/3/3/1/figure/2> (Consultado em: 23/07/2018)

Figura 25 - Planta Organizacional do Grand Bazaar, Autor desconhecido, 2009. 30

Fonte: <http://www.istanbultrails.com/2008/10/the-grand-bazaar-maze-or-oriental-feast/> (Consultado em: 23/07/2018)

4 | CASO DE ESTUDO: ALEPO

Figura 26 - Fotografia da cidade de Alepo, Autor Desconhecido, 1993. Fotografia 31

Fonte: <http://pichintergrundbildererx.pw/Aleppo-Syria-Arabic-World-t-Aleppo.html> (Consultado em: 14/09/2018)

Figura 27 - Viagem para Meca, Autor Desconhecido, 1438. Fotografia 32

Fonte: <https://allevants.in/sp%C3%A5nga/nova-1438-hid%C5%BEretska-godina/170033571362414> (Consultado em: 14/09/2018)

Figura 28 - Viagem para Meca de Camelo, American Colony, 1910. Fotografia 32

Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/File:Camel_Caravan_to_Mecca,_1910.tif (Consultado em: 14/09/2018)

Figura 29 - Mapa rota de caravanas do Hajj, Matt Bigg. 32

Fonte: http://www.britishmuseum.org/explore/themes/hajj/the_journey/routes/the_ottoman_route.aspx (Consultado em: 14/09/2018)

Figura 30 - Mesquita Umayyade, Autor Desconhecido, 2006. Fotografia 34

Fonte: <http://www.dailymail.co.uk/~/article-4028168/index.html#i-d05381dab0a81fb7> (Consultado em: 14/09/2018)

Figura 31 - Avenida principal do Al-Madina Souq, Weldon Pries, 2016. Planta 34

Fonte: <http://weldonpries.com/Aleppo/index.html> (Consultado em: 14/09/2018)

Figura 32 - Um Souq em Alepo, Autor Desconhecido, 2012. Fotografia 35

Fonte: <https://sonocarina.wordpress.com/2014/02/03/ancient-city-of-aleppo-historical-souk-syria/> (Consultado em: 14/09/2018)

Figura 33 - Souqs exteriores em Alepo, Jack Malipan, 2012. Fotografia 35

Fonte: <https://www.alamy.com/stock-photo-busy-souk-market-shopping-street-in-old-town-of-aleppo-syria-129189826.html> (Consultado em: 14/09/2018)

Figura 34 - Souqs exteriores em Alepo, Wooyoung Kho, 2008. Fotografia 35

Fonte: <http://cnu.daejeon.kr/awa/Asia/ENGLISH-WFB%20Asia-Syria-Aleppo.htm> (Consultado em: 14/09/2018)

Figura 35 - Pátio do Khan Al Nahasin em Alepo, Jürgen Feuerer, 2008. Fotografia 36

Fonte: <https://www.alamy.com/stock-photo-courtyard-of-khan-al-nahasin-in-aleppo-syria-2008-122359639.html> (Consultado em: 14/09/2018)

Figura 36 - Vista superior do Khan al-Harir em Alepo, Autor Desconhecido, 1968. Fotografia 36

Fonte: https://archnet.org/authorities/3497/media_contents/96455 (Consultado em: 14/09/2018)

Figura 37 - Interior do Khan Vizir em Alepo, Autor Desconhecido,

Séc. 19. Desenho 36

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/257690409907159237/>

(Consultado em: 14/09/2018)

Figura 38 - Interior Al-Madina *Souq*, Fulvio Spada, 2010. Fotografia

..... 36

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lfpfotos/447458640>

(Consultado em: 14/09/2018)

Figura 39 - Estudo de mapeamento de clarabóias do Al-Madina

Souq, Frederik, 2011. Esquízo 37

Fonte: <https://design.epfl.ch/organicites/2010b/1-assignments/3-vernacular-lessons/the-souq-in-aleppo-help> (Consultado em:

14/09/2018)

Figura 40 - Mapa do Tecido Urbano do Al-Madina *Souq*, Autor

desconhecido, 1984. 39

Figura 41 - Áreas comerciais de Alepo, Eugen Wirth, 1984. Planta

..... 39

Fonte: <http://wave2017.iuav.it/aleppo-souq/> (Consultado em:

14/09/2018)

Figura 42 - Corte longitudinal do Al-Madina *Souq* pela avenida principal, Weldon Pries, 2016. 40

Fonte: <http://weldonpries.com/Aleppo/index.html> (Consultado em: 14/09/2018)

Figura 43 - Corte transversal do Al-Madina *Souq* pela mesquita Umayyad, Weldon Pries, 2016. 40

Fonte: <http://weldonpries.com/Aleppo/index.html> (Consultado em: 14/09/2018)

Figura 44 - Planta de Alepo, Stefano Bianca, 1930. 41

Fonte: BIANCA, 2000, p. 303.

Figura 45 - Planta de Alepo, Stefano Bianca, 1980. 41

Fonte: BIANCA, 2000, p. 304.

Figura 46 - Plantas da área Norte da Mesquita Umayyad, Stefano Bianca, 1945 e 1980. 42

Fonte: BIANCA, 2000, p. 306.

Figura 47 - Bombardeios em Alepo, Autor desconhecido, 2016. Fotografia 43

Fonte: <https://www.express.co.uk/news/uk/740954/Syria-civil-war-May-Obama-Merkel-Russia-targeting-Aleppo-hospitals-schools>

(Consultado em: 15/09/2018)

Figura 48 - Bairro de al-Shayah, Yazen Homsy, 2013. Fotografia ..
..... 43
Fonte: <https://www.theatlantic.com/photo/2013/04/syria-in-ruins/100488/> (Consultado em: 15/09/2018)

Figura 49 - Destroços de casas em Aleppo, Autor Desconhecido, 2014. Fotografia 43
Fonte: <https://www.voanews.com/a/france-says-russia-could-face-war-crimes-over-aleppo/3544692.html> (Consultado em: 15/09/2018)

Figura 50 - Destroços dos *Souqs* em Aleppo, Miguel Medina, 2012. Fotografia 43
Fonte: <https://www.pri.org/stories/2012-10-01/aleppo-souk-destroyed-amidst-fightin> (Consultado em: 15/09/2018)

Figura 51 - Interior do Al-Madina *Souq* depois da guerra, Autor Desconhecido, 2013. Fotografia 43
Fonte: <https://www.channel4.com/news/syria-aleppo-destruction-damage-historic-before-after-slider> (Consultado em: 15/09/2018)

Figura 52 - Cidade antiga de Aleppo antes da guerra, Autor Desconhecido, 2010. Imagem Aérea 44
Fonte: <http://c4sr.columbia.edu/conflict-urbanism-aleppo/map/index.html> (Consultado em: 15/09/2018)

Figura 53 - Cidade antiga de Aleppo antes da guerra, Autor Desconhecido, 2014. Imagem Aérea 44
Fonte: <http://c4sr.columbia.edu/conflict-urbanism-aleppo/map/index.html> (Consultado em: 15/09/2018)

Figura 54 - Nivel de destruição de Aleppo, UNOSAT, 2015. Imagem Aérea 45
Fonte: <https://medium.com/@LoicHostetter/un-report-provides-birds-eye-view-of-damage-to-aleppo-19899854d273> (Consultado em: 15/09/2018)

Figura 55 - Edificado em 2016, Elaborado em grupo de projecto VI - FAUL - 16/17, 2017. Planta 45

5 | REEDIFICAÇÃO DO COMÉRCIO NUMA CIDADE DESTRUÍDA

Figura 56 - Local de intervenção depois da guerra, Autor desconhecido, 2017. Fotografia 47
Fonte: <https://edition.cnn.com/2018/03/15/middleeast/syria-then-now-satellite-intl/index.html> (Consultado em: 21/09/2018)

Figura 57 - Entrada do Al-Zarab *Souq* Antes e Pós-Guerra, Omar

Sanadiki, 2008-2016. Fotografias 49

Fonte: <https://www.theatlantic.com/photo/2016/12/aleppo-before-the-war/511424/> (Consultado em: 21/09/2018)

Figura 58 - Entrada principal da Cidadela, Antes e Pós-Guerra, Sandra Auger, Omar Sanadiki, 2010-2016. Fotografias 49

Fonte: <https://www.theatlantic.com/photo/2016/12/aleppo-before-the-war/511424/> (Consultado em: 21/09/2018)

Figura 59 - Grande Mesquita de Alepo, Antes e Pós-Guerra, Omar Sanadiki, 2009-2016. Fotografias 50

Fonte: <https://www.theatlantic.com/photo/2016/12/aleppo-before-the-war/511424/> (Consultado em: 21/09/2018)

Figura 60 - Al Madina *Souq*, Antes e Pós-Guerra, Olympia, 2009-2016. Fotografias 50

Fonte: <http://viralscape.com/aleppo-syria-before-and-after-war/> (Consultado em: 21/09/2018)

Figura 61 - Espaço público em frente à Mesquita Umayyad, Antes e Pós-Guerra, Olympia, 2009-2016. Fotografias 50

Fonte: <http://viralscape.com/aleppo-syria-before-and-after-war/> (Consultado em: 21/09/2018)

Figura 62 - Edificado da cidade de Alepo, Antes e Pós-Guerra, Olympia, 2009-2016. Fotografias 50

Fonte: <http://viralscape.com/aleppo-syria-before-and-after-war/> (Consultado em: 21/09/2018)

Figura 63 - Local de intervenção, Imagem da autora, 2015. 51

Figura 64 - Planta do Al-Madina *Souq* antes da guerra - Local de intervenção, Autor desconhecido. 51

Figura 65 - Temperatura, Horas de Sol, Chuva e Humidade em Alepo, Autor desconhecido. Tabela 53

Fonte: <https://www.temperatureweather.com/mediterr/tempo/pt-tempo-na-siria-aleppo.htm> (Consultado em: 11/10/2018)

Figura 66 - Temperatura média horária de Alepo, Autor desconhecido. Gráfico 53

Fonte: <https://pt.weatherspark.com/y/100214/Clima-caracter%C3%ADstico-em-Alepo-S%C3%ADria-durante-o-ano#Sections-Temperature> (Consultado em: 11/10/2018)

Figura 67 - Intervenção urbana na zona antiga de Alepo, Planta da autora 54

Figura 68 - Proposta de malhas de transportes públicos, Planta da autora	56
Figura 69 - Proposta de um edifício autossustentável, Elaborado em grupo de projecto VI - FAUL - 17/18. Esquema	56
Figura 70 - Proposta de carro elétrico, Autor desconhecido. Fotografia	57
Fonte: https://www.eli.world/ (Consultado em: 11/10/2018)	
Figura 71 - Proposta de bicicletas partilhadas, Autor desconhecido. Fotografia	57
Fonte: https://melbournechapter.net/explore/vector-bicycle-bike-share/ (Consultado em: 11/10/2018)	
Figura 72 - Proposta de elétrico, Elaborado em grupo de projecto VI - FAUL - 17/18. Fotografia	57
Figura 73 - Proposta de teleférico, Elaborado em grupo de projecto VI - FAUL - 17/18. Fotografia	57
Figura 74 - Planta da proposta de intervenção urbana na zona de intervenção, Planta da autora	58
Figura 75 - Edifícios envolventes ao jardim da mesquita Umayyde, José Diogo Campos, 2010. Fotografia	59
Figura 76 - Vista do jardim á frente da mesquita Umayyde, José Diogo Campos, 2010. Fotografia	59
Figura 77 - Praça Deichmann, Chyutin Architects, 2008. Fotografia	59
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-17117/praca-deichmann-chyutin-architects (Consultado em: 11/10/2018)	
Figura 78 - Esquiço da sinalética para espaços exteriores, placas de rua e identificação de lojas souq, Esquiço da autora	60
Figura 79 - Esquiço da ventilação do estacionamento, Esquiço da autora.....	60
Figura 80 - Esquiço das dimensões do tijolo, Esquiço da autora ..	63
Figura 81 - Programa, Planta da autora	64
Figura 82 - Render da Sala de Exposições no Bloco A, Imagem da autora	64
Figura 83 - Edifício ABC, Wise Architecture 2012. Fotografia ...	65

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/625469/edificio-abc-wise-architecture> (Consultado em: 11/10/2018)

Figura 84 - Fachada principal da Termitary House, Tropical Space, 2014. Fotografia 65

Fonte: <http://www.home-designing.com/2015/04/a-creative-brick-house-controls-the-interior-climate-and-looks-amazing>
(Consultado em: 11/10/2018)

Figura 85 - Interior da Termitary House, Tropical Space, 2014. Fotografia 65

Fonte: <http://www.home-designing.com/2015/04/a-creative-brick-house-controls-the-interior-climate-and-looks-amazing>
(Consultado em: 11/10/2018)

Figura 86 - Render da entrada do bloco B, Imagem da autora . 66

**Figura 87 - Render do pátio 138 do bloco B, Imagem da autora ...
..... 66**

**Figura 88 - Render do pátio exterior 137 do bloco C, Imagem da
autora 78**

**Figura 89 - Render da vista superior para o pátio 137 do bloco C,
Imagem da autora 78**

**Figura 90 - Render dos *souqs* da zona oeste bloco D, Imagem da
autora 70**

**Figura 91 - Render do pátio exterior 134 do bloco D, Imagem da
autora 70**

1 |

INTRODUÇÃO



Figura 1 - Mapa de localização de Aleppo, 2018

Alepo, ou *Halab*, em árabe, localiza-se no Noroeste da Síria, com uma área de 190 Km². Desta forma, é a sua maior cidade a nível populacional, registando os censos demográficos de 2004, uma população de 2.132 milhões. Sabe-se que esta é uma das mais antigas cidades do mundo (BBC NEWS, 2016), e embora existam algumas incertezas na precisão temporal, encontram-se registos da sua existência desde o século III ou IV a.C., o que leva a cidade a possuir uma riqueza histórica e patrimonial de valores incalculáveis. Pelo que é também conhecida como a cidade com os "*monumentos urbanos mais notáveis do domínio islâmico*" (BIANCA, 2000, p. 302). Tendo por base estes fatores, em 1986, foi assinalada pela UNESCO (*United Nations Educational Scientific and Cultural Organization*), como Património da Humanidade.

A partir do 2º Milénio a.C., Alepo era considerada como ponto estratégico no cruzamento das rotas comerciais, o que despoletou o interesse de vários povos pela cidade, originando uma sucessiva rotatividade de povos dominantes, ao longo do tempo, dos quais: hititas, assírios, acadianos, gregos, romanos, Omeyas, Ayyubídeos, mamelucos e otomanos; sobrando de cada um deles diversas riquezas e influências culturais.

Muitos períodos da história deixaram a sua influência no tecido arquitetónico da cidade. Considerando várias obras arquitetónicas, desde as deslumbrantes mesquitas do século XII às peculiares madraças, Khans e banhos públicos dos séculos XVI e XVII, observa-se todo o empenho na sua construção, que em conjunto com a dicotomia do quotidiano formalizaram um tecido urbano denso, funcional e carregado de uma beleza única característica da cidade Árabe.

Alepo sempre foi caracterizada por uma vivência cosmopolita a par de uma enorme atração turística, no entanto esta realidade mudou em 2011 dando origem a um aterrador clima de guerra.

Num conflito social, político e económico, onde não havia a previsão de término, a agressividade e rebeldia da força bélica já destruiu preciosidades arquitetónicas. A par desta destruição, em 2016, aproximadamente 470 mil habitantes da Síria (WORLD POPULATION REVIEW, 2018) foram dizimados e os sobreviventes, na sua maioria, foram obrigados ao exílio, deixando para trás um ambiente extremamente degradado e frágil e, com isto, a população de Aleppo cai para 1.602 milhões. Segundo a ONU, estima-se que cerca de 5 mil sírios, por dia, fugiam do país, e mais de 6,5 milhões de pessoas ficaram desabrigadas e deslocadas. Estima-se também que o número de refugiados e deslocados equivalem a 28% da população e mais de metade destes, tenha menos de 18 anos (WORLD POPULATION REVIEW, 2018).

1.1 | Enquadramento e Objectivos

"A destruição de uma das maiores e mais antigas cidades do mundo é uma tragédia para todos os sírios e para toda a humanidade" ¹
(BOKOVA, 2017, s.p.)

Um dos maiores motores económicos de Aleppo é o comércio, devido à quantidade de *Souqs* existentes, bem como ao facto da cidade ser reconhecida por ser uma das primeiras grandes rotas de comércio.

No entanto, mais de três anos de conflitos afetaram gravemente o património na cidade de Aleppo causando uma enorme escala de danos e destruição. Pelo menos 121 edifícios históricos foram danificados ou destruídos, o equivalente a 30/40% da área considerada Património Mundial, além da destruição de mais de 1.500 lojas *Souq* (W.A.V.E, 2017, p. 2).

Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo a reconstrução e desenvolvimento de uma parte de uma das

¹ Tradução livre da autora de: "The destruction of one of the greatest and most ancient cities in the world is a tragedy for all Syrians and for all humanity".

zonas mais importantes da cidade, o Al-Madina *Souq*. Pretende-se perceber quais as principais características do comércio neste *Souq*; perceber a morfologia urbana para reconstruir espaços comerciais de modo a que se consiga manter a identidade dos *Souqs*; identificar e perceber como utilizar os materiais locais para reerguer novas estruturas.

Relativamente às questões de trabalho formulam-se as seguintes: como reedificar uma parte do *Souq*, destruído pela guerra, sem perder a sua memória/ identidade utilizando os materiais e técnicas de construção locais? Devemos manter todas as formas existentes antes da guerra? Como introduzir espaços que relacionem as diferentes gerações num lugar já com uma identidade?

Enquanto focos gerais, fazem parte: reconstruir, para devolver a identidade à cidade; melhorar, através de um exercício arquitetónico, a qualidade de vida dos seus habitantes, devolvendo a vida ao património da cidade.

1.2 | Metodologia

Numa primeira fase, foi adotada uma metodologia que compreendeu uma pesquisa documental e que visou a definição conceptual deste trabalho. Foi a base da componente projetual e ajudou a responder aos futuros intuitos do projeto. Esta fase recaiu principalmente na recolha e análise documental, de referências bibliográficas (estudos, livros, apontamentos, artigos, notícias) e conceitos chave que permitiu um entendimento global da área de intervenção e da sociedade que nela habita e assim, agir de uma forma acertada.

Numa segunda fase, desenvolveu-se uma recolha e análise de projetos de referência de outros *Souqs*. Estas análises foram realizadas com base em documentos, imagens e plantas para perceber quais as possíveis ligações entre estes e a proposta a implementar.

Numa terceira fase, foi analisada a história comercial de Aleppo e a análise da estrutura dos *Souqs* que se dividiu em duas avaliações: i) A evolução urbana e do comércio na Síria, ii) A evolução urbana e do comércio em Aleppo.

Numa quarta fase, com base nos conceitos e temáticas abordadas, foi desenvolvido o desenho arquitetônico da solução desde a escala base (esc. 1/5000) até à escala mais próxima de execução (esc. 1/20). A elaboração do documento escrito acompanha o projeto, uma vez que inclui as reflexões feitas à medida que o projeto avançou.

Por fim, recorrendo ao desenho técnico computacional e à modelação tridimensional interativa foram executadas as peças finais de apresentação do projeto e os restantes elementos do conjunto da explicação projetual. Foi também construído o portefólio de trabalho onde estarão apresentados todos os elementos que foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

1.3 | Estrutura e Organização

Estruturalmente, o presente trabalho encontra-se dividido por duas componentes, designadamente: a componente Teórica e a componente Prática.

A sua organização está delineada para que a primeira Componente (Teórica) ofereça um enquadramento teórico e conceptual, constituindo uma justificação da proposta de arquitetura apresentada e explicando o raciocínio executado após a investigação no processo de trabalho. Este ponto materializa-se no capítulo 1 e capítulo 2.

Inicialmente, no capítulo 3, foram apresentados três projetos de referência, com a finalidade de ilustrar parte do enquadramento teórico e representar exemplos práticos de tipologias idênticas. Procurou-se uma parecença ideológica ou

programática entre eles por forma a representarem exemplos coerentes com o restante trabalho.

No capítulo 4, foi desenvolvida uma introdução ao local (Cidade de Aleppo, Síria), como forma de contextualização do comércio, na qual foram abordadas as questões que implicam direta ou indiretamente as condições de operacionalidade de forma a adquirir as principais características inerentes à arquitetura e à sociedade para sustentarem a proposta de projeto.

Numa outra vertente, a componente prática apresenta a consolidação do trabalho final, resultante da análise e de conclusões refletidas do aprofundamento teórico anterior. Afinada no Capítulo 5, onde foi elaborado o exercício prático de projeto arquitetónico, encontra-se dividido primeiramente numa leitura e análise do lugar, da sua identidade e das premissas adotadas, e numa segunda fase na concretização do desenho de arquitetura da solução proposta. A proposta é acompanhada de uma descrição formal, espacial e programática.

Em suma, o Projeto Final de Mestrado com o título (RE)VIVER O COMÉRCIO DE ALEPO, (Re)edificação dos *Souqs*: Integração da sua identidade, pretende interpretar e aplicar, em edifícios considerados como património, o conceito de Memória/ Identidade.

O presente trabalho foi redigido segundo o atual Acordo Ortográfico, adotando a Norma Portuguesa 405 aquando da referência bibliográfica.



Figura 2 - Alepo *Souq* depois do incêndio, The Asahi Shimbun, 2012

2 |

O VALOR DA MEMÓRIA, DA IDENTIDADE E DO PATRIMÓNIO NA RECONSTRUÇÃO DA CIDADE

A reflexão crítica sobre o tema geral '(Re)viver o comércio de Alepo' suscita o levantamento de questões relacionadas com vários conceitos, dando origem à base teórica que sustenta este projeto.

Ao intervir num lugar já edificado ou intervencionado pelo Homem, o ato de projetar afasta-se da visão utópica em que se procura a criação de um grande plano para uma ideia de cidade construída de raiz e aproxima-se da reutilização e reciclagem de estruturas existentes nos tecidos consolidados da cidade histórica. Esta visão, sobre a ideia de cidade, implica, em ato contínuo, o reconhecimento de que as estruturas edificadas para a cidade do amanhã já se encontram erigidas, na cidade do presente, e que o foco de reflexão deve centrar-se sobretudo no ato de "devolver" estes mesmos monumentos à sua cidade e aos seus habitantes.

De salientar que, deve sempre estar presente a consciência de que o projeto de arquitetura, inserido num contexto histórico, apresenta maior significado ao possibilitar um diálogo permanente entre o passado e o presente, conjugando uma resposta contemporânea à interpretação daquelas que são as qualidades arquitetónicas, culturais, simbólicas e memoriais desses lugares. Este diálogo entre o passado e o presente possibilita não só a reativação de estruturas edificadas dos núcleos históricos, como também a introdução de novos programas, permitindo a criação de sinergias e possibilitando a devolução destes núcleos à participação ativa na vida e quotidiano da cidade.

2.1 | Memória

Memória em Definição

Todos os seres vivos têm a capacidade de preservar impressões e marcas do seu passado, ou seja, conseguem conservar várias

lembranças. A esta capacidade chamamos memória, a qual tem um papel preponderante na vida do Homem, na medida em que lhe permite conservar experiências de tempo fundamentais para a construção da sua própria identidade.

Aliado à memória podemos falar também do pensamento, e estas duas capacidades cognitivas desenvolvem-se através de diferentes interações sociais e culturais. Ambas irão permitir *"(...) o estabelecimento e a partilha dos conhecimentos, das crenças, das convenções, a compreensão das imagens, de metáforas, a elaboração e a confrontação de raciocínios, a transmissão de emoções, de sensações e de sentimentos. Elas vão também pressionar o aparelho psíquico e estar na origem da censura e da retração de alguns pensamentos ou recordações."* (CANDAU, 2005, p. 25).

Esta definição de memória é de suma importância quando se faz referência ao Historiador Jacques Le Goff, segundo o qual podemos diferenciar dois tipos de sociedades: as de memória escrita e as de memória oral (LE GOFF, 1997). Para as distinguir é importante relembrar as sociedades primitivas, nas quais não havia escrita e a memória coletiva era construída ao longo de várias gerações (oralmente, as gerações mais antigas contavam as suas histórias e dos seus antepassados às novas gerações), e assim representavam o que não foi vivido pelos mais jovens contribuindo para o desenvolvimento do seu saber e para a experiência da sociedade. Tudo isto consta de uma série de processos e estruturas sociais que já se transformaram ao longo dos tempos e que eram determinantes para a influência da identidade de um determinado grupo de indivíduos, mas com o aparecimento da escrita a construção da memória coletiva tornou-se muito mais eminente. As escrituras atribuíram à memória a intemporalidade e um contexto espacial que ultrapassa os limites da partilha oral por parte das comunidades locais.

É de salientar que não existe apenas memória coletiva, há também uma memória mais subjetiva do que objetiva, a memória individual. Esta depende dos sentimentos que advêm das recordações, dos atos conscientes e inconscientes, que o indivíduo vai criando consoante as suas novas experiências de vida e às quais atribui significados e interpretações que poderão vir a alterar memórias mais antigas.

Embora a memória se possa representar como um acontecimento individual ela não deixa de ser um fenómeno coletivo e social, recheada de significados que vão ajudar na construção de uma narrativa sobre o passado. Jacques Le Goff admite que a junção dos domínios individual e coletivo contribuem para a formação de uma memória completa, visto que para se criarem memórias é essencial a comunicação do eu com o outro (LE GOFF, 1997).

Valor da Memória

Inicialmente, considerava-se que a memória apenas se desenvolvia para conferir valor às tradições de uma dada civilização, posteriormente percebeu-se que mais do que isso, a memória é uma faculdade de conhecimento e de conservação de um determinado espaço de tempo. *"A memória acompanha cada instante de uma vida humana: não há nada de conhecido que pertença ao passado e que, por consequência, não tenha sido memorizado."* (CANDAU, 2005, p. 59).

Com esta capacidade o ser humano consegue guardar na consciência as suas lembranças, o que lhe permitirá agir em função delas e melhorar as suas ações presentes e futuras. Regra geral, as lembranças são constituídas pelos momentos mais marcantes da pessoa e em grande parte momentos que foram vividos em grupo (ex: momentos de família, de trabalho ou de lazer com amigos), e todos eles contribuem para uma aprendizagem aprimorada da realidade social que nos circunda.

Parte-se assim do pressuposto que a memória é seletiva, uma vez que nem tudo fica armazenado na nossa mente e que a construção da memória tem um espaço físico fundamental para o processo de criar e recordar memórias. Por outras palavras, é neste espaço que se armazenam as lembranças, criam a memória e permitem, mais tarde relembrá-las.

Posto isto, pode afirmar-se que tanto as relações com os outros como as relações estabelecidas com a arquitetura conduzem à criação de memórias e consequente recordação. *“Sem memória, o sujeito funde-se, vive unicamente o instante, perde as suas capacidades conceptuais e cognitivas. A sua identidade desvanece-se (...)”* (CANDAU, 2005, p. 57).

A noção de identidade pessoal está intimamente ligada à memória e à experiência duradoura, sendo o tempo fundamental na nossa experiência pessoal no mundo. Apesar das novas realidades, é através da memória que atingimos o sentimento de identidade pessoal e nos recordamos do indivíduo, de dia para dia (LOURO, 2016); *“(...) ela define o nosso ser e modela a nossa forma de nos comportarmos.”* (CANDAU, 2005, p. 143).

Pode dizer-se que a memória funciona como suporte de toda a História, uma vez que esta não existiria sem memorização (a História depende de dados memoriais para ser contada). Desta forma, é correto estabelecer uma comparação entre ambas e afirmar que, tanto a memória como a História são representações do passado (CANDAU, 2005), que podem ser fator influenciador do presente e motivo de aprendizagem no futuro. Podemos ainda considerá-las como universos inseparáveis e intrínsecos à Humanidade, na medida em que a História procura revelar as formas do passado enquanto a memória as modela.

Segundo Maurice Halbwachs², *“(...) é dentro do meio*

2 Maurice Halbwachs, filósofo e sociólogo francês, conhecido pela imposição da noção de memória coletiva como conceito explicativo de um certo número de fenómenos relacionados com a memória (1877 – 1945).

social que o Homem normalmente adquire as suas memórias. É também em sociedade que o indivíduo as relembra, reconhece e localiza."³ (HALBWACHS, 1992, p. 38). Para o filósofo francês a memória é encarada como um fenómeno social, que só se constrói coletivamente ao longo do tempo, ou seja, ela depende da relação que existe entre o Homem e a sociedade. Com esta definição, compreende-se que é a experiência do grupo que dá força à memória, conferindo-lhe um sentido de continuidade e estabilidade e solidificando os lugares onde ocorrem todas as experiências humanas. Visto que a memória coletiva se encontra na base da construção da identidade ela irá reforçar os sentimentos de pertença e possibilitar uma garantia de união e continuidade histórica no grupo (RODRIGUES, 2014).

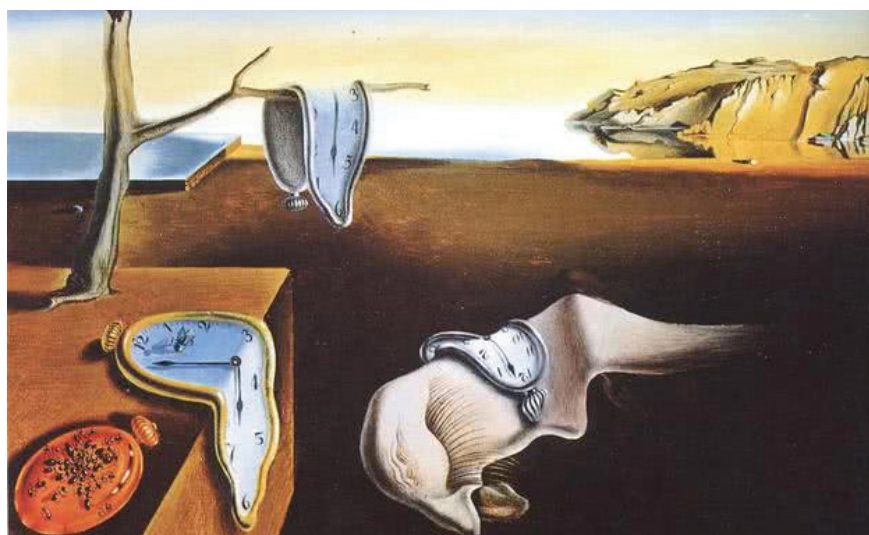


Figura 3 - A Persistência da Memória, Salvador Dalí, 1931

Memória na Arquitetura

A formação da memória pode ainda ser fortemente influenciada pela cultura de uma cidade, isto porque o Homem constrói espaços de acordo com as suas necessidades, objetivos e culturas, o que só é possível se existirem direções referenciais que permitam a organização do seu espaço.

3 Tradução livre da autora de: "it is in society that people normally acquire their memories. It is also in society that they recall, recognize, and localize their memories"

A relação entre o espaço (locus) e os cidadãos torna-se a imagem principal, influenciada pela arquitetura e a paisagem que ajudam a percorrer a história da cidade dando-lhe forma (NORBERG-SCHULZ, 1991).

Neste contexto, o locus é definido como uma relação singular e simultaneamente universal, que existe entre uma determinada situação local e as construções aí presentes.

Desta forma, Norberg-Schulz⁴ considera que o locus é muito mais do que uma localização geográfica, é um conjunto de elementos que transmitem significado e que se refletem na manifestação do *habitat* como suporte da existência do Homem na terra. Para além disto, o autor acrescenta que o locus é uma junção de espaço e carácter, na qual enquadra o espaço num domínio preceptivo que remete para a tridimensionalidade dos elementos caracterizadores de um lugar: a direcção, relação com a envolvente (ou seja, uma ideia de limite) e a noção de escala, que quando relacionados ganham uma dimensão real; e define o carácter como algo mais abstrato que se relaciona com o tempo, as experiências vividas e as memórias.

A relação do Homem com o meio onde vive é considerado um forte suporte existencial que constitui o objetivo da arquitetura. Desta forma, a arquitetura pode ser apresentada como uma história que ganha sentido ao conseguir atravessar todos os tempos unindo a sociedade e a cidade. Assim, é notória a existência de uma relação de vinculação com a memória, a qual é de extrema importância para que o futuro tenha presente os vestígios do seu passado, ou seja, “*(...) a união entre passado e futuro reside na própria ideia da cidade que a percorre, tal como a memória percorre a vida de uma pessoa, e para se concretizar deve sempre conformar, mas também conformar-se na realidade. E esta conformidade permanece nos seus factos únicos, nos seus*

4 Christian Norberg-Schulz foi um arquiteto, teórico e historiador norueguês que refletia sobre a arquitetura fenomenológica.

monumentos, na ideia que temos deles." (ROSSI, 1980, p. 72).

A intervenção arquitetônica suporta-se, portanto, na recuperação da memória do lugar, com o objetivo do reinterpretar, recriar e torná-lo novamente num lugar, visto que são os lugares que se tornam objetos de memória para o indivíduo e para a sua sociedade. Nesta vertente, o arquiteto pode intervir na cidade tanto através de uma nova construção como através da reabilitação de lugares pré-existentes, independentemente da forma de intervenção escolhida a memória está presente, considerando que *"(...) a própria cidade é a memória coletiva dos povos."* (ROSSI, 1980, p. 171).

Todos os edifícios e espaços antigos ou modernos são detentores de memória que refletem, constantemente, ações passadas, presentes e futuras. *"(...) a arquitetura, quando existe em sede urbana, quantas vezes se antecipa ela própria a consciência do nosso desejo para com ela: passeamos pela cidade e de repente lá está ela, correspondente, e como se estivesse à nossa espera."* (ABREU, 2007, p. 11).

A arquitetura não tem de ser um encontro voluntário, tem sim de ser visível e onnipresente na vida quotidiana, não podendo, portanto, ser comparada a outras formas de arte. *"A arquitetura reforça a experiência existencial, a nossa sensação de pertencer ao mundo, e essa é essencialmente uma experiência de reforço de identidade pessoal. Em vez da mera visão, ou dos cinco sentidos clássicos, a arquitetura envolve diversas esferas da experiência sensorial que interagem e fundem entre si."* (PALLASMAA, 2011, p. 39), contribuindo para a construção de memórias.

O valor da memória pode exprimir-se em função da arquitetura, na medida em que esta se assume como essencial na recordação, ligando-se ao sentido de herança dos séculos passados - a arquitetura constrói com o objetivo de durar

mais do que uma geração (RUSKIN, 1849). Compreendendo a existência de relação entre memória e arquitetura é notório que esta molda as nossas experiências e recordações, o que nos permite tomar decisões diariamente.

A arquitetura define o sujeito, influencia a sua identidade e a forma como este encara o mundo, funcionando como um objeto que se regista na memória, não só como matéria, mas também na propriedade invisível, devido às emoções que lhe estão associadas, é por isso que os "(...)lugares podem desencadear memória (...) como participante essencial e insubstituível na vida e na consciência humana, pessoal e social: como instrumento definitivo da preservação da memória." (ABREU, 2007, p. 10).



Figura 4 - Valeria: Double Exposure Photography, Dan Mountford, 2016

2.2 | A Identidade

"Como pode a identidade de um povo permanecer incólume, se a sua memória lhe é retirada?" (FERREIRA-ALVES, 2005, p. 22).

A identidade de um lugar é definida pelas memórias que o caracterizam e que permitem a sua integração tanto em contextos urbanos como rurais, mas acima de tudo contextos produtivos e económicos. Acrescentando que, *"(...) a identidade é o nível a que uma pessoa consegue reconhecer ou recordar um local como sendo distinto de outros locais – como tendo um carácter próprio, vivido, único, ou pelo menos particular."* (LYNCH, 2007, p. 127).

Tal como a cidade, esta identidade deve ser evolutiva, de forma a não estagnar no tempo perante o risco da vida urbana, e a ligação existente com o restante território, se perder e se tornar pouco significativa. Isto porque, *"(...) pouca memória pode conduzir ao abuso do esquecimento, ao apagamento da história."* (AGUIAR, 2005, p. 126), ou seja, quando a memória é fraca e pouco sustentada a identidade dos lugares pode ser prejudicada.

Assim, compreende-se uma forte ligação entre a memória e a identidade, bem como a própria história do lugar, que lhe confere importância. É comum, a conservação da memória nas cidades representar-se pelo seu núcleo histórico, mesmo que em alguns casos este possa não possuir uma representação edificada. Em contraste, os lugares que não evidenciam o seu passado são considerados excessivamente contemporâneos. Desta forma, define-se a memória das cidades, não só como um conjunto de monumentos embrionários da cidade, mas também como o conjunto de transformações urbanas que nela foram ocorrendo.

A componente interna, de carácter pessoal e único, permite que os espaços se transformem em "lugares" quando repletos de significado, por via das experiências vividas (TUAN, 1977). No mesmo sentido, Eisenhauer, sustenta que *"(...) em essência as pessoas conferem significado sobre o ambiente nas formas que refletem as suas experiências sociais e culturais."* (EISENHAUER et al., 2000, p. 422). Por outro lado, a componente externa é constituída

pelo espaço onde ocorrem as interações e as experiências, ligando os sujeitos aos lugares pelas características físicas de excelência que apresentam (SHUMAKER e TAYLOR, 1983). Tuan realça esta natureza física do lugar como *"(...) fundamentada nos aspectos do ambiente que podemos apreciar através dos sentidos e do movimento: cor, textura, relevo, qualidade e luz, sensação do vento, sons e aromas trazidos pelo vento."* (RYDEN, 1993, p. 38).

A verdade, é que a natureza do espaço físico influencia substancialmente a natureza do lugar criado (SHILDS, 1991) e, neste contexto, as características históricas, culturais, sociais, ecológicas e físicas contribuem, decisivamente, para a criação do significado de lugar. Este novo paradigma urbanístico e arquitetônico atribui aos centros históricos uma função de atração turística que pressupõe a recuperação dos referentes identitários do espaço. Por isso mesmo, contextualizar o lugar em estudo na contemporaneidade não pode deixar de considerar uma abordagem histórica que permita restituir ao espaço as memórias, identidades e significações, assim como a sua mobilização na contemporaneidade.

2.3 | Património

Património, *"(...) esta bela e muito antiga palavra (...)"* (CHOAY, 1982, p. 11), deriva do latim *patrimonium* e une o conceito de pai (*patri*) ao conceito de algo recebido (*monium*), significando no seu todo *"herança paterna"* (CARNEIRO, 2009). Desta forma, surge como uma forma de passar uma herança às gerações futuras, estando *"(...) ligada às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no tempo e no espaço. Requalificada por diversos adjetivos (genético, natural, histórico, etc.) que fizeram dela um conceito 'nômade', ela segue hoje uma trajetória diferente e retumbante."* (CHOAY, 1982, p. 11). No fundo, *"(...) é o produto de um trabalho de memória que, com o tempo e segundo critérios muito variáveis, seleciona certos*

elementos herdados do passado para os arrumar na categoria dos objetos patrimoniais." (CANDAU, 2005, p. 148). Os critérios que estão na base da construção de um objeto patrimonial são *"(...) laços afetivos, sentimentos de urgência, preocupação com a edificação das gerações futuras, solicitações tecnológicas (pressões ou influências da «cibercultura» e dos dispositivos multimédia), interesse religioso, intelectual, estético, político ou económico, ou, ainda, a antiguidade do objeto."* (CANDAU, 2005, p. 149), ou seja, estes critérios dizem respeito a um conjunto de bens de valor material e imaterial⁵.

Segundo Françoise Choay (1982), o património atual resulta do acumular de épocas, mas sobretudo é consequência das transformações políticas, sociais e económicas que se manifestam ao longo de vários anos, e no âmbito da conservação do património edificado traduzem-se na descoberta dos múltiplos valores do monumento histórico.

Até ao século XIX, a noção de património atribuía aos monumentos valor histórico, razão pela qual lhes eram dados alguns direitos de conservação e proteção. No entanto, só a partir desta época é que se começam a manifestar, de forma premeditada e explícita a nível técnico e científico, os cuidados e as preocupações relacionadas com o restauro e a conservação do património.

É de referir que, o conceito de património também se relaciona com a materialidade da identidade, isto é, *"Património e identidade são dois conceitos intimamente relacionados. (...) a identidade como a "essência" de um determinado coletivo humano; o património como a sua manifestação "natural", que sobrevive ao decurso do tempo e que é preciso resgatar e preservar a todo o*

⁵ Património Material (tangível): encontra-se diretamente ligado às áreas da arqueologia, paisagismo, etnografia, arquitetura, história, e pode subdividir-se em bens imóveis (núcleos urbanos, edificados e bens individuais). Património Imaterial (intangível): está associado às tradições de cada comunidade (práticas, conhecimentos, técnicas), que a caracterizam em sociedade ou individualmente. Fonte: <https://goo.gl/q2Bf3R> (Consultado em: 27/10/2018).

custo." (MARTINS, 2011, p. 36).

De acordo com Silva (2000), o património e as ativações dos referentes patrimoniais são considerados como uma construção social, com representações simbólicas da identidade. Neste sentido, o património assume um papel de recordação das sociedades e regista na memória os testemunhos e vivências das diferentes épocas.

Em suma, pode ser considerado como um processo simbólico, social e cultural, de determinados objetos que conferem a um grupo um sentimento de identidade coletiva. É através dos símbolos, que propagam a transmissão cultural, que o ser humano reforça esse sentimento, e assim, mantém uma sensação reconfortante de permanência no espaço. Assim, o futuro é um destino essencialmente incerto e o presente é um instante fugaz, portanto é através dos objetos do passado que sentimentos estabilidade, pois "(...) *a única certeza que o ser humano possui é a verdade irrefutável do passado.*" (SILVA, 2000, p. 219).

"O conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica. A identificação e a valorização destas obras como património é, assim, um processo que implica a selecção de valores." (Carta de Cracóvia, 2000, p. 5).



Figura 5 - Cidadela de Aleppo antes da Guerra - Património Mundial, Ed Kashi, 2012.

2.4 | Valor Cultural

O património é hereditário, histórico, identitário – mas é, acima de tudo, cultural.

Se considerarmos que o património resulta das ações do homem, então a cultura constrói-se através da sua mente, e é utilizada sob diversas formas e elementos do quotidiano, desde os costumes, crenças e hábitos de um povo, até às diversas formas de expressão artística e aos saberes produzidos por determinado grupo. Desta forma, criam-se diversos segmentos materiais e imateriais associados, sempre, ao conceito de património.

Ainda que se utilize, várias vezes, património no sentido de património cultural, estes conceitos não são totalmente iguais. O primeiro apresenta um sentido mais restrito, familiar e individual, fazendo referência ao contexto privado e particular, enquanto o segundo apresenta um sentido público, comunitário e de identificação coletiva alargada. Além disso, o património cultural mantém uma relação metafórica e metonímica com a cultura, independentemente das noções que a classificam e distinguem (PEREIRO, 2006).

Fazendo agora uma distinção entre património cultural e cultura, temos de considerar que não "(...) *podemos patrimonializar nem conservar tudo*" (PEREIRO, 2006, p. 24) o que seja da cultura, pelo que o património cultural se manifesta na representação da cultura através da transformação do valor dos elementos culturais, ou seja, é uma representação simbólica da cultura, e por isso resulta dos processos de seleção e de negociação dos significados. Além disso, o património cultural tende a fixar alguma permanência, quando pelo contrário a cultura está em constante mudança. Embora possa ser, estudada e conhecida, se fosse patrimonializada estaríamos condenados a viver exatamente igual aos nossos antepassados.

Apesar das diferenças entre si, ambos proporcionam ao Homem momentos de recordação e prazer, assumindo uma posição no presente, no passado e no futuro. Assim, pode afirmar-se que a cultura é *"(...) o conjunto complexo das características distintivas espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam uma sociedade ou grupo social; inclui não só as artes e letras, mas também os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, tradições e crenças."*⁶ (UNESCO, 1982, p. 41). É *"(...) através da cultura que o homem se exprime, se torna consciente de si próprio, reconhece-se como um projecto inacabado, questiona as suas próprias realizações, procura incansavelmente novos significados e cria obras pelas quais transcende as suas próprias limitações."* (GOMES, 2001, p. 35). Assim, a cultura torna-se um elemento que influencia o desenvolvimento, que tem como objetivo o bem-estar, assim como a realização pessoal de cada um.

Com o passar do tempo, a população foi tendo consciência da necessidade de preservar o seu passado, a sua memória e proteger da destruição monumentos cheios de significados. Por vezes, deparamo-nos com realidades catastróficas: por um lado, guerras que assolaram o mundo, com particular destaque da guerra na Síria, existente desde 2011, uma parte substancial daquilo que designamos por património, foi violentamente afetado, com a destruição parcial ou total de núcleos urbanos importantes; por outro lado, o pouco conhecimento das populações e a falta de preocupação dos políticos, consumaram de forma trágica o desaparecimento a diversos níveis, de toda uma série de estruturas que consideramos vitais para a compreensão do verdadeiro significado de herança cultural.

A UNESCO, o Conselho da Europa e o ICOMOS são as

6 Tradução livre da autora de: "the whole complex of distinctive spiritual, material, intellectual and emotional features that characterize a society or social group. It includes not only the arts and letters, but also modes of life, the fundamental rights of the human being, value systems, traditions and beliefs"

três organizações internacionais mais importantes na proteção do património, indo a UNESCO um pouco mais longe nas suas preocupações de salvaguarda uma vez que atua de forma mais abrangente.

No início do século XXI, a UNESCO publicou a Lista de Obras Primas do Património Oral e Intangível da Humanidade, de acordo com o Conselho Consultivo da UNESCO, os critérios de inclusão desta lista seguem as justificativas de que os bens que nela se apresentam possuem uma "*(...) expressão cultural tradicional e popular de excepcional valor do ponto de vista histórico, artístico, etnológico, antropológico, lingüístico ou literário.*" (UNESCO, 2001, p. 12). De salientar que, 85% dos bens contemplados na lista foram inscritos com base nesses critérios e pertencem às chamadas culturas tradicionais e populares dos continentes asiático, africano e latino-americano.

Pode então concluir-se que, quando se realiza uma intervenção arquitetónica é inevitável que surjam questões que possam, ou não, ter valor cultural para a sociedade e para a cidade onde se intervém, as quais devem ser consideradas de maneira a garantir a funcionalidade da intervenção com os valores contemporâneos e mantendo sempre presente a preservação da memória e identidade do local.



Figura 6 - Um *Souq* textil em Aleppo, rusticus80, 2007.

3 |

PROJETOS DE REFERÊNCIA

Para a criação de uma proposta na cidade de Aleppo, através da reconstrução dos *Souqs*, procurou-se alguns exemplos arquitetônicos com conceitos, espaços, ideias ou funções semelhantes, que fossem inspirações para a criação de uma proposta mais sólida e coesa.

O *Souq* Al-Hamidiyeh, em Damasco, o *Khan El-Khalili*, no Cairo, e o Grand Bazaar, em Istambul, foram escolhidos para serem estudados com detalhe.

3.1 | Souk Al-Hamidiyeh - Damasco



Figura 7 - Entrada ocidental do Souk al-Hamidiyeh, Bernard Gagnon, 2010.



Figura 8 - Entrada do Souk al-Hamidiyeh, High Contrast, 2012.



Figura 9 - Interior do Souk al-Hamidiyeh, Autor desconhecido, 2009.

O *Souq* Al-Hamidiyeh está localizado dentro da cidade antiga de Damasco, na Síria, ao lado da cidadela, tal como o Al Medina *Souq*. Considerado Patrimônio Mundial da UNESCO, com início na rua Al-Thawra e término na praça da Mesquita Umayyad. Tem aproximadamente 600 metros de comprimento, 15 metros de largura, e é coberto por um arco de metal de 10 metros de altura e cheio de aberturas que deixam entrar raios de luz (The Arab weekly, 2015). Tanto à sua direita como à sua esquerda encontram-se duas longas filas de lojas que abrangem o longo mercado coberto, que conduzem ao coração da velha Damasco.

Este *Souq* assemelha-se a algumas passagens ocidentais, mas mantém a sua identidade no Médio Oriente. O caminho principal é, por norma, muito movimentado por visitantes e turistas (ALWAGHT, 2016). Aqui, podem encontrar-se vários produtos básicos como têxteis coloridos, tapetes de seda, especiarias, perfumes, doces sírios e sabonetes.

No interior, encontram-se vários caminhos sinuosos que o levam a um “labirinto” de ruas secundárias, mas a rua empedrada Straight Street, por ser a mais central, está sempre a poucos metros de distância.



Figura 10 - Interior Souk Al-Hamidiyeh com entradas de luz, Maher Al Mounes, 2017.



Figura 11 - Cobertura do Souk al-Hamidiyeh, Autor Desconhecido



Figura 12 - Interior do Souk al-Hamidiyeh, Autor Desconhecido

3.2 | Khan El-Khalili - Cairo



Figura 13 - Exterior do Khan El-Khalili, Chris Ford, 2010.



Figura 14 - Interior do Khan El-Khalili, Enas Salah, 2015.



Figura 15 - Bab al-Ghuri, um portão no Khan El-Khalili, Joel Suganth, 2009.



Figura 16 - Loja do Khan El-Khalili, Florence Troin, 2015.

O Khan El-Khalili localiza-se no centro da cidade do Cairo, capital do Egito, e é uma área comercial antiga, com ruelas estreitas repletas de milhares de tendas pequenas cheias de pessoas.

Junto ao mercado de Al-Muski, a oeste, forma-se a mais importante área de compras da cidade. Mas, mais que isso, representa a tradição que converteu o Cairo num centro importante de comércio, ao dar aos comerciantes estrangeiros um lugar fixo para exporem as suas mercadorias (WILLIAMS, 2008).

Nas ruelas do Khan El-Khalili podem encontrar-se artesanatos manuais, dos mais simples aos mais elaborados, perfumes, alimentos, especiarias, joias, lembranças dos mais variados géneros e sabão. É sem dúvida um dos lugares mais exóticos do Egito, e que o caracteriza tanto no seu passado como no presente (WILLIAMS, 2008).

A meio deste mercado árabe ouvem-se vozes, veem animais e barracas de alimentos para todos os gostos, deixando no ar um cheiro próprio e inesquecível de especiarias. Num constante ir e vir de pessoas de todas as partes do mundo é possível observar artistas de vários géneros a oferecer os seus trabalhos manuais.

Este Khan foi criado em 1382, quando Emir Burjida Dyaharks El-Jalili construiu um caravanserai no local, isto é, um restaurante para todos os comerciantes ambulantes e um foco de atividade económica para os arredores. Um outro local muito apreciado é o café El-Fishawi, aberto 24 horas há 200 anos, é um lugar de reuniões para os artistas locais, célebre por ter sido frequentado por Naguib Mahfuz, um dos autores mais conhecidos do Egito (RAYMOND, 1993).

A par de tudo isto, pode ainda acompanhar-se a elaboração de um objeto artesanal, passo a passo, bem como, observar homens vestidos com as suas túnicas e os seus turbantes a discutir exaltados compras e vendas de mercadorias, ou outros sentados nas calçadas a refletir na vida e a fumar enquanto observam o movimento diário.

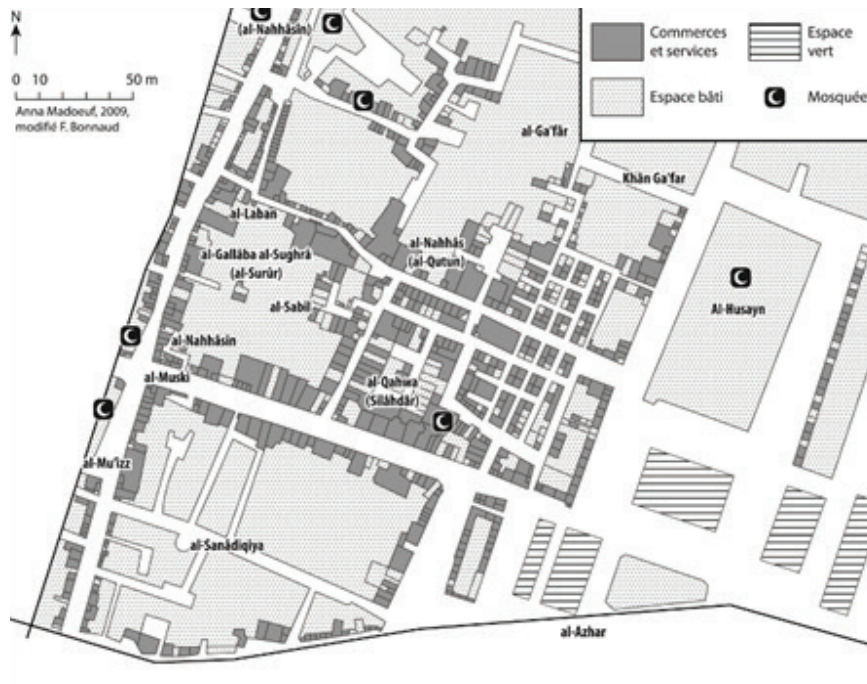


Figura 17 - Planta do Khan El-Khalili, Anna Madoeuf, 2009.

3.3 | Grand Bazaar - Istambul

O Grande Bazar é talvez dos maiores e mais antigos mercados cobertos do mundo, localizado no bairro histórico de Eminönü, na cidade de Istambul, Turquia.

Em funcionamento desde 1461, é muito conhecido pela joalheria, cerâmica, especiarias e tapetes, sendo constituído 61 ruas cobertas, agrupadas por tipos de mercadorias, com mais de 4.000 lojas. Estima-se que tenha cerca de 20.000 trabalhadores e que diariamente atrai entre 250.000 a 400.000 visitantes (MÜLLER-WIENER, 1977).

O Bazar situa-se na parte mais alta de uma grande área comercial que ocupa toda a encosta sul do Corno de Ouro, onde

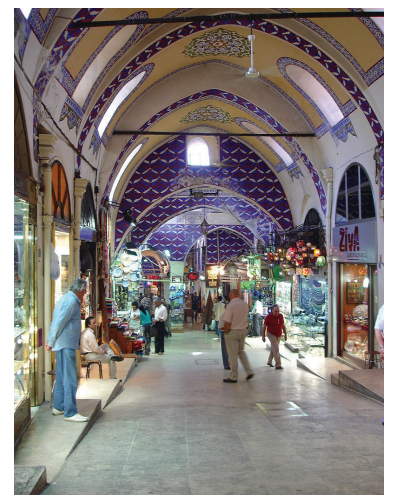


Figura 18 - Interior do Grand Bazaar, Giovanni Dall'Orto, 2006



Figura 19 - Interior do Grand Bazaar, Alen Daldabanoğlu, 2009



Figura 20 - Vista Aérea do Bedesten mais antigo do Grand Bazaar, Autor desconhecido

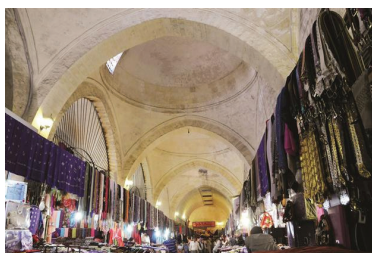


Figura 21 - Interior do Bedesten mais antigo do Grand Bazaar, Autor desconhecido, 2011

os navios atracavam no passado para abastecer Istambul. Mais especificamente, encontra-se localizado entre as mesquitas de Nuruosmaniye e de Bajazeto II, muito perto de Divanyolu, a avenida principal da cidade antiga.

No centro do Grande Bazar encontram-se dois bedestens. Estes edifícios são destinados a comercializar e armazenar mercadorias, especialmente as de maior valor e que necessitam de mais segurança. São característicos pelas suas construções em paredes em alvenaria de cascalho, pilares em pedra e abóbadas e arcadas em tijolo, as quais são ligadas por traves. As portas são em ferro e ornamentadas com pregos (GÜLERSOY, 1980).

O bedesten mais antigo está situado no centro da parte coberta da cidade e consiste num conjunto de 44 celas de alvenaria à volta de um pátio retangular (de 45,3m por 29,4m), este conjunto é coberto com três filas cada uma de cinco abóbadas. O teto é suportado por duas filas de oito pilares e coroado por pequenas cúpulas no exterior enquanto o interior é iluminado por janelas na parte superior das paredes, as quais estão unidas por passarelas elevadas feitas em madeira. Quanto às paredes exteriores, estas encontram-se rodeadas por 56 lojas, e no centro de cada fachada há um portão, com uma rua de todos eles, o que faz com que a maioria das ruas do bazar se encontrem alinhadas com as paredes deste bedesten.

O segundo bedesten, fica a sudeste do primeiro, junto aos limites exteriores e à mesquita Nuruosmaniye. É um recinto retangular rodeado por muros e coberto por quatro filas de cinco pequenas cúpulas que são suportadas por doze pilares.

Os bedestens ocupam apenas uma pequena parte deste enorme mercado, onde, além de centenas de lojas e hans, existem cafés, restaurantes, pequenas mesquitas, fontes, bancos, uma estação de correios, um posto médico e uma

esquadra de polícia, sendo atribuída a cada rua do mercado um nome correspondente às atividades que aí se desenvolvem (GÜLERSOY, 1980).

Antigamente, o Grande Bazar funcionava como um mercado de distribuição, por onde passava a maioria das mercadorias antes de serem distribuídas para outros mercados da cidade ou chegarem às oficinas dos artesãos.

O recinto do Grand Bazar tem quatro entradas, uma em cada um dos extremos das ruas principais: com orientação norte-sul, encontra-se a Yağlıkçılar e com orientação leste-oeste, a Kalpakçılar, as quais se cruzam perto da esquina sudoeste. Em cada uma das entradas exteriores há um grande portão de ferro (GÜLERSOY, 1980).



Figura 22 - Entrada Kalpakçılar do Grand Bazar, Mikestravelguide,



Figura 23 - Vista aérea do Grand Bazar Autor Desconhecido

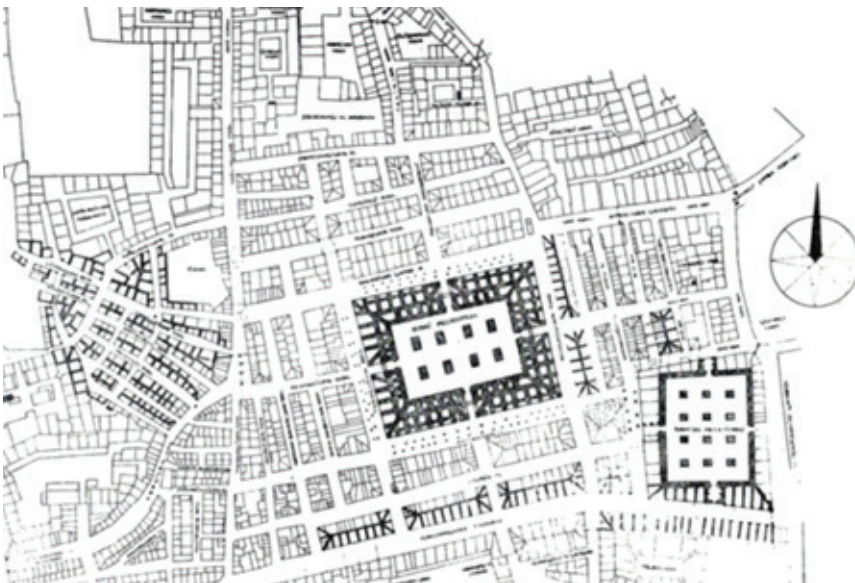


Figura 24 - Planta do Grand Bazaar, Cezar, 1983.

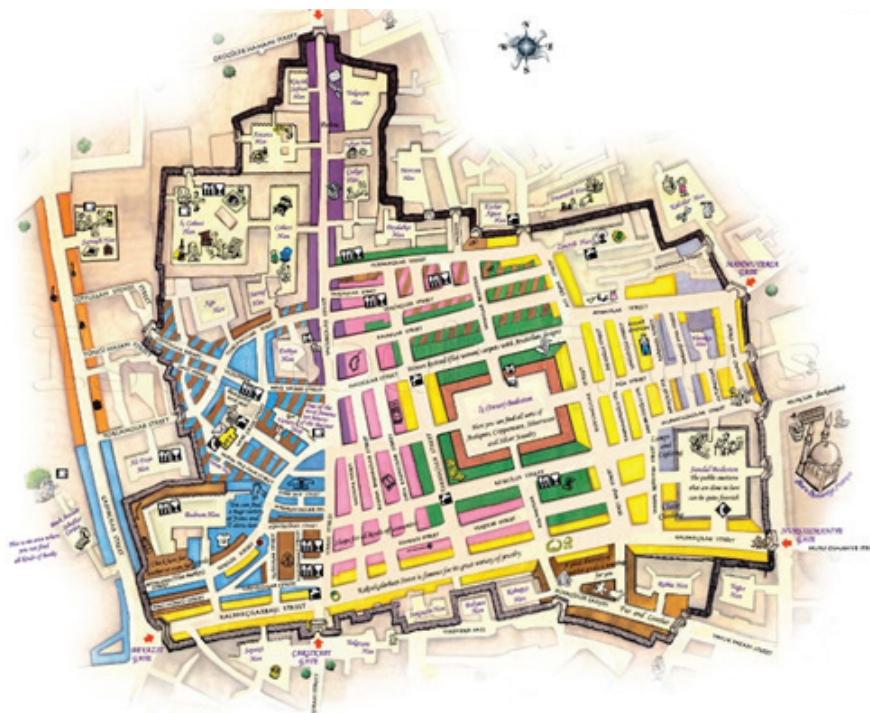


Figura 25 - Planta Organizacional do Grand Bazaar, Autor desconhecido, 2009

Com a análise destes três projetos, podemos concluir que estas áreas comerciais estão normalmente localizadas no centro histórico da cidade, junto a monumentos de grande importância, tal como mesquitas ou cidadelas. São normalmente estruturas cobertas com abobadas ou arcos, com entradas pontuais de luz.

Para além das lojas, existem estruturas de apoio ao comércio, espalhadas pontualmente, que tornam estes locais mais ricos arquitetonicamente. Podemos verificar também que em todos estes exemplos caracterizam as suas ruas como labirínticas e estreitas, cheias de visitantes ou turistas, onde aqui podem encontrar uma variedade de produtos, tais como: sabão, especiarias, têxteis, perfumes, doces, joalharia, cerâmica e ainda workshops⁷ próprios de acordo com o que cada loja vende.

Com toda esta variedade de produtos conjugada com a grande movimentação de pessoas, as ruas destes *souqs* tornam-se inesquecíveis, tanto pelos cheiros, pelos sons e pela arquitetura.

⁷ Oficina de trabalho, onde um grupo de indivíduos procura aperfeiçoar conhecimentos sobre um determinado projeto ou atividade, especialmente por meio prático.



Figura 26 - Fotografia da cidade de Aleppo, Autor Desconhecido, 1993

4 |

CASO DE ESTUDO: ALEPO

Neste capítulo será analisado o caso de estudo na cidade de Aleppo, abordando a temática de evolução urbana com uma acentuação na atividade comercial. Parte da história inicial da evolução de Aleppo está tratada no capítulo 1 - Introdução, e neste capítulo far-se-á uma análise e evolução posterior até à atualidade.



Figura 27 - Viagem para Meca, Autor Desconhecido, 1438.



Figura 28 - Viagem para Meca de Camelo, American Colony, 1910.



Figura 29 - Mapa rota de caravanas do Hajj, Matt Bigg.

4.1 | A evolução urbana e do comércio na Síria

Entre o século XIII e o século XVI o mundo islâmico assumiu, rapidamente, uma posição incontestável no comércio continental, desde o Norte de África até à Ásia Central, devido ao aumento da procura de produtos de luxo (e.g., especiarias, incenso, roupas elegantes, tapetes, pedras preciosas, etc.) por parte da Europa Medieval. Estes produtos eram produzidos por artesãos locais ou transportados do Médio Oriente.

Quando eram transportados, as rotas de caravanas do Hajj, passavam por estações intermediárias como Tunis, Cairo, Bagdá e Damasco antes de atracarem em Meca, onde se estabelecia uma rede de igual importância com fortes ligações religiosas e económicas. Esta situação sofreu algumas alterações no século XVI com a descoberta da rota marítima para a Índia em torno de África, a qual proporcionou à Europa uma alternativa para alcançar os mercados do extremo Oriente, fugindo aos domínios muçulmanos (BIANCA, 2000).

No entanto, os pontos comerciais antigos de Damasco, Aleppo, Cairo, Isfahan ou Samarkand continuaram a ser importantes pontos de comércio inter-regionais e internacionais, devido à sua localização geográfica. A maioria destas cidades do ocidente eram consideradas como rotas, importantes e convenientes, de caravanas que atravessavam as vastas áreas do deserto do Médio Oriente, por outro lado os seus mercados regionais, além de serem uma solução para a produção local,

também eram equipados para armazenar mercadorias, para comércio grossista e inspeção de produtos importados. Assim, compreende-se que, desde os primeiros dias, o comércio se tornou vital na vida dos muçulmanos, com os mercados a ocuparem uma posição predominante no centro das cidades, bem como as mesquitas e edifícios de bem-estar social relacionados.

Atendendo a esta posição predominante e próxima, estabeleceu-se uma forte interação entre atividades religiosas e comerciais, a qual foi explicitamente aprovada pelo Alcorão⁸, e tornou-se característica das cidades tradicionais muçulmanas, recorrendo a Meca como exemplo desta tradição, uma vez que a cidade mais do que um antigo lugar de peregrinação, era um grande centro de comércio de caravanas (BIANCA, 2000).

O mercado central das grandes cidades fornecia os pontos de venda para a rede de comércio internacional, mas existia um sistema mais modesto de mercados locais, ancorados em lugares antigos e que operavam desde os primeiros tempos do islão. Estes mercados funcionavam entre cidades, vilas, ou até mesmo à beira do deserto e, por norma, estavam cercados por paredes num cenário bastante informal, onde se expunham as mercadorias no chão ou eram cobertas por tendas improvisadas. Em alguns casos, estes mercados informais estendiam-se ao domínio urbano, com vendedores ambulantes a beneficiar dos percursos pedestres nas principais ruas e perto de mesquitas. Atualmente, este é um hábito muito comum em grande parte das cidades muçulmanas, incluindo Meca e Medina, onde os peregrinos vendem as especialidades dos seus países de origem, com o objetivo de fazer negócios e recuperar alguns dos custos de viagem (BIANCA, 2000).

8 Alcorão - livro sagrado dos muçulmanos, onde estão especificados os códigos morais, religiosos e políticos deste povo.



Figura 30 - Mesquita Umayyade, Autor Desconhecido, 2006.

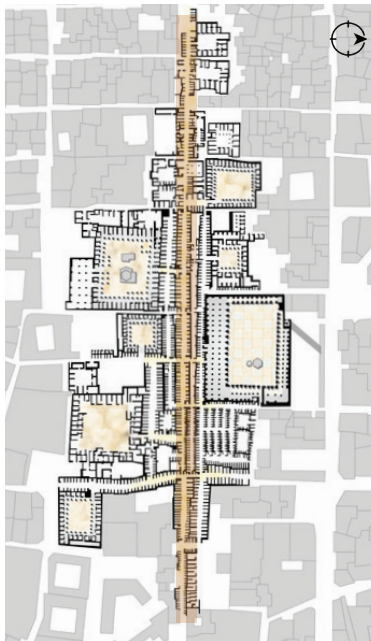


Figura 31 - Avenida principal do Al-Madina Souq, Weldon Pries, 2016.

4.2 | A evolução urbana e do comércio em Aleppo

Antigamente, a estrutura de Aleppo era definida por uma avenida principal reta que ligava o portão oeste da cidade com a colina da cidadela. Tal como na cidade Damasco, o caráter especial de Aleppo deve-se ao fato de que a estrutura da cidade islâmica foi construída sobre uma estrutura Romano-Helenística retilínea que, desde o período Umayyad, foi sendo gradualmente transformada e adaptada às necessidades dos novos ocupantes, mas sem perder completamente as evidências de seu padrão anterior, particularmente nos distritos centrais dentro da muralha (BIANCA, 2000).

Quando preparavam os terrenos para a construção da mesquita Umayyad, os comerciantes residentes foram deslocados para uma estrutura separada e fechada, perto do portão oeste. Simultaneamente, a avenida principal foi invadida por vendedores de rua, que começaram a ocupar as baías das arcadas laterais e a parte central da avenida, que já não sendo usada por carroças, oferecia espaço em abundância para a circulação de pedestres (BIANCA, 2000).

Tudo isto levou ao aumento significativo do comércio, que por sua vez despertou a necessidade de melhorias na construção, nomeadamente ruas paralelas de pequenas barracas e cabanas, que acabaram por crescer e dividir a avenida mais larga em ruas paralelas mais pequenas. Mais tarde no período Umayyad, surgiram as primeiras estruturas arquitetónicas denominadas por *Souqs*. Hisham (724-743 d. C.), ordenou o governador em Medina, a construir uma estrutura de dois andares rodeada com arcadas e portões para proteger o mercado central, mantendo a estrutura aditiva de pequenas lojas modelares e os trilhos pedestres existentes.

Podemos caracterizar este tipo de comércio como comércio tradicional. Com base no estudo de Fernandes,

Cachinho e Ribeiro (2000), a designação comércio tradicional é a mais comum e a que melhor é percebida pelos consumidores para identificar o pequeno comércio. Este é uma forma de compra e venda num ambiente de proximidade entre vendedor e cliente, a qual só se verifica em locais de pequena e média dimensão, onde vamos e compramos através de uma base sólida de confiança, tanto na qualidade como na escolha seletiva dos produtos. Constitui um património insubstituível das vilas e cidades de um país e é parte integrante da memória coletiva das populações.

Como o caso deste *Souq*, muitas outras localidades desenvolveram-se a partir das suas zonas comerciais. Este tipo de comércio absorve uma boa parte da mão-de-obra ativa da população e representa ainda, um apoio fundamental ao sector turístico. Para os habitantes de Aleppo o comércio marca a História, a identidade, a cultura, a vivência. A importância da atividade comercial é, assim, um dado adquirido, sendo o seu contributo uma peça chave para a economia da região.

Principais Características

A maioria das lojas eram compostas por armários simples, que tinham que ser abertos a partir da passagem e tinham apenas capacidade para acomodar o dono da loja e os seus produtos básicos. Muitas vezes, o dono da loja sentava-se num banco alto, de forma a poder observar com facilidade o fluxo de potenciais clientes que se aproximavam, e para os atrair exibia os seus produtos, colocando-os no espaço público. Mesmo que os visitantes deste espaço estivessem apenas de passagem, era difícil não encontrarem algo que lhes chamasse a atenção devido à confusão do espaço e à abundante oferta. O ato de pedinchar e de negociar com trocas por outros produtos, é uma tradição deste local.



Figura 32 - Um *Souq* em Aleppo, Autor Desconhecido, 2012.



Figura 33 - *Souqs* exteriores em Aleppo, Jack Malipan, 2012.



Figura 34 - *Souqs* exteriores em Aleppo, Wooyoung Kho, 2008



Figura 35 - Pátio do Khan Al Nahasin em Aleppo, Jürgen Feuerer, 2008.

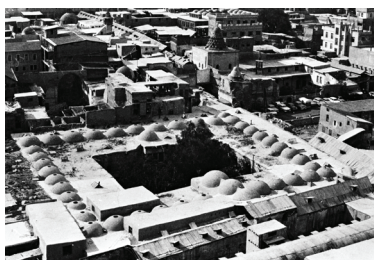


Figura 36 - Vista superior do Khan al-Harir em Aleppo, Autor Desconhecido, 1968.



Figura 37 - Interior do Khan Vizir em Aleppo, Autor Desconhecido, Séc. 19.



Figura 38 - Interior do Al-Madina Souq, Fulvio Spada, 2010.

Geralmente, em espaços exteriores, cada loja tinha um toldo que se projetava na rua para criar uma pequena antecâmara protegida, onde as pessoas se podiam encontrar, sentar, negociar ou conversar protegidas pelo toldo. Com isto, o *Souq* transformou as ruas num dos principais locais de reunião social, que, para além da sua posição comercial, também se tornou no maior centro de trocas de todo o tipo de produtos (BIANCA, 2000).

Em termos espaciais, existia a possibilidade de se formarem séries lineares de lojas individuais ao longo dos dois lados das vias pedestres, que poderiam ser subdivididas em seções individuais e interconectadas, ou em torno de um pátio fechado, com um único ponto de acesso, que deu origem a esta forma labiríntica. O espaço aberto foi controlado e mantido pela respetiva unidade comercial ou de produção, que tinha de autorizar o acesso público ao espaço ocupado. Cada uma das unidades foi protegida com portões que podiam ser fechados à noite, o que conduziu diversas vezes à interrupção dos acessos ao mercado central ou às seções comerciais.

A composição angular produziu “buracos” espaciais em vez de sequências lineares, dando origem à formação da típica estrutura caravancera, que, geralmente, é utilizada para armazenamento dos produtos, produção e alojamento. Os nomes dados a essas estruturas variam de região para região: na Pérsia e na maioria do Médio Oriente denomina-se “khan”, no Egipto “wakalla”, no Maghreb “funduq” e no Yemen “samsara”. Devido às suas seções de paredes cerâmicas apertadas e ao pátio central, os caravancerais, eram estruturas independentes (como no caso dos khans isolados que ofereciam abrigo ao longo das maiores rotas) ou podiam ser integrados no tecido urbano. O portão de entrada dos principais Khans podia ser conectado com uma cúpula que cobria a parte da frente, o que muitas vezes originou a formação de nós estratégicos nos *Souqs*

(BIANCA, 2000).

Por norma, os Khans apresentavam o dobro ou o triplo da estrutura, com um pórtico e galerias superiores, com uma variedade de funções: no piso térreo podiam encontrar-se espaços de armazenamento para comerciantes locais ou visitantes e, quando necessário, estábulos para animais; no primeiro andar, localizavam-se os escritórios e oficinas e, nos níveis mais altos, geralmente existiam quartos que podiam ser alugados por visitantes e comerciantes. Desta forma, os Khans foram essenciais para os *Souqs*, com todas as facilidades de suporte necessárias.

No entanto, a contribuição mais importante para a cidade foi a integração do espaço aberto que, a poucos passos das ruas lotadas dos *Souqs*, permitiu uma mudança de ambiente, isto porque a maioria dos *Souqs* centrais tendiam a ser cobertos com estruturas abobadas com claraboias para a entrada de luz natural, telhados de giz ou com outras técnicas improvisadas para a criação de sombra, e o contraste entre estas seções fechadas e as ilhas de espaço aberto oferecidas pelos pátios dos Khans, foi uma fonte de enriquecimento para a paisagem urbana (BIANCA, 2000).

O espaço público do centro da cidade era dominado pela mesquita, pelo que era comum observarem-se certas hierarquias comerciais em relação a esta, que se refletiam nas preferências de locais. Embora não existissem regras formais a este respeito, era natural que a limpeza exigida no espaço de oração excluísse todas as transações de produtos poluentes nas imediações da mesquita. Aqui, os negócios preferidos eram os que se ligavam a assuntos nobres, como perfumes e especiarias, ou os que se relacionavam com as funções da mesquita, tais como manuscritos, coleções de livros, artigos preciosos e importados e os melhores artigos produzidos localmente (BIANCA, 2000). Assim, estabeleceu-se uma geografia básica nos *Souqs* que

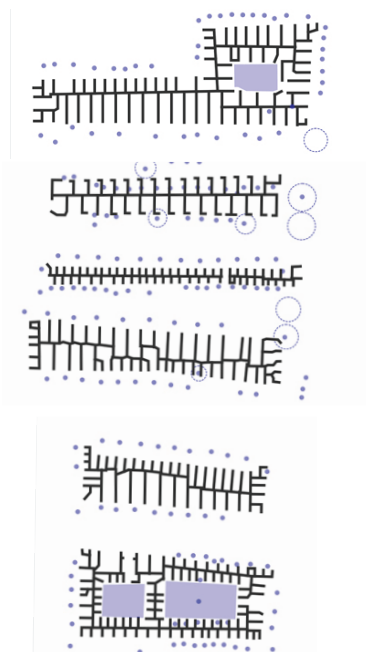


Figura 39 - Estudo de mapeamento de clarabóias do Al-Madina Souq, Frederik, 2011

permitiu uma orientação mais fácil dentro dos compartimentos, uma vez que cada ramo comercial era concentrado em locais específicos. Existiam como realidade social e tiveram um impacto significativo no uso da cidade.

As matérias primas como a madeira, produtos agrícolas e gado eram vendidas em mercados especiais abertos na periferia da cidade, dentro ou fora dos portões, passando depois por uma etapa de processamento ou armazenamento em áreas próximas aos portões, onde podiam estar disponíveis espaços abertos ou grandes armazéns.

Alguns materiais necessários aos artesãos, como argila e lima, estavam disponíveis dentro das cidades, mas os porteiros e os seus fornos tiveram que permanecer na periferia. A cadeia de produção de têxteis e de couro, dependia de peles cruas que necessitavam de ser bronzeadas, aparadas e tingidas, processos estes que estavam sujeitos à disponibilidade de água, o que significava muitas vezes que os compromissos tinham que ser feitos com outros utilizadores ou com áreas residenciais adjacentes. Por outro lado, a produção doméstica interagia, em alguns pontos, com atividades comerciais, as famílias vendiam a sua produção ou materiais necessários para o artesanato, que posteriormente seriam vendidos de novo no mercado.

O intercâmbio entre as diferentes cadeias de fabricação moldou a complexa sequência de produção e venda, que culminou na venda de produtos refinados nos mercados centrais. Os *Souqs* foram inseridos nas principais artérias que ligam os portões da cidade à Cidadela, e eram complementados por vários becos paralelos e ligações cruzadas na área central. Al-Madina *Souq* é o nome de toda esta zona comercial inserida no coração da cidade de Aleppo (BIANCA, 2000).

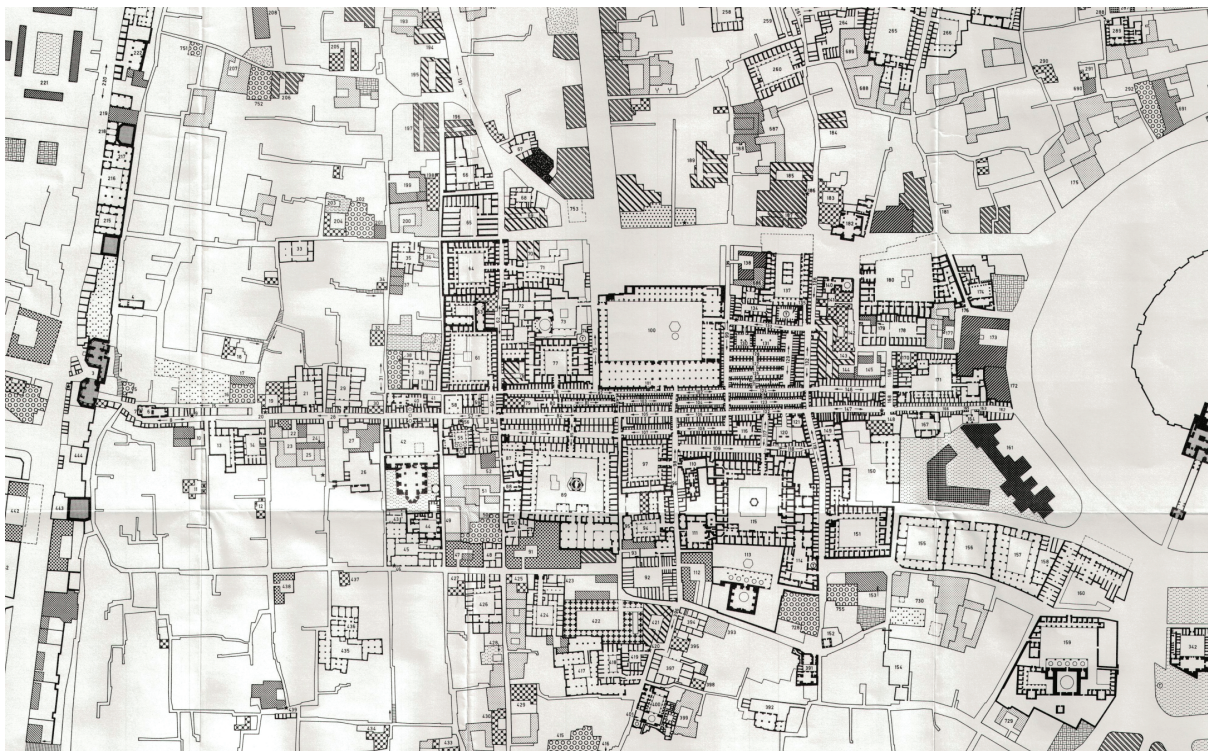


Figura 40 - Mapa do Tecido Urbano do Al-Madina Souq, Autor desconhecido, 1984

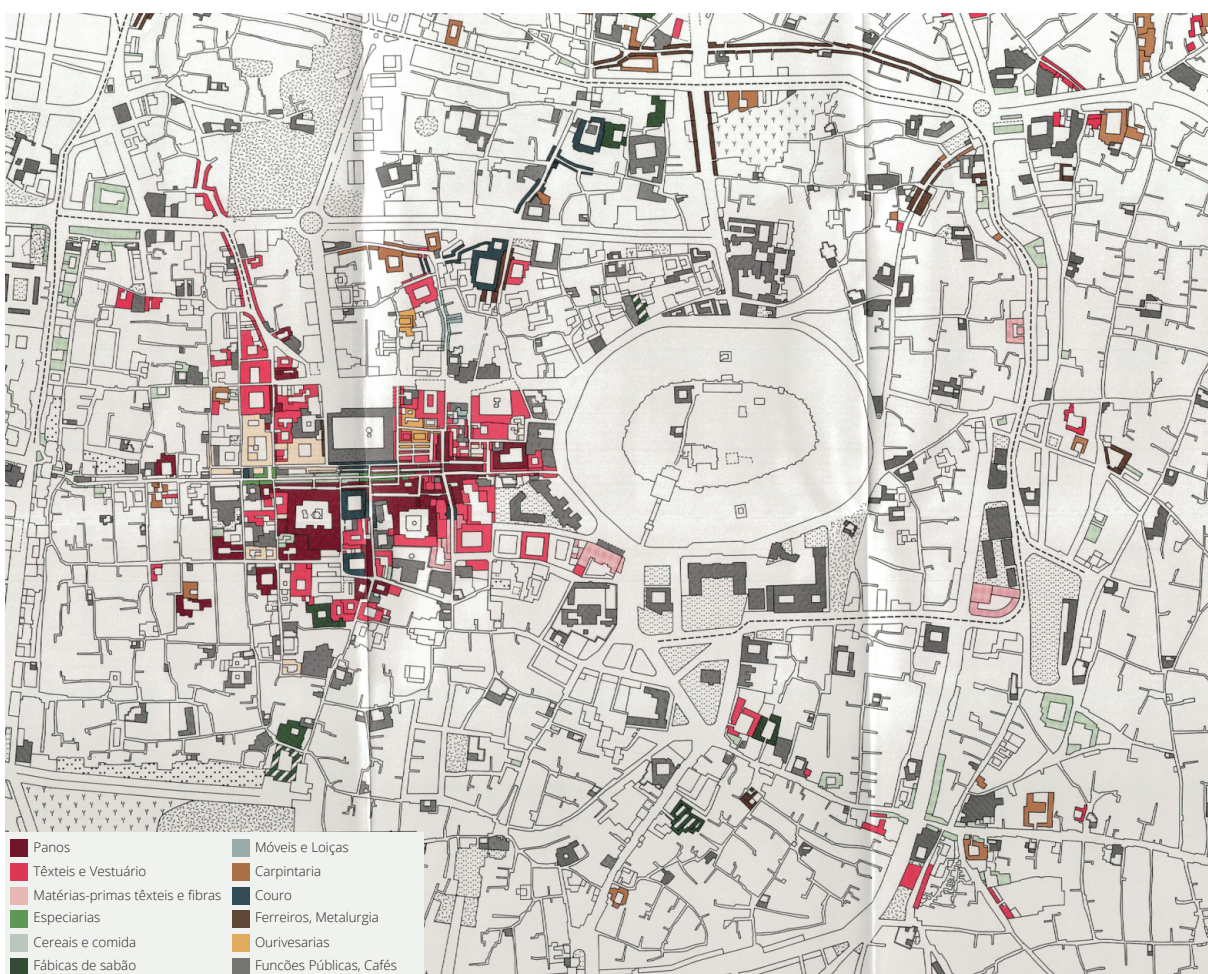


Figura 41 - Áreas comerciais de Aleppo, Eugen Wirth, 1984

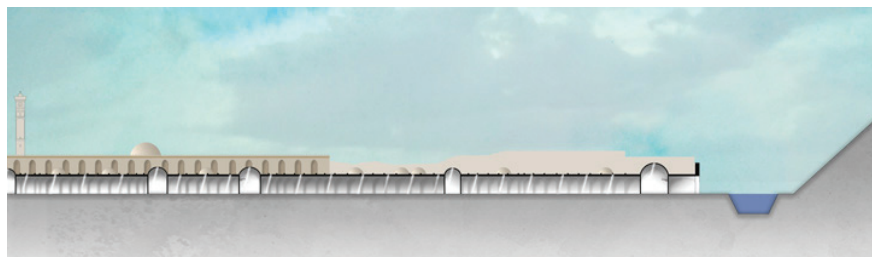


Figura 42 - Corte longitudinal do Al-Madina *Souq* pela avenida principal , Weldon Pries, 2016.

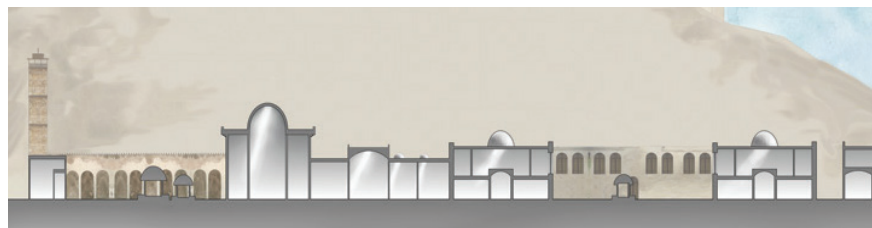


Figura 43 - Corte transversal do Al-Madina *Souq* pela mesquita Umayyad, Weldon Pries, 2016.

O Crescimento de Aleppo

Com o crescimento urbano da cidade, a importância relativa da zona antiga de Aleppo reduziu-se, mas o seu tecido arquitetónico e social é, surpreendentemente, bem preservado em comparação com o de outras cidades históricas no Médio Oriente, constituindo assim, um dos melhores exemplos de uma cidade islâmica tradicional. Ao mesmo tempo, é um bom exemplo de desenvolvimento urbano moderno, adjacente ao núcleo histórico. Após a demolição das muralhas da cidade, surgiu a Rua Khandaq, que se tornou uma conexão oeste-leste entre a periferia da cidade antiga e a cidade nova em rápido crescimento. Além desta, surgiu outra que foi desenvolvida a partir dos novos bairros de Azizie em direção a Bab Antakia. A interseção das duas ruas no canto noroeste da cidade, perto de Bab Al-Farai, tornou-se um nó importante no sistema urbano. Por este motivo, esta área desenvolveu-se rapidamente onde foram inseridos serviços, um grande número de hotéis, restaurantes, lojas, garagens e estações de autocarros (BIANCA, 2000).



Figura 44 - Planta de Alepo, Stefano Bianca, 1930.

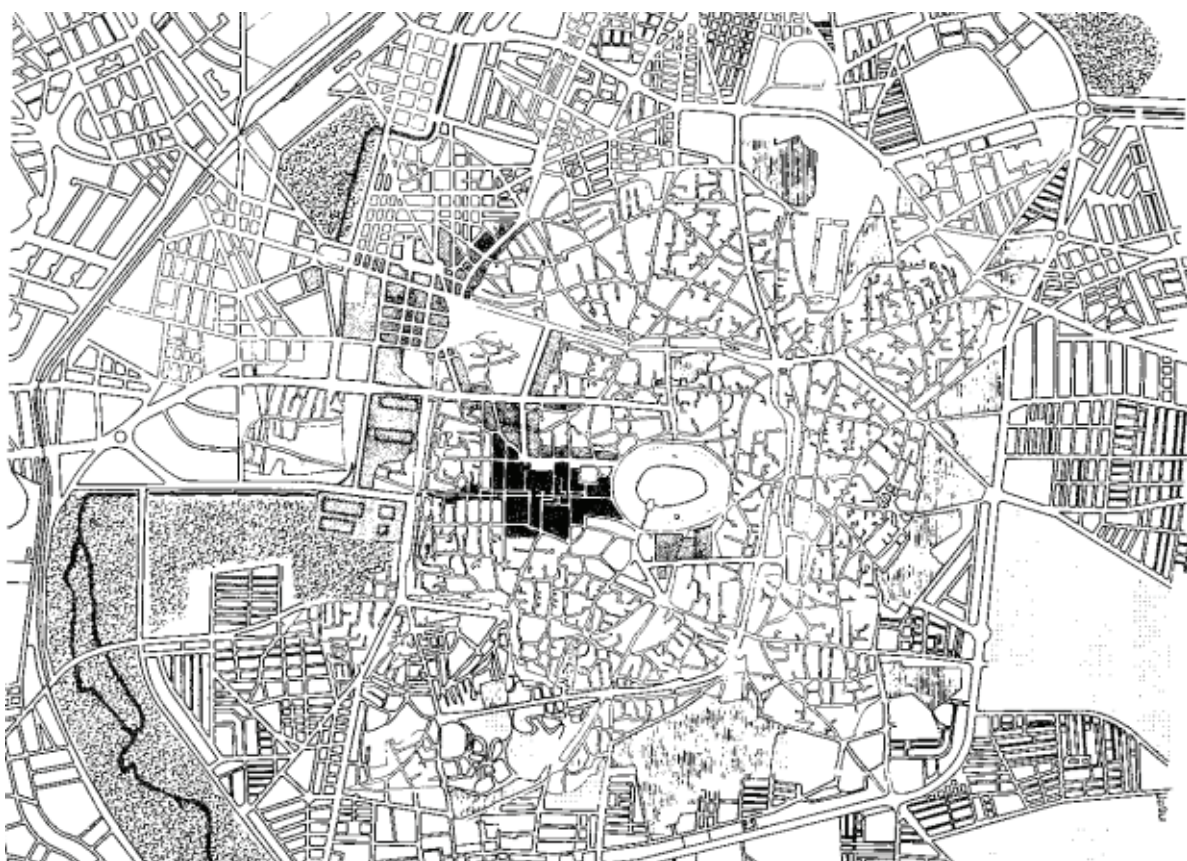


Figura 45 - Planta de Alepo, Stefano Bianca, 1980.



Figura 46 - Plantas da área Norte da Mesquita Umayyad, Stefano Bianca, 1945 e 1980.

O Conflito

Todo este cenário mudou a partir de 2011, quando se iniciaram os conflitos na Síria, devido ao descontentamento com o regime de Bashar al-Assad, presidente da Síria desde 2000, porque este prometeu uma reforma que nunca foi cumprida. Inicialmente, o povo sírio organizava manifestações como forma de protesto social e pela tentativa da implementação da "Primavera Árabe". Derrubar um regime de ditadura e opressão e melhorar as condições de vida eram os ideais a perseguir pela nova doutrina. Os primeiros protestos concentraram-se nas cidades de Deraa, a sul do país, e na capital, Damasco (GOWANS, 2017). Contudo, ao invés de se instalar a paz no país, deu-se início à guerra, quando grupos que atuavam nos protestos decidiram juntar-se aos militares infiéis e formaram organizações armadas. Essas organizações tinham como objetivo contestar a violência do governo e expulsar as tropas do exército sírio. A resposta de Bashar al-Assad foi impor mais repressão e, assim, a violência espalhou-se por todo o país.

Foi em 2012 que os conflitos chegaram à zona comercial mais importante de Aleppo, Al-Madina Souq, onde houve um grande incêndio que destruiu grande parte desta área histórica, deixando-a gravemente danificada.

Em 2014, a UNESCO avaliou a destruição provocada pelo incêndio: das 1.600 lojas foram danificadas cerca de 1.500. Com isto, fábricas e empresas fecharam e grupos de empreendedores e investidores saíram de Aleppo para a fronteira de países vizinhos onde encontravam mais segurança.

"A cidade é tão antiga quanto a eternidade, mas ainda jovem, e nunca deixou de existir. Os seus dias e noites foram longos; sobreviveu aos seus governantes e plebeus. Estas são as suas casas e habitações, mas onde estão os seus antigos moradores e as pessoas que os visitaram? Estes são os seus palácios e câmaras de corte, mas onde



Figura 47 - Bombardeios em Aleppo, Autor desconhecido, 2016



Figura 48 - Bairro de al-Shayah, Yazen Homsy, 2013.



Figura 49 - Destroços de casas em Aleppo, Autor Desconhecido, 2014.



Figura 50 - Destroços dos Souqs em Aleppo, Miguel Medina, 2012.

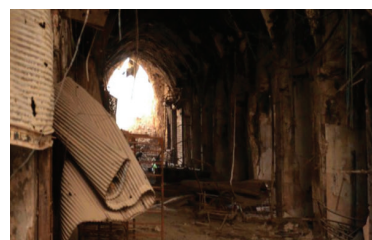


Figura 51 - Interior do Al-Madina Souq depois da guerra, Autor Desconhecido, 2013.

estão os príncipes Hamdanid e os seus poetas? Todos morreram, mas a cidade ainda aqui está. Cidade das maravilhas! Ela perdura. Seus reis caem; Eles desaparecem, mas a sua destruição não foi ordenada.” (GONNELLA, 2012, s.p.).



Figura 52 - Cidade antiga de Aleppo antes da guerra, Autor Desconhecido, 2010



Figura 53 - Cidade antiga de Aleppo depois da guerra, Autor Desconhecido, 2014



Figura 54 - Nível de destruição de Aleppo, UNOSAT, 2015

Grande Pequeno



Figura 55 - Edificado em 2016, Elaborado emhGrupo de projecto VI - FAUL - 16/17, 2017

Edificado moderadamente afetado Edificado destruído Edificado totalmente destruído Edificado não afectado



Figura 56 - Local de intervenção depois da guerra; Autor desconhecido, 2017.

5 |

(RE)EDIFICAÇÃO DO COMÉRCIO NA CIDADE DESTRUÍDA

5.1 | A Identidade do Lugar

"Alepo era um ícone de uma história glamourosa e transformou-se num de destruição total. Para planejar o seu futuro, além da glória, precisamos de saber quais foram as causas da agitação, porque hoje está em ruínas, e como pode ser construída de forma a sobreviver, para ser uma vencedora e para que todos se identifiquem com ela."

(HANNA, 2007, s.p.)

O lugar de intervenção é muito mais do que um simples lugar, contém uma riqueza cultural inigualável, interligada com o conceito de memória e identidade, com um valor cultural e uma história com milhares de anos de existência. Os conceitos discutidos no capítulo 2 fazem parte integrante no conceito e no projeto, constituindo uma justificação da proposta apresentada e permitindo devolver à cidade de Alepo uma intervenção arquitetónica apropriada.

Com base na informação analisada no capítulo 4, podemos verificar que a reconstrução do lugar de intervenção provoca dinâmicas similares às que verificamos nos projetos analisados com capítulo 3, tornando estes locais memoráveis.

A nível arquitetónico, destaca-se o tecido urbano denso, com variadíssimas ruas e passagens estreitas que condicionam o acesso de veículos, também os becos sem saída e as praças e praças conferem à cidade um panorama monumental que se traduz no inesperado, na surpresa e na vontade de explorar cada percurso. Em termos residenciais, o que mais se verifica são as casas de pátio com paredes de pedra calcária, com fachadas descuidadas, de arquitetura vernacular, que conduzem a uma dimensão monocromática que coexiste com uma grande variedade de formas e dimensões, e que levam à transformação de um ambiente comum.

São vários os edifícios que, no seu piso 0, desenvolvem

atividades comerciais, mas mais do que uma simples atividade económica, a prática comercial, nestes espaços, tem como objetivo dar vida às ruas e conferir-lhe uma dinâmica única que as torna lugares de permanência para moradores e turistas.

De referir que, a marcar cada recanto, vislumbram-se várias referências religiosas, imaculadas e veneradas por todos os habitantes. Cada uma destas características, juntamente com a mistura de sons únicos (desde o ronco dos carros, às gargalhadas das crianças, aos apelos dos comerciantes e ao chamamento para a reza) conferem à cidade uma identidade própria, que acabou perdida com a guerra.

Grande parte das pessoas perdeu casas, o comércio é quase inexistente, já ninguém sai à rua e os sons que outrora enchiam as ruas já não se ouvem, porque agora as crianças já não brincam livremente, não se observam carros a passar e até mesmo os chamamentos para a reza cessaram, os poucos que ainda rezam, fazem-no na esperança de poder sobreviver a mais um dia.



Figura 57 - Entrada do Al-Zarab Souq Antes e Pós-Guerra, Omar Sanadiki , 2008-2016



Figura 58 - Entrada principal da Cidadela, Antes e Pós-Guerra, Sandra Auger, Omar Sanadiki , 2010-2016



Figura 59 - Grande Mesquita de Alepo, Antes e Pós-Guerra, Omar Sanadiki , 2009-2016



Figura 60 - Al Madina Souq, Antes e Pós-Guerra, Olympia, 2009-2016



Figura 61 - Espaço público em frente à Mesquita Umayyad, Antes e Pós-Guerra, Olympia, 2009-2016



Figura 62 - Edificado da cidade de Alepo, Antes e Pós-Guerra, Olympia, 2009-2016

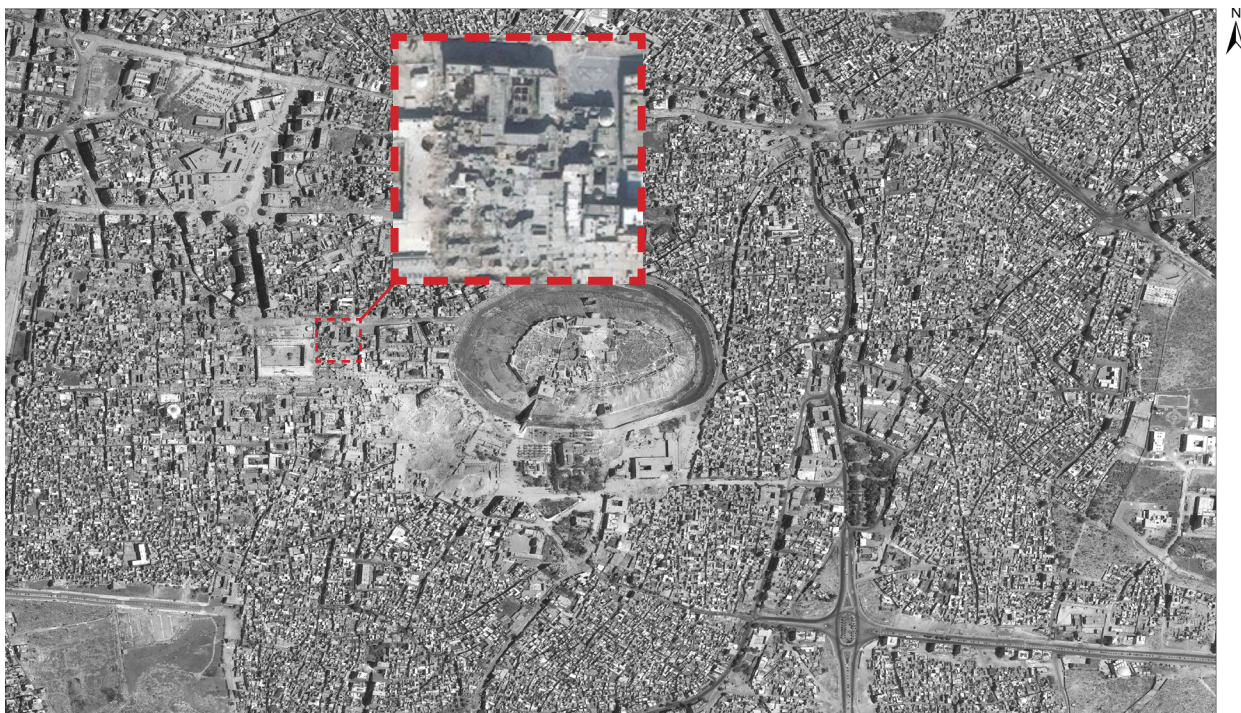



Figura 63 - Local de intervenção, Esquema da autora, 2018

 Local de Intervenção

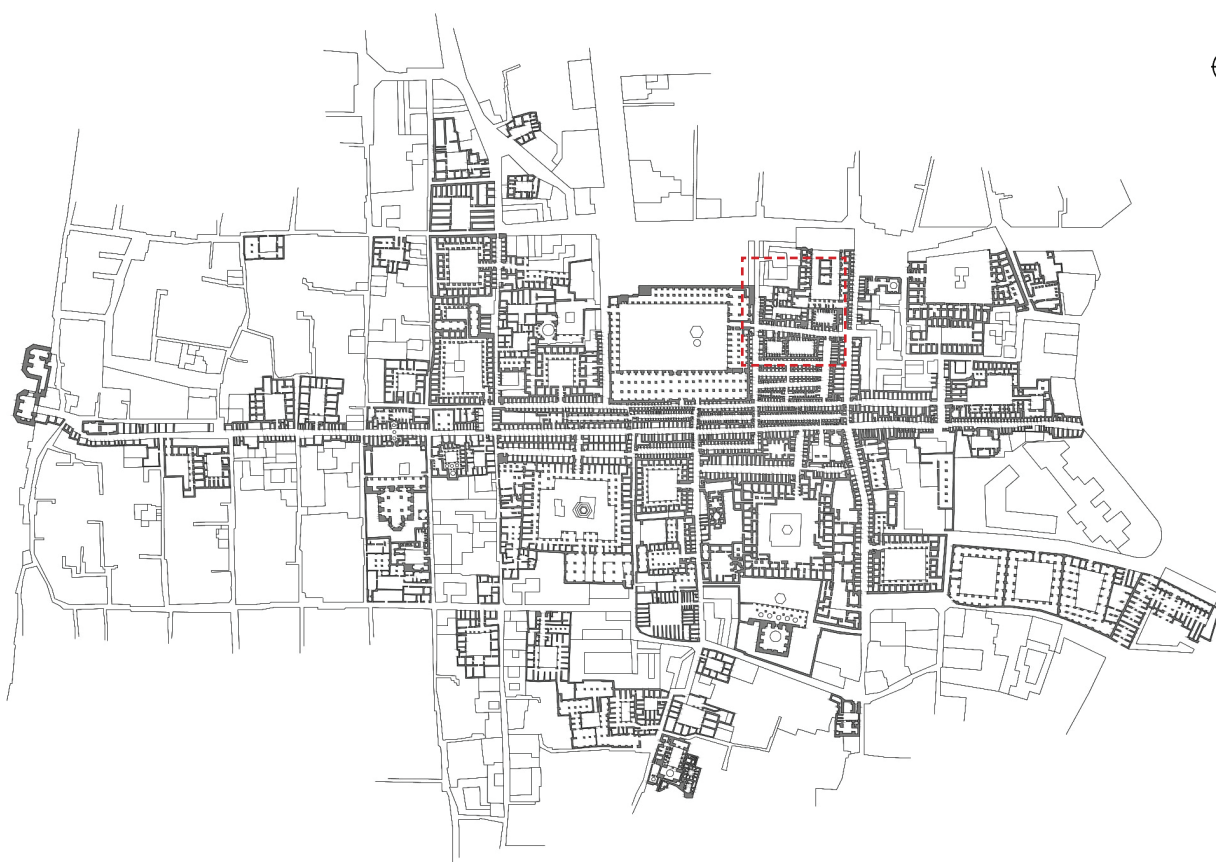



Figura 64 - Planta do Al-Madina *Souq* antes da guerra - Local de intervenção, Autor desconhecido.

 Local de Intervenção

5.2 | A Estratégia

O desenvolvimento desta proposta inicia-se com uma reflexão sobre a contraposição entre a necessidade da população e as limitações do contexto socioeconómico, aliadas à necessidade de dar nova vida à cidade de Aleppo.

Perante este cenário de destruição, que compromete o futuro de Aleppo e da sua sociedade, é crucial trabalhar no sentido de repor, devolver e reconstruir para recuperar a essência de um povo quase desaparecido. Esta necessidade de reconstrução vai desde as comunicações viárias e pedonais, até às telecomunicações, habitações, infraestruturas básicas de saneamento e eletricidade, serviços, saúde e alastrando-se até à educação, cultura e lazer.

Apesar de estarmos perante um longo processo, espera-se que este venha a apelar à união das sociedades para concretizar o objetivo de recuperar a cidade. A esperança de que este objetivo se concretiza, move o pensamento gerador deste trabalho que pretende, não só reconstruir uma parte importante do comércio, como também contribuir para a união de uma sociedade.

Espera-se que a atribuição de um novo espaço público, possa contribuir para esta união, apelando à vivência dos espaços, à reunião e à inclusão das atividades estagnadas. Assim, o que se pretende, essencialmente, é devolver à cidade a dinâmica e a identidade, ao mesmo tempo que se propõe uma mudança, tudo isto com o objetivo máximo de que Aleppo possa continuar a sua história, mas também fortalecê-la.

A nível económico, é necessário ter em conta o enquadramento da economia fragilizada pelo conflito, tornando-se essencial a procura de opções económicas viáveis que se revejam como possíveis neste contexto, na medida em que a

contenção de custos está ligada ao processo de construção a par com o seu tempo de vida e manutenção. É vital recuperar a parte comercial de Aleppo: se o país voltar a crescer em 2018 numa taxa de 4,5% por ano, demorará 20 anos a chegar ao seu PIB antes da guerra. Ou seja, o mesmo tempo que demorou o Líbano a recuperar, após 16 anos de conflito; já o Kuwait, que só viveu 2 anos de guerra, levou 7 anos na recuperação.

Acrescentando às dificuldades que advêm da economia fragilizada, terão também de ser consideradas as dificuldades em torno das sucessivas alterações climatéricas, que se verificam ao longo de todo o ano na Síria e que poderão pôr em causa o desenvolvimento eficaz deste projeto. Desta forma, considerando todas estas limitações, é imprescindível uma construção rápida e de baixo custo e manutenção.

	Temperatura mínima	Temperatura máxima	Horas de Sol	Chuva	Humidade
Janeiro	2°C 36°F	11°C 52°F	4	42%	80%
Fevereiro	3°C 37°F	13°C 55°F	4	36%	73%
Março	6°C 43°F	18°C 64°F	5	26%	66%
Abril	10°C 50°F	23°C 73°F	6	27%	62%
Maio	14°C 57°F	29°C 84°F	8	16%	48%
Junho	20°C 68°F	35°C 95°F	8	0%	38%
Julho	23°C 73°F	37°C 99°F	7	0%	41%
Agosto	22°C 72°F	36°C 97°F	7	0%	46%
Setembro	19°C 66°F	33°C 91°F	6	3%	49%
Outubro	14°C 57°F	27°C 81°F	6	16%	53%
Novembro	7°C 45°F	18°C 64°F	4	13%	61%
Dezembro	3°C 37°F	12°C 54°F	3	45%	81%

Figura 65 - Temperatura, Horas de Sol, Chuva e Humidade em Aleppo, Autor

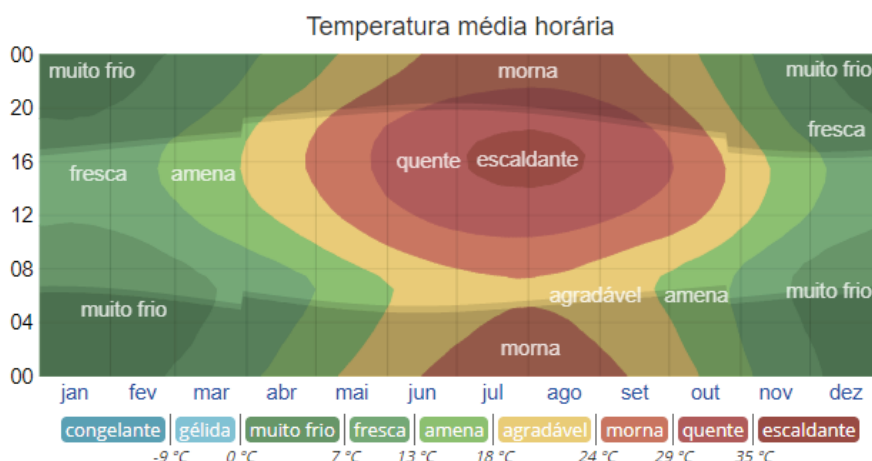


Figura 66 - Temperatura média horária de Aleppo, Autor desconhecido

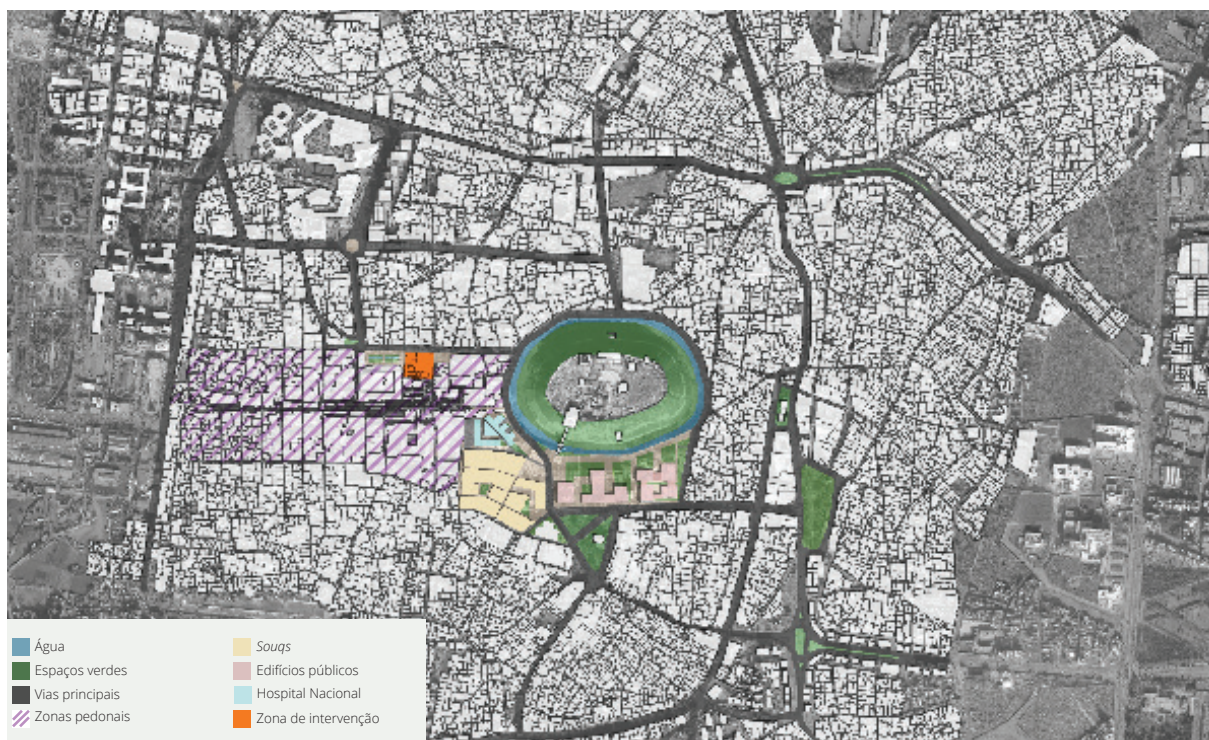


Figura 67 - Intervenção urbana na zona antiga de Aleppo, Planta da autora

5.3 | Proposta de projeto

Intervenção Urbana da cidade Antiga de Aleppo

A intervenção urbana de Aleppo aponta para as hipóteses de criar uma transformação urbana, melhorando a qualidade de vida para os seus habitantes, com diversidade de ecossistemas, colocando a hipótese de ser sustentável, agradável, e atrativa com a utilização de um máximo de indicadores de sustentabilidade.

"As cidades não são organismos e ainda menos máquinas, Não se desenvolvem ou modificam por si próprias, nem se reparam ou reproduzem sozinhas (...)" (LYNCH, 2007, p. 95).

Para além das questões de desgaste e de degradação em várias frentes de edifícios, conjuntos edificados com espaços vazios e superfícies decadentes com proteção arquitetónica ou próxima de edifícios classificados pelo UNESCO, temos um conjunto de edificado destruídos pela Guerra, edifícios, ruas, praças fragmentados com diversas adições no tempo. A premissa desta intervenção é a conservação do tecido urbano existente antes da guerra e a proposta de novos equipamentos nas áreas totalmente destruídas.

Como se pode observar na figura 67, foram expostas algumas ideias, com maior foco na zona central de Aleppo, junto à cidadela. Podemos observar as principais vias de circulação automóvel da cidade e zonas pedonais, as principais zonas verdes, e a adição de um elemento marcante à volta do limite da cidadela: a água. Em relação à proposta de novos equipamentos, de frente para a cidadela, podemos encontrar novos edifícios públicos. Estes podem ser: bibliotecas, serviços, museus. Do lado esquerdo, houve uma reconstrução dos edifícios que pertenciam também aos *souqs* e, para além destes, o hospital nacional de Aleppo.

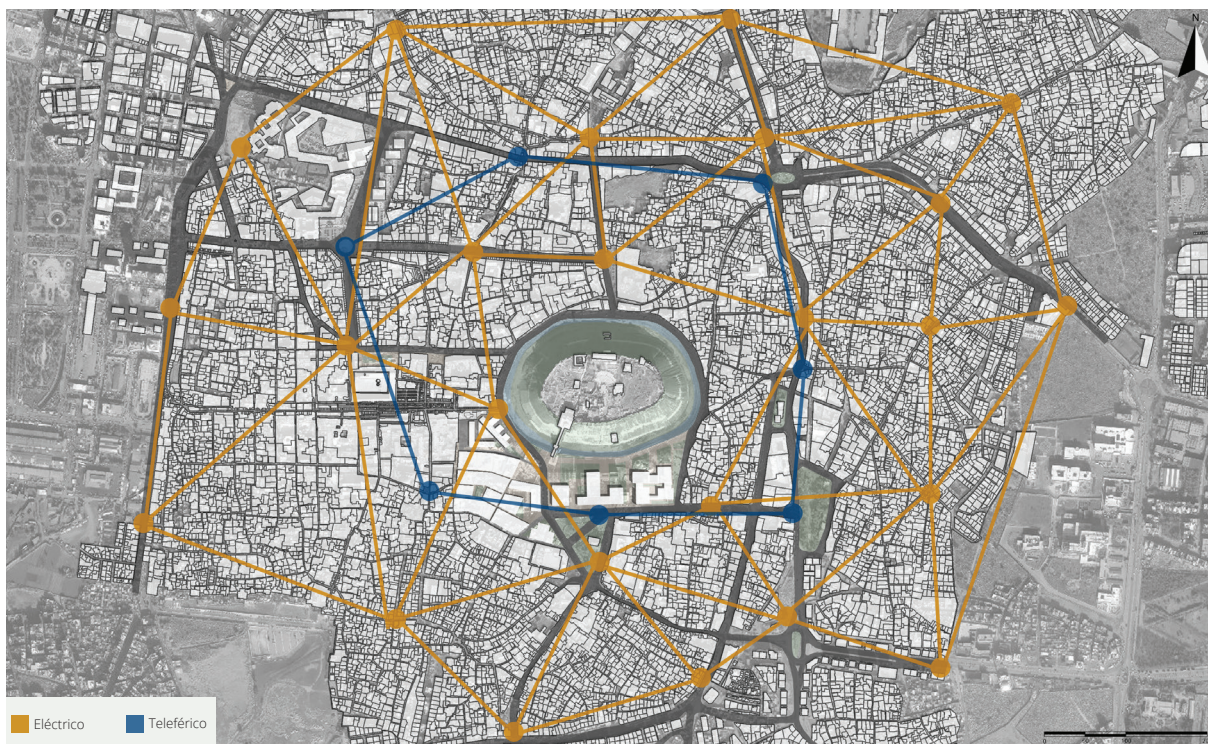


Figura 68 - Proposta de malhas de transportes públicos, Planta da autora

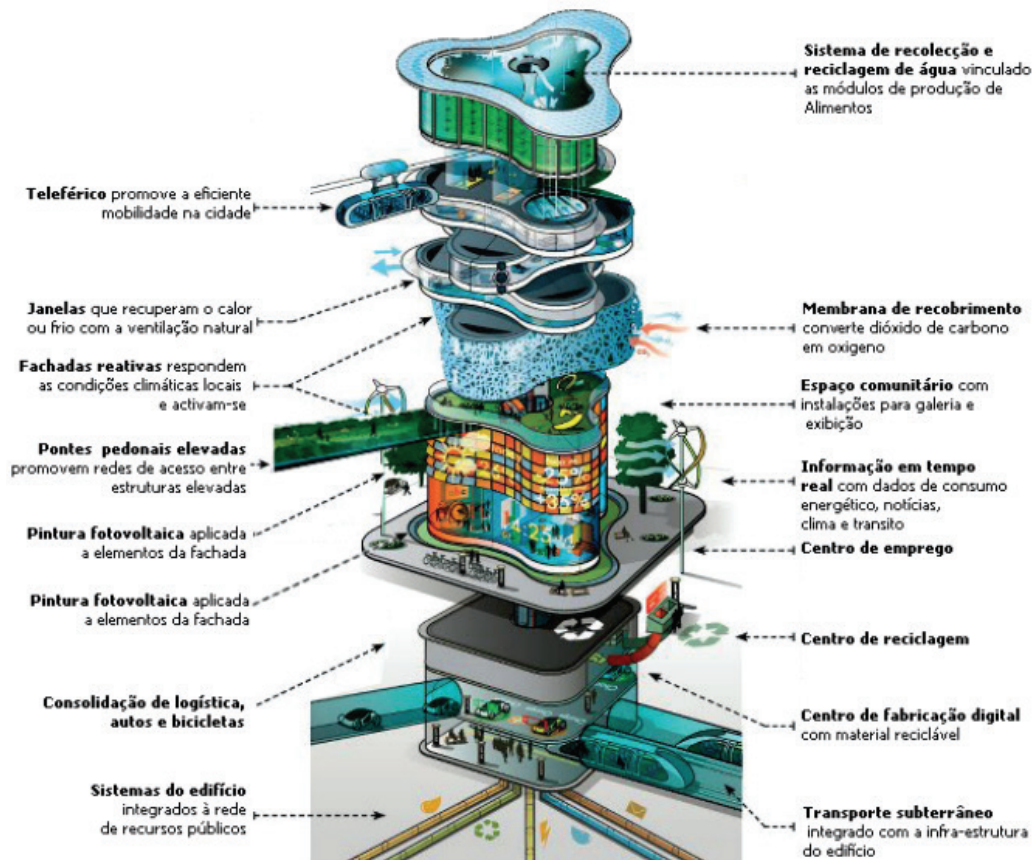


Figura 69 - Proposta de um edifício autossustentável, Elaborado em grupo de projecto VI - FAUL - 17/18.

A figura 68, teve como foco a rede de transportes da cidade antiga de Aleppo, onde podemos observar a malha do teleférico e do elétrico. Transportes estes que não existiam na cidade até aos dias de hoje, mas que são uma solução a adotar num futuro próximo, formando assim um ambiente ecológico e uma opção para quem procura um transporte mais rápido e sem impedimentos devido ao trânsito. Para além destes dois, será também introduzido na cidade uma rede de ciclovias que se localizam ao lado das vias com maior movimentação. A população poderá usar a sua bicicleta pessoal e há também a possibilidade de existirem postos espalhados pela cidade para a partilha de bicicletas, que podem ser elétricas ou clássicas.

Em relação aos veículos próprios, dentro do limite da cidade antiga, poderão apenas circular veículos elétricos, em substituição aos veículos que são compostos com estrutura de motorização que funciona com base nos recursos fósseis, à exceção de veículos de emergência. Como no caso das bicicletas, existe também a possibilidade da partilha destes veículos. Estes postos encontram-se principalmente no limite da cidade antiga.

A figura 69, ilustra uma proposta para novos edifícios públicos que venham a ser construídos na cidade de Aleppo, tornando-os assim autossustentáveis. Podemos também adotar algumas destas medidas na construção de edifícios habitacionais, como por exemplo: janelas que recuperam o calor ou frio com a ventilação natural, membranas de recobrimento, sistemas de recolção, reciclagem de águas e painéis solares.



Figura 70 - Proposta de Carro elétrico, Autor desconhecido.



Figura 71 - Proposta de bicicletas partilhadas, Autor desconhecido.



Figura 72 - Proposta de elétrico, Elaborado em grupo de projecto VI - FAUL - 17/18.



Figura 73 - Proposta de Teleférico, Elaborado em grupo de projecto VI - FAUL - 17/18.



Figura 74 - Planta da proposta de intervenção urbana na zona de intervenção, Planta da autora

Intervenção Urbana no local de intervenção

Conforme analisado anteriormente, a zona de intervenção caracteriza-se como um espaço de grande valor histórico e cultural, encontrando-se estrategicamente localizada no centro da vida económica da cidade. Deste modo, o presente trabalho propõe a reconstrução de uma das zonas do Al-Madina *Souq*. O local escolhido encontra-se num ponto estratégico junto à mesquita Umayyad, com a fachada norte para a rua Al Jamaa Al Umawi ST.

Neste local, procura-se manter as principais características do tecido urbano, tal como, a nível urbano, o grande jardim em frente à mesquita Umayyad e as vias de circulação. A forma deste grande jardim, foi inspirado na Praça Deichmann, projecto de Chyutin Architects, localizado em Israel.

Os espaços verdes e a água, são um elemento marcante nesta proposta, onde se procura fazer um contraste da massa edificada existente com locais de reencontro com a natureza, aproveitando assim, os pátios e vazios existentes. As espécies vegetais, de diferentes formas, cores e texturas, constituem elementos plásticos com os quais se pode aumentar o interesse estético dos espaços urbanos.

Relativamente à proposta de intervenção urbana da cidade antiga Alepo descrita anteriormente, na figura 74, podemos observar uma das ciclovias que percorre a cidade antiga. Junto desta e do local de intervenção, encontra-se um posto de bicicletas partilhadas e vários pontos de estacionamento.

A sinalética exterior é um elemento extremamente importante na identificação de espaços. As características presentes nas placas de nomes de ruas, de indicações e de identificação de lojas, são também modos de identificação da localidade em termos da comunicação da sua identidade. Estas



Figura 75 - Edifícios envolventes ao jardim da mesquita Umayyde, José Diogo Campos, 2010.



Figura 76- Vista do jardim à frente da mesquita Umayyde, José Diogo Campos, 2010.

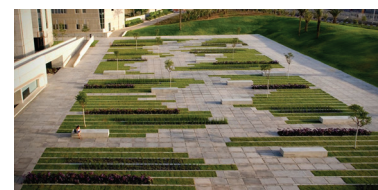


Figura 77 - Praça Deichmann, Chyutin Architects, 2008.

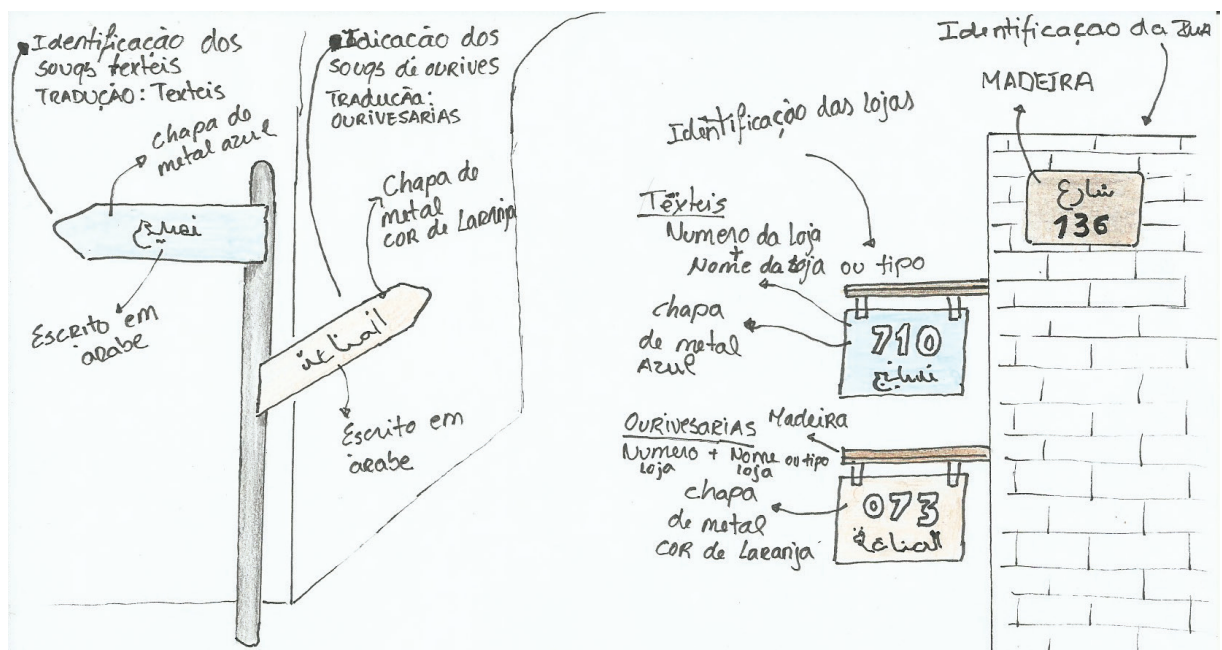


Figura 78 - Esquízo da sinalética para espaços exteriores, placas de rua e identificação de lojas souq, Esquízo da autora

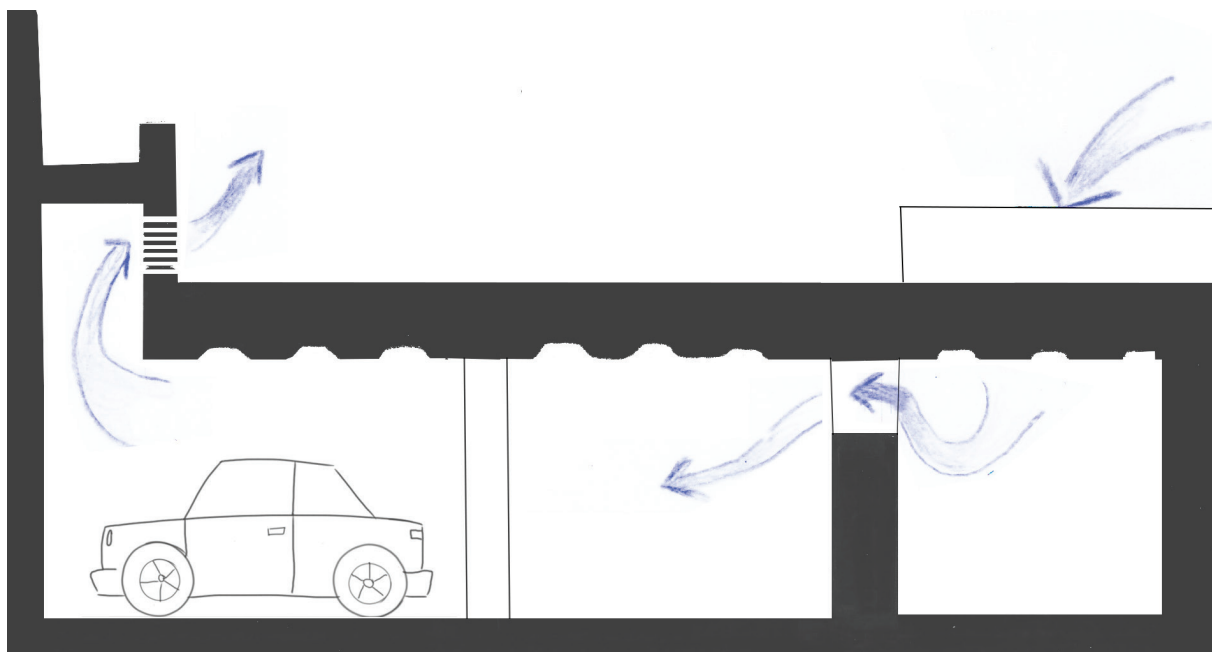


Figura 79 - Esquízo da ventilação do estacionamento, Esquízo da autora.

placas são por vezes negligenciadas devido ao seu carácter utilitário, no entanto necessitam de soluções criativas tendo em conta a identidade local. A legibilidade, materiais e cor são alguns dos aspetos mais relevantes da concretização e idealização da conceção dessa sinalética. A cor oferece maior número de possibilidades do que a tipografia (COSTA, 2007), isto porque a cor possui relações e interações imediatas com as formas gráficas e, em termos de semiótica, a cor é um elemento que significa e estimula significado (ZINGALE, 2010). Como podemos observar na figura 79, a escolha dos materiais são de baixo custo, e as cores, estão relacionadas com cada zona da proposta.

Como esta zona é bastante frequentada pelos habitantes e visitantes de Alepo, houve uma certa preocupação a nível de estacionamento nesta zona. De modo a não poluir a imagem urbana deste local, é proposto um estacionamento subterrâneo com uma lotação total de 417 lugares: 361 para veículos automóveis, 40 para bicicletas, 8 para motos e 8 para deficientes. A entrada desde parque é junto ao jardim em frente da mesquita Umayyad e a saída junto ao jardim do lado direito do local de intervenção. Existem também quatro acessos verticais, cada um deles com dois elevadores hidráulicos e escadas.

A ventilação deste espaço é feita por ventilação natural e por ventiladores de impulso. Estes são utilizados para ventilar espaços com grandes dimensões, como o caso proposto, onde a poluição deve ser removida eficazmente. Sendo assim os ventiladores de impulso englobam parte do conceito de controlo de fumo e desenfumagem em caso de situações de emergência. Estes ventiladores são dispostos estrategicamente para que a circulação dos fumos seja o mais eficaz possível e direcionada para os pontos de extração onde se encontram as saídas de ar, para retirar os fumos, de forma a criar uma atmosfera, dentro do parque, respirável e menos perigosa.

Intervenção Arquitetónica

A origem destes *souqs* provém da tipologia arquitetónica arquitetura vernacular. Esta tipologia é caracterizada por modos de construir a partir dos materiais encontrados na própria região. Segundo Silva (1994), é a arquitetura sem arquitetos, anónima, também denominada de espontânea ou popular. Mas mais que isso, é uma arquitetura com uma identidade expressiva e resultante de uma produção coletiva de trabalho. Esta é uma oportunidade de serem usados materiais naturais sem provocar depredação ao meio ambiente, gerando economia de energia e obtenção de conforto térmico e acústico natural nas construções.

Utilizando a linguagem construtiva local, de modo a manter as principais características deste *Souq*, e incrementando à mesma uma melhoria significativa que se reveja nas questões da automatização e sustentabilidade, recorre-se ao reaproveitamento dos materiais marginalizados pela guerra, que outro fim não teriam a não ser o aterro. A recuperação de tijolos, blocos de pavimentação e até peças de madeira, marcaram a conceção do desenho, procurando soluções com baixo custo e baixa necessidade de tecnologia de fabricação e aplicação. Assim, assume-se uma construção viável, facilitadora e rápida, mantendo a sua identidade.

O material predominante na estrutura do *souq* é o tijolo burro, material abundante e de fácil produção, com aberturas pontuais para o exterior, não deixando de oferecer a sensação de robustez.

A nível de regulação térmica, para além da utilização de ventilação mecânica e sistema de ar-condicionado, existem várias medidas que visam o aumento da qualidade do ar interior de uma forma passiva, reduzindo também as necessidades energéticas, ao longo da vida do edifício. Através de uma boa ventilação natural, que maioritariamente é feita pelas aberturas

nos tijolos, e que possa também ser regulada pelo utilizador, é possível melhorar a pureza do ar interior e ainda regular o conforto térmico durante todo o ano através de arrefecimento passivo. Deve haver também uma preocupação com a humidade do ar interior, por exemplo, um certo nível de humidade tem de ser assegurado no interior, a fim de remover e diluir poluentes gasosos. Sob este aspeto é importante permitir que o edifício respire do interior para exterior. O aproveitamento da energia geotérmica e da energia solar são mais um meio de combater as diferenças de temperatura existentes no local.

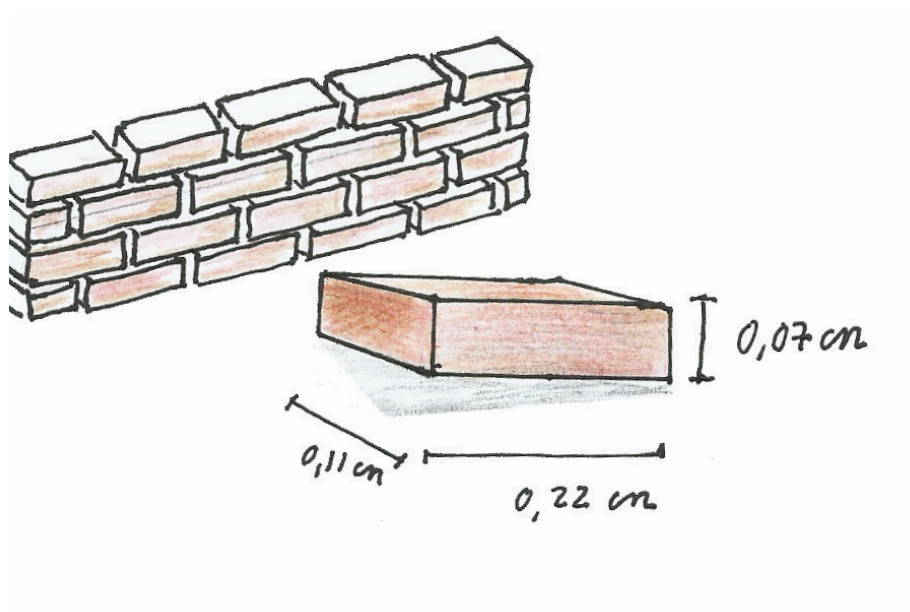


Figura 80 - Esquiço das dimensões do tijolo, Esquiço da autora

- Bloco A
- Bloco B
- Bloco C
- Bloco D

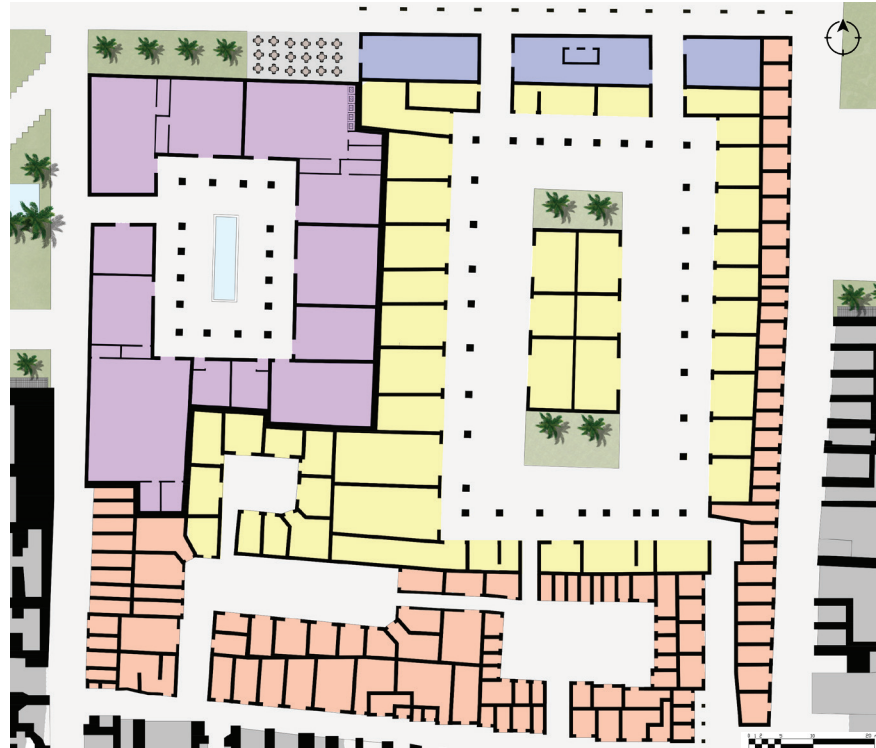


Figura 81 - Programa, Planta da autora



Figura 82 - Render da Sala de Exposições no Bloco A, Imagem da autora

O programa

Área do intervenção: aproximadamente 9572 m².

Bloco A

Sem registos da sua função antes da guerra, o bloco A é composto por uma cafetaria, receção, loja e zonas de exposições.

Existem duas zonas de passagem que dão acesso aos *Souqs*, contendo elas no seu percurso o acesso a este bloco.

Observando de sul para norte, no piso 0, ao atravessar a passagem esquerda, encontramos duas entradas: a entrada esquerda, dá acesso à cafetaria, e a da direita dá acesso à receção para as zonas de exposições situadas nos pisos 1 e 2. A cafetaria é também acessível pela zona de esplanada. Esta desenrola-se para o piso 1, em estilo de mezzanine, que só é acessível pelo interior da cafetaria. Na passagem direita, encontramos também duas entradas: a da esquerda, dá acesso a uma loja de venda de produtos produzidos nos workshops dos *souqs*, e a última entrada dá também acesso as salas de exposições situadas nos pisos acima. No último piso deste bloco, para além da grande área da sala de exposições e uma zona de arrumos, existe também um amplo terraço com cerca de 3765m². Aqui, onde os visitantes podem usufruir para contemplar a vista para a cidadela e os comerciantes poderão também expor os seus produtos para venda. É importante garantir bons acessos ao último piso devido à afluência de pessoas.

A fachada rítmica e com jogos de sombras deste bloco foi inspirada em dois projetos. A parte lateral, onde se situa o *lettering* do *Souq* e onde não existem entradas de luz, foi inspirada no edifício ABC, projeto de Wise Architecture, localizado na Coreia do Sul. A Fachada Norte e sul, foram inspiradas na *Termitary House*, projecto de Tropical Space, localizado no VietNam.



Figura 83 - Edifício ABC, Wise Architecture 2012.

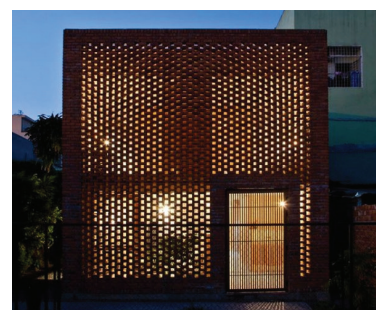


Figura 84 - Fachada principal da Termitary House, Tropical Space, 2014.

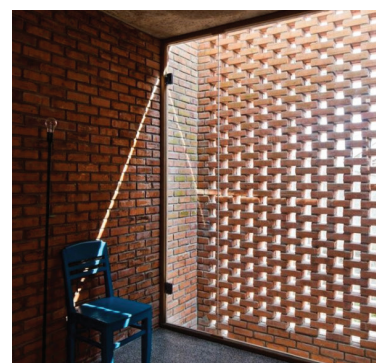


Figura 85 - Interior da Termitary House, Tropical Space, 2014..



Figura 86 - Render da entrada do bloco B, Imagem da autora



Figura 87- Render do pátio 138 do bloco B, Imagem da autora

Bloco B

Como analisado nos projetos de referência, existem espaços para o visitante ou turista poder trabalhar e aprender como são elaborados os produtos. No caso deste bloco, foi implementada essa função: é composto salas de workshops de joalheria e produtos têxteis, e cada uma destas salas é adaptada para um tipo de workshop.

Para aceder a este bloco, existe apenas uma entrada a oeste. Tanto esta passagem, como as do bloco A, estão aptas para receber veículos de serviço e emergência.

No lado direito, ainda dentro da passagem, deparamo-nos com uma receção, onde serão feitas as inscrições dos workshops. Ao entrar para dentro do pátio, temos o acesso a cada sala de workshop. Aqui, podemos encontrar: 2 salas para workshops práticos de joalheria, onde se encontra todo o material necessário para a preparação dos produtos, incluindo os fornos de cerâmica para a confeção dos mesmos; 2 salas para workshops práticos de produtos têxteis, com mesas de costura. Para cada workshop existem também 2 salas para a parte teórica e 1 sala comum, que servirá tanto para os workshops teóricos de produtos têxteis ou de joalheria.

À medida que foram feitas as peças nos workshops, os alunos podem expor os seus produtos ao longo dos arcos do pátio deste bloco. Como elemento central do pátio, encontramos um espelho de água. A manutenção é feita através de um compartimento subterrâneo acessível através de um alçapao ao nível do solo que se localiza junto a este.

Como complemento aos workshops práticos, existe uma zona de balneários, tal como uma zona de instalações sanitárias. Surge assim a necessidade de abastecer vários pontos em simultâneo. O que significa que será necessário a instalação de termoacumuladores com grande capacidade, que



Figura 88 - Render do pátio exterior do bloco C, Imagem da autora



Figura 89 - Render da vista superior para o pátio 137 do bloco C, Imagem da autora

permita aquecer e armazenar água. Estes termoacumuladores estão colocados junto à área de duches dos balneários, num compartimento com acesso restrito, de modo a abastecer estes e toda a zona de workshops.

Para além dos termoacumuladores, na cobertura deste bloco, existem vários painéis solares de modo a aproveitar toda a exposição solar existente neste local durante o dia, de forma a gerar energia elétrica para abastecer este bloco. Para além destes, por todas as coberturas inacessíveis nesta zona de intervenção, foram colocados mais painéis solares para abastecer os restantes blocos.

Bloco C

O bloco C, como foi analisado no capítulo 4, tem a estrutura de um Khan, que apresenta o dobro da estrutura dos *souqs*, com vários pórticos em redor de um pátio central. No piso inferior podemos encontrar as lojas, e nas galarias superiores o espaço de armazenamento dos produtos, como é característico desta tipologia.

Tal como antes da guerra, neste bloco encontram-se os *souqs* de ourivesarias. Com diferentes áreas e formas, estas lojas vendem todo o tipo de produtos relacionados com joalharia. A área útil nestes *souqs*, no piso 0, vai desde os 7,41m² a 104m².

As lojas situadas a este e oeste deste pátio, têm também uma zona de montra devido à sua área, que é bastante generosa comparada com as lojas mais pequenas.

O pátio central oferece espaços verdes que contrastam entre a suavidade do material vivo inerente à vegetação e o carácter inerte e rígido dos pavimentos e do edificado em redor, transformando-o num espaço vivo que apela à vivência deste espaço.



Figura 90 - Render dos souqs da zona oeste bloco D, Imagem da autora



Figura 91 - Render do pátio exterior 134 do bloco D, Imagem da autora

Bloco D

Por fim, no bloco D, mantendo também a função existente antes da guerra, encontram-se os *souqs* de produtos têxteis. A área útil nestes *souqs*, vai desde os 1,28m² a 43,68m². Nos *souqs* mais pequenos, como é característico, apenas há espaço para o vendedor colocar os seus produtos têxteis expostos dentro da loja e nas paredes exteriores. O vendedor senta-se num banco à entrada, de forma a atrair os clientes que se aproximam. À exceção da zona dos pátios, e do início da zona Este, estas passagens são cobertas, com arcos e pontuais claraboias para a entrada de luz.

Os *souqs* que se localizam no início do bloco, na zona oeste, têm um toldo que se projeta na rua, criando assim uma zona protegida, onde os vendedores podem negociar ou conversar protegidas da luz direta do sol e da chuva.

Os diferentes pátios exteriores que interligam as várias zonas do *Souq*, convida-nos à vivência do percurso, e torna a relação diferenciadora. Recorrendo a velas tensionadas e à arquitetura têxtil, estes pátios são cobertos com vários toldos tensionados, dispostos dinamicamente, com duas cores: cor de laranja e branco. Estes toldos conferem uma solução de sombreamento prática e elegante, protegendo as pessoas e os materiais do sol direto.

6 |

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante uma cidade devastada e desintegrada, a arquitetura procura a união com outras disciplinas que se complementam para a reconstrução do destruído, tendo em conta a memória que marca a sociedade. Uma das principais responsabilidades da reconstrução da cidade de Aleppo consiste no enquadramento com o local, de procurar a sua identidade, respeitando a memória do mesmo.

Face à necessidade de reconstrução da cidade e na criação de novas condições de vida, é importante uma reflexão *à priori* do contexto político, social e económico da cidade para operar de forma a adotar uma intervenção apropriada e executável.

Surge então a necessidade de reerguer um dos motores económicos mais importantes da cidade: o comércio, que simboliza grande parte da história da cidade e do seu povo, contribuindo assim, para uma consolidação do território urbano e histórico de Aleppo.

A intervenção num espaço que é assinalado como património mundial, assume uma responsabilidade acrescida, de reorganização crítica do preexistente com a introdução de novos elementos compositivos que afirmam a sua consolidação enquanto cidade, sem deixar de ter em conta todas as características que faziam daquele espaço único e memorável.

No sentido de procurar responder às questões enunciadas inicialmente no capítulo 1: como reedificar uma parte do *Souq*, destruído pela guerra, sem perder a sua memória/ identidade utilizando os materiais e técnicas de construção locais? Devemos manter todas as formas existentes antes da guerra? Como introduzir espaços que relacionem as diferentes gerações num lugar já com uma identidade?, para manter a identidade deste lugar, esta reconstrução foi cuidadosamente enquadrada com o local, com a sua memória e com a sua história, mantendo a sua forma e funções existentes antes da guerra depois de uma

análise do meio urbano da cidade e das principais características da tipologia dos *souqs*, utilizando materiais predominantes na região, de baixo custo, fácil fabricação e aplicação. Para além das funções existentes, foram acrescentadas outras duas: a zona de workshops e a zona de exposições, que complementam e fortalecem todo este núcleo comercial sem perder a sua identidade. Assim, para além do principal objetivo de compra/venda do *souq*, a população pode também aprender se elaboram os principais produtos, e ainda, entrar em contacto com toda a história de Aleppo em relação ao comércio na zona de exposições.

Todos estes elementos em conjunto, aliados aos sons e cheiros que se encontram nas diversas ruas dos *souqs*, e a mistura das diferentes culturas dos visitantes, proporcionarão assim, o recomeço do funcionamento económico da cidade.

Observa-se também a oferta de um novo espaço público, que remete para o reencontro com a natureza, e de novas infraestruturas que funcionam como um palco de boas vindas para um povo marcado pela guerra, com esperança de um dia voltar a viver em paz na sua cidade.

A importância deste tipo de projetos num contexto de reconstrução num cenário de guerra, marca a união da população e da principal fonte económica da cidade, contruindo novos postos de trabalho e a continuação das trocas comerciais, permitindo assim a cidade de Aleppo continuar a sua história, fortalecendo-a cada vez mais.

BIBLIOGRAFIA

REFERENCIADA

ABREU, Pedro (2007), *Arquitetura: Monumento e Morada, Arquitectos*, v.04, pp. 11-18.

AGUIAR, José (2005), *Cor e Cidade Histórica: Estudos cromáticos e conservação do património*, Porto: Publicações FAUP.

ALWAGHT (2016), *Al-Hamidiyah Souk; Damascus Gem*, disponível em <http://alwaght.com/en/News/61162/Al-Hamidiyah-Souk;-Damascus-Gem> (Consultado em: 29/01/2018).

BBC NEWS (2016), *Profile: Aleppo, Syria's second*, disponível em <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-18957096> (Consultado em: 05/11/2017).

BIANCA, Stefano (2000), *Urban Form in the Arab World - Past and Present*, London: Thames and Hudson.

BOKOVA, Irina (2017), *UNESCO reports on extensive damage in first emergency assessment mission to Aleppo*, UNESCO, disponível em <https://en.unesco.org/news/first-emergency-assessment-mission-aleppo-syria-unesco-reports-extensive-damage> (Consultado em: 05/11/2017).

CANDAU, Joël (2005), *Antropologia da Memória, Epistemologia e Sociedad*, Lisboa: Instituto PIAGET.

CARNEIRO, Neri (2009), *Memória e Património: Etimologia, WebArtigos*, Disponível em <https://www.webartigos.com/artigos/memoria-e-patrimonio-etimologia/21288> (Consultado em: 19/09/2018).

Carta de Cracóvia (2000), *Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído*, Polónia: Cracóvia.

CHOAY, Françoise (1982), *A Alegoria do Património*, Lisboa: Edições 70.

COSTA, Joan (2007), *Señalética Corporativa*, Barcelona: Costa Punto Com.

EISENHAUER, Brian, **KRANNICH**, Richard., **BLAHNA**, Dale (2000), Attachments to special places on public lands: An analysis of activities, reason for attachments, and community connections, *Society & Natural Resources An International Journal*, v. 13, pp. 421-441.

FERNANDES, José; **CACHINHO**, Herculano; **RIBEIRO**, Carlos (2000), *Comércio tradicional em contexto urbano: dinâmicas de modernização e políticas públicas*, Departamento de Estudos para o Desenvolvimento e Ordenamento do Território, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (2005), *O que é o património cultural?*, Porto: Cepese.

GOMES, Carla Amado (2001), O preço da memória: a sustentabilidade do património cultural edificado, *Revista de Ciências Empresariais e Jurídicas*, pp. 1-21.

GONNELLA, Julia (2012), *Aleppo - Arquitetura e História*, Islamic Arts and Architecture, disponível em <http://islamic-arts.org/2012/aleppo-%E2%80%93-architecture-and-history/> (Consultado em: 29/01/2018).

GOWANS, Stephen (2017), *Washington's Long War on Syria*, Canada: Baraka Books.

GÜLERSOY, Çelik (1980), *Story of the Grand Bazaar*, Istanbul: İstanbul Kitaplığı.

HALBWACHS, Maurice (1992), *On Collective Memory*, Edited, translated, and with an introduction by Lewis A. Coser, Chicago: University of Chicago Press.

HANNA, Umayya (2007), *Re-think Aleppo*, Cities in transition, disponível em <https://citiesintransition.eu/cityreport/re-think-aleppo-the-city-always-wins> (Consultado em: 15/08/2018).

LE GOFF, Jacques (1997), *Memória - História*, Enciclopédia Einaudi, Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

LOURO, Margarida (2016), *Memória da Cidade Destruída: Lisboa/ Chiado - Berlim – Sarajevo*, Lisboa: Caleidoscópio.

LYNCH, Kevin (2007), *A boa forma da cidade*, Lisboa: Edições 70.

MARTINS, Daniela (2011), *A memória de um lugar: discursos e práticas identitárias na freguesia do Castelo em Lisboa*, Universidade Técnica de Lisboa - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa.

MÜLLER-WIENER, Wolfgang (1977), *Bildlexikon zur Topographie Istanbuls*, Alemanha: Wasmuth Ernst Verlag.

NORBERG-SCHULZ, Christian (1991), *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Edinburgh: ed. Rizzoli.

PALLASMAA, Juhani (2011) *Os Olhos da Pele: A arquitetura e os*

sentidos, Traduzido por Alexandre Salvaterra, Porto-Alegre: Bookman.

PEREIRO, Xerardo (2006), Património cultural: o casamento entre património e cultura, em ADRA n.º 2. *Revista dos sócios do Museu do Povo Galego*, pp. 23-41.

RAYMOND, André (1993), *Le Caire*, Paris: Fayard.

RODRIGUES, Donizete (2014), *Património cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica*, Universidade da Beira Interior.

ROSSI, Aldo (1980), *A Arquitectura da Cidade*, Lisboa: Edições 70.

RUSKIN, John (1849), *The Seven Lamps of Architecture*, London: Smith, Elder & Co.

RYDEN, Kent C. (1993), *Mapping the invisible landscape: Folklore, writing, and the sense of place*, University of Iowa Press.

SILVA, Elvan (1994), *Matéria, idéia e forma. Uma definição de arquitetura*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS.

SILVA, Elsa (2000), *Património e identidade. Os desafios do turismo cultural*, Universidade Técnica de Lisboa - I.S.C.S.P.

SHILDS, Rob (1991), *Places on the Margin-Alternative geographies of modernity*, London and New York-Edinburgh College of Art Library: Routledge.

SHUMAKER, Sally, **TAYLOR**, Ralph (1983), Toward a clarification of people-place relationships: A model of attachment to place, *Environmental psychology: Directions and perspectives*, pp. 219-251.

The Arab weekly (2015), *Al-Hamidiyah Souk, main Damascus shopping centre*, disponível em <https://the arabweekly.com/al-hamidiyah-souk-main-damascus-shopping-centre> (Consultado em: 29/01/2018).

TUAN, Yi-Fu. (1977), *Space and place: The perspective of experience*, University of Minnesota Press.

UNESCO (1982), *World Conference on Cultural Policies*, Mexico City, disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0005/000525/052505eo.pdf>(Consultado em 14.11.2017).

UNESCO (2001), *Proclamation of the Masterpieces of the Oral and Intangible Heritage of Humanity*, disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001246/124628eo.pdf> (Consultado em: 14/11/2017).

W.A.V.E (2017), *Aleppo Souq*, disponível em <http://wave2017.iuav.it/aleppo-souq/> (Consultado em: 05/11/2017).

WILLIAMS, Caroline (2008), *Monumentos Islâmicos no Cairo: O Guia Prático*, Cairo: American University no Cairo Press.

WORLD POPULATION REVIEW (2018), *Syria Population*, disponível em <http://worldpopulationreview.com/countries/syria-population/> (Consultado em: 30/09/2018).

ZINGALE, Salvatore (2010), *Wayfinding using color: A semiotic research hypothesis*, disponível em http://www.academia.edu/641844/Wayfinding_using_colour_A_semiotic_research_hypothesis (Consultado em: 05/11/2017).

CONSULTADA

ARAÚJO, Luiz (2016), *O Princípio da Responsabilidade de Proteger e a Guerra Civil Síria*, Trabalho para obtenção do grau de bacharel no curso de Direito da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

BARRETA, João (2012), *Comércio de Proximidade e Regeneração Urbana*, Lisboa: CIP.

BIANCA, Stefano (1984), *The Redevelopment of Bab al-Faraj Area in Aleppo*, Paris: UNESCO.

BOYER, M. Christine (1996), *The City of Collective Memory. Its Historical Imagery and Architectural Entertainments*, Cambridge: The MIT Press.

COSTA, António (2006), *El Sentido de la Memoria en la ciudad heredada. Propuestas para la intervención planificada en áreas históricas de Lisboa*, Thesis doctoral, Departamento de Urbanística y Ordenación del Territorio, Universidad de Sevilla.

COUCEIRO, João (1998), *Urbanidade e património*, Lisboa: Igaphe Urbe.

HUYSEN, Andreas (2003), *Present Pasts. Urban Palimpsests and the politics of Memory*, Stanford University Press.

RUSSELL, Alexander (1754), *The Natural History of Aleppo*, London: Printed for G.G. and J. Robinson.

TAYLOR, Alan (2016), *Aleppo Before the War*, *The Atlantic*, disponível em <https://www.theatlantic.com/photo/2016/12/aleppo-before-the-war/511424/> (Consultado em: 05/11/2017).

ANEXOS

I - COMPLEMENTOS AO TRABALHO

Plantas, Mapas e Imagens

II - PROCESSO DE TRABALHO

Esboços e Desenhos

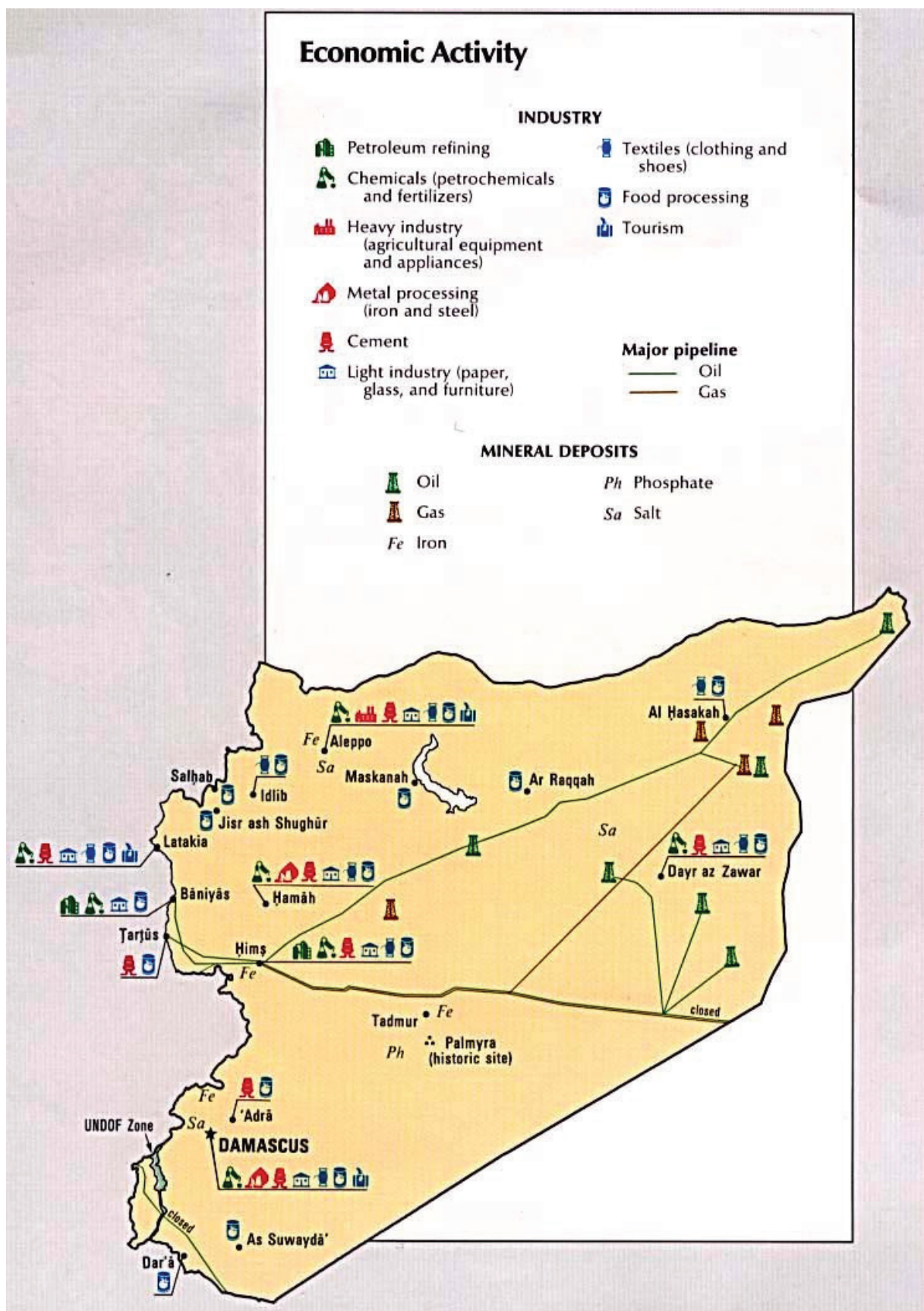
Maquetes

III - APRESENTAÇÃO GRÁFICA

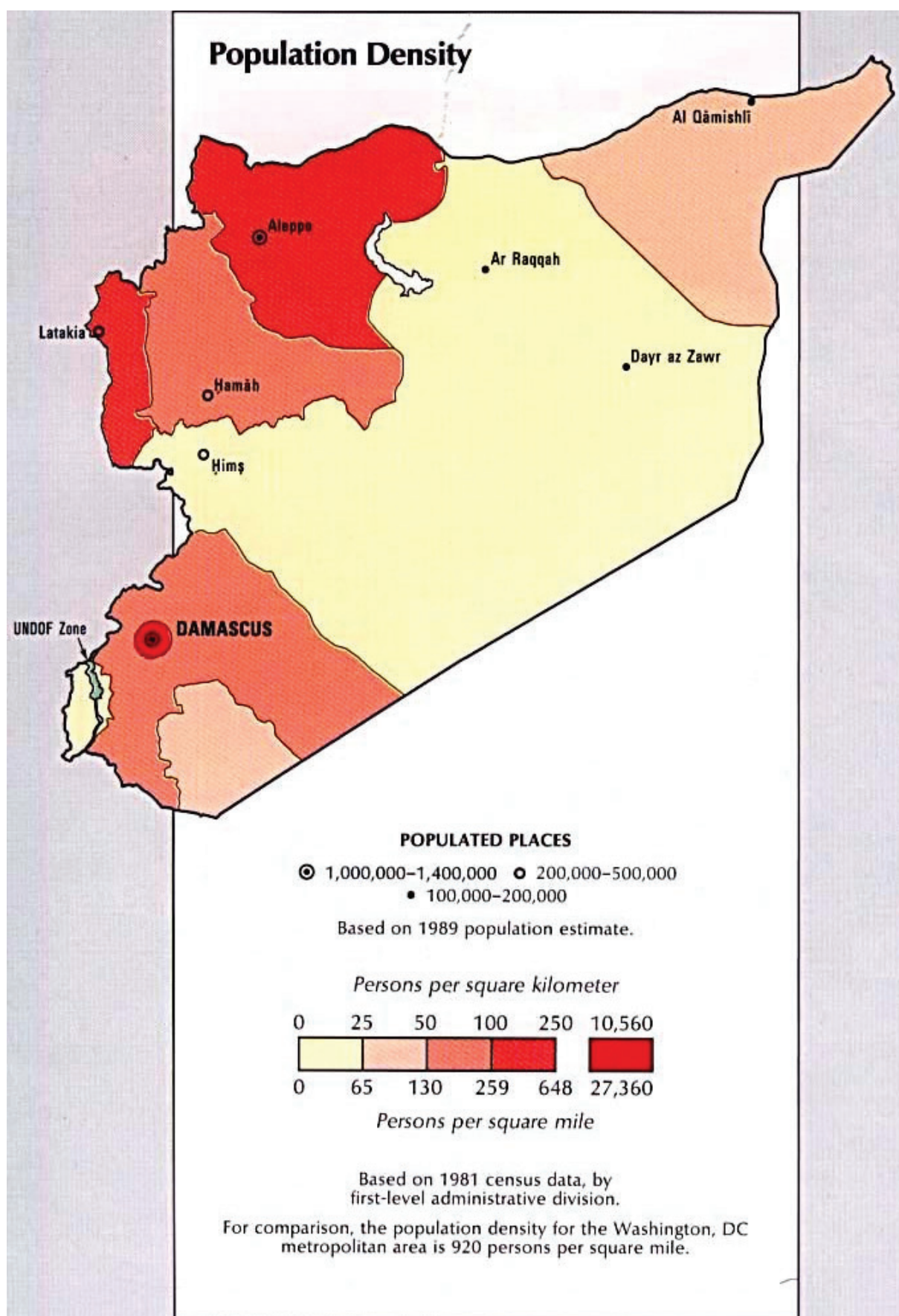
Painéis Finais

I - COMPLEMENTOS AO TRABALHO

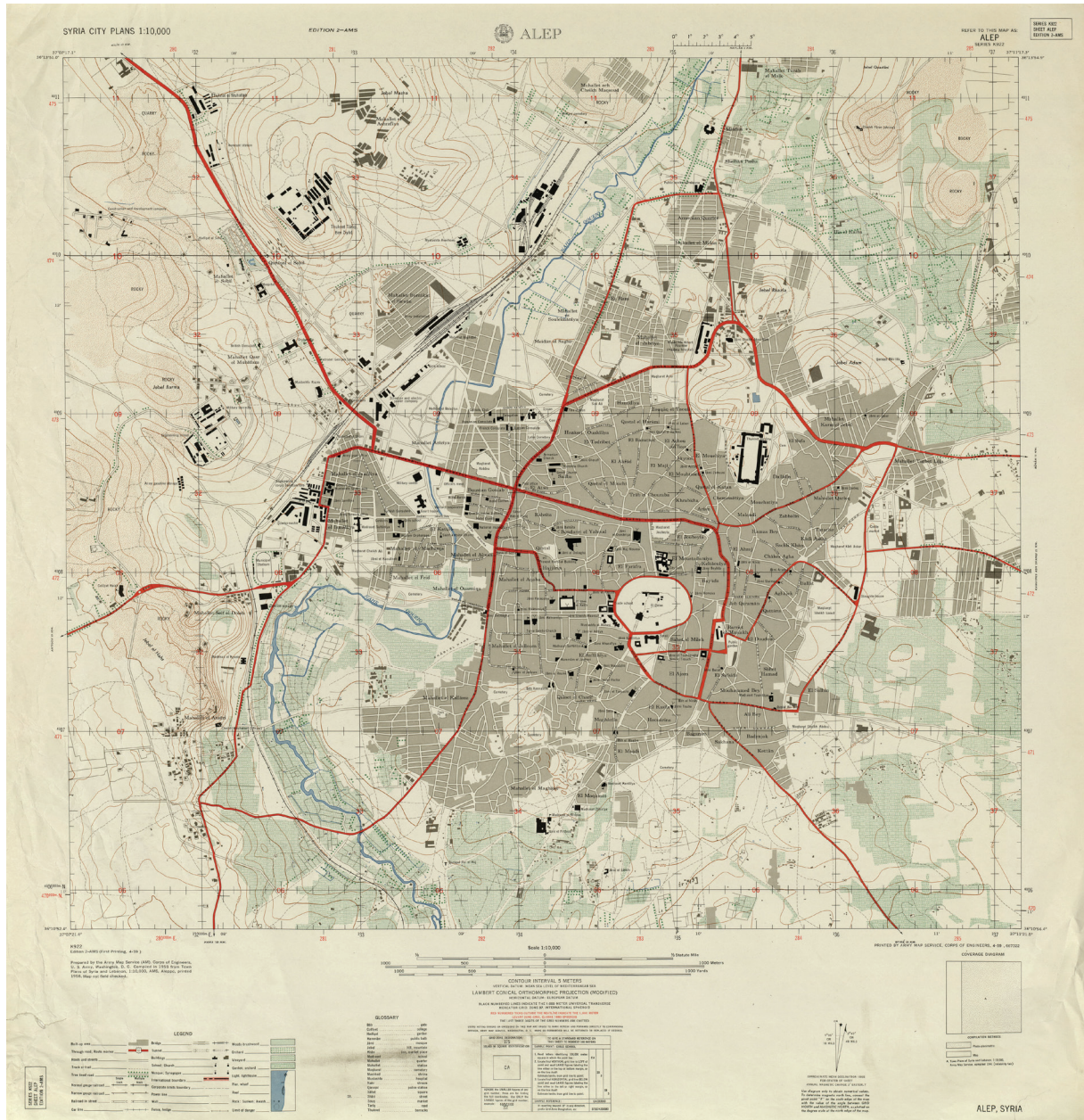
Plantas, Mapas e Imagens



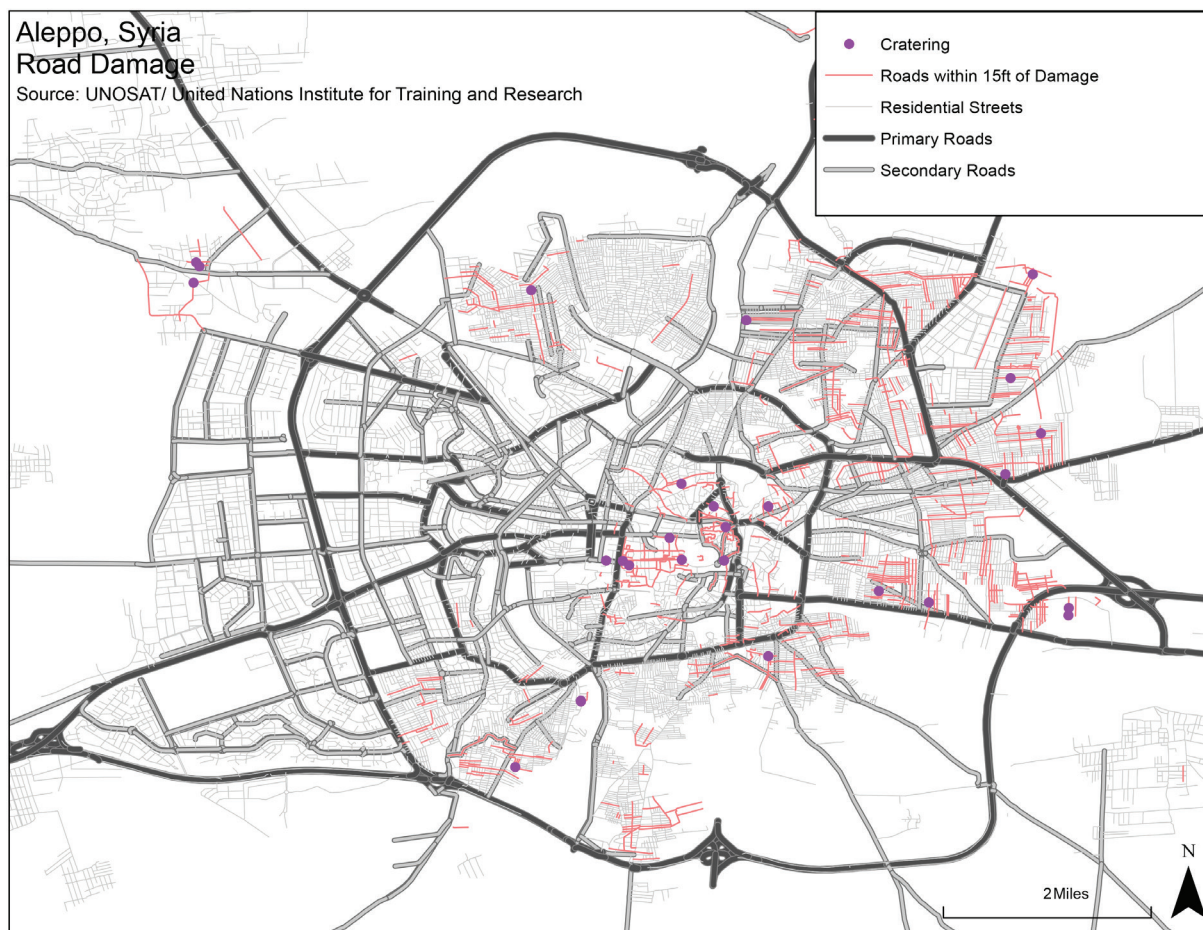
Setores de atividade económica da Síria



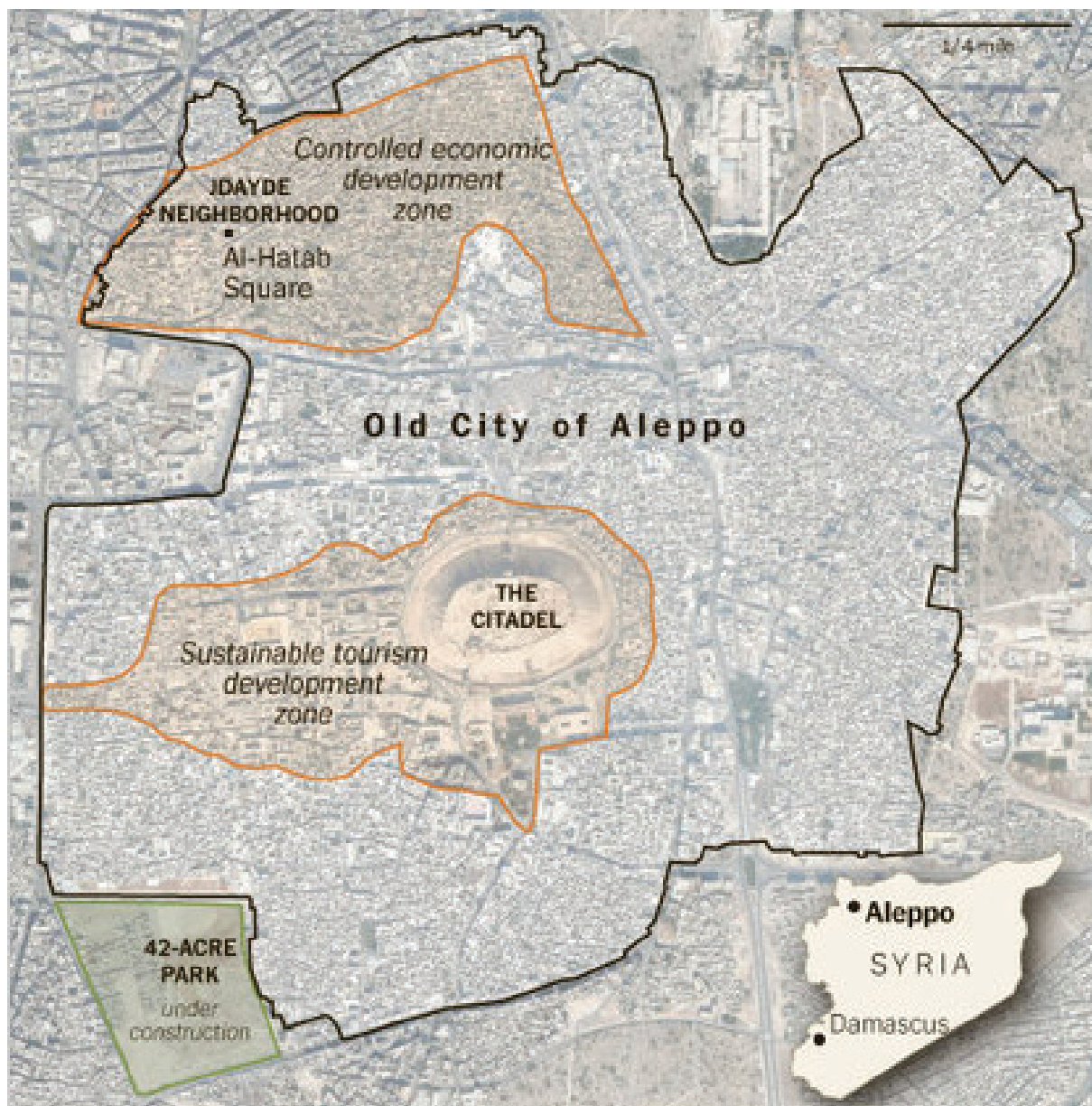
Densidade populacional na Síria, 1981



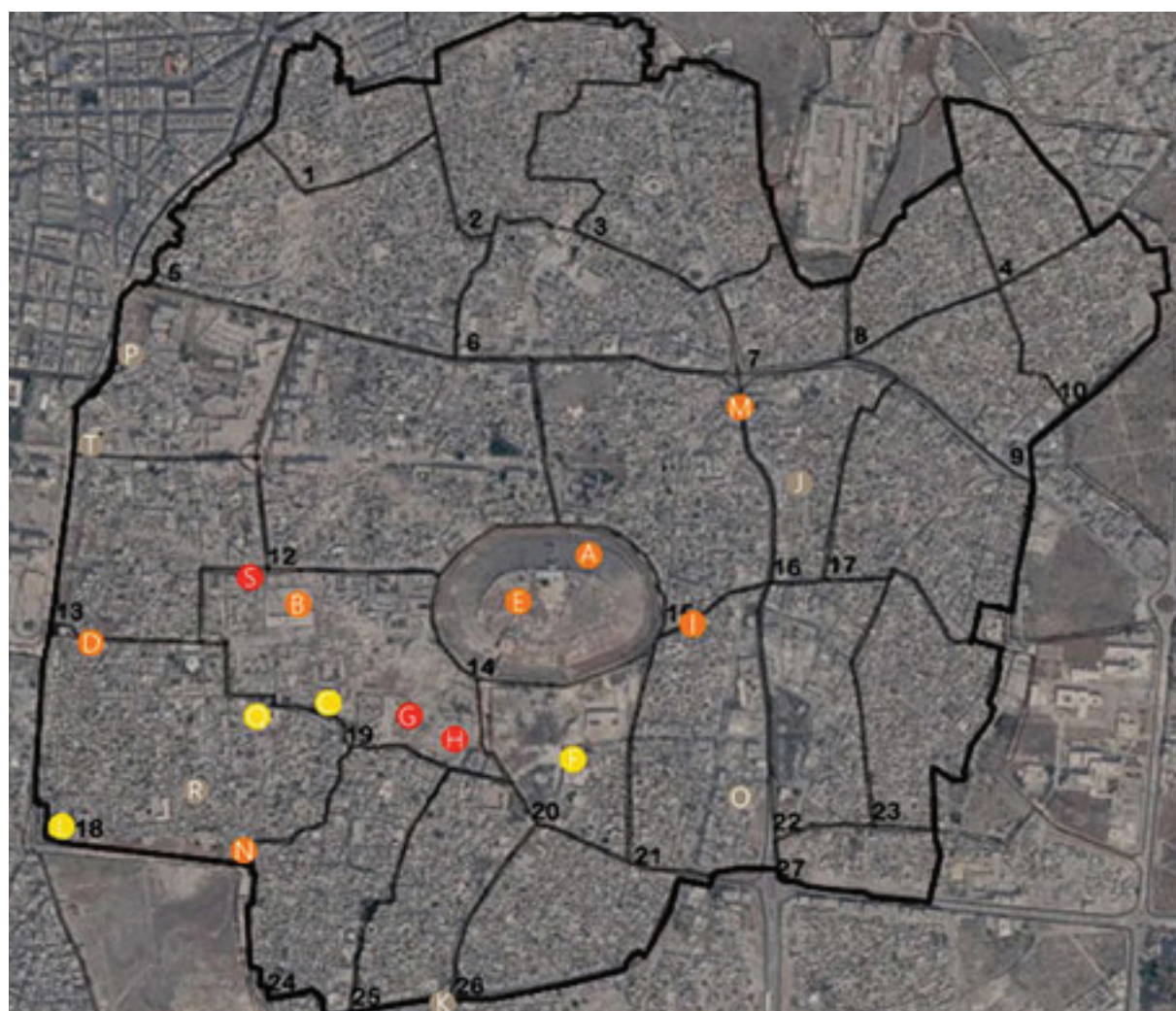
Mapa de Alepo, 1958.



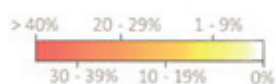
Mapa de estradas de Alepo



Mapa da cidade antiga de Aleppo



NÍVEL DE DESTRUIÇÃO



BAIRROS

- | | |
|----------------|----------------------|
| 1 Al Hazzazeh | 15 Al Bayyada |
| 2 Al Almaji | 16 Abraj |
| 3 Aghyor | 17 Sajlikhan |
| 4 Qarleq | 18 Al Jalloum |
| 5 Al Jdeydeh | 19 Al Madina |
| 6 Qastal Mosht | 20 AL Aajam |
| 7 Ibn Ya'qoub | 21 Altunbogha |
| 8 Ad-Dallaleen | 22 Ad-Dudu |
| 9 Qadi Askar | 23 Al Ballat |
| 10 Tatarlar | 24 Qal'et ash-Sharif |
| 11 Bab Alfaraj | 25 Sahet Bizzeh |
| 12 Al Farafra | 26 Al Asileh |
| 13 Al Aqabeh | 27 Muhammad Bek |
| 14 Citadel | |

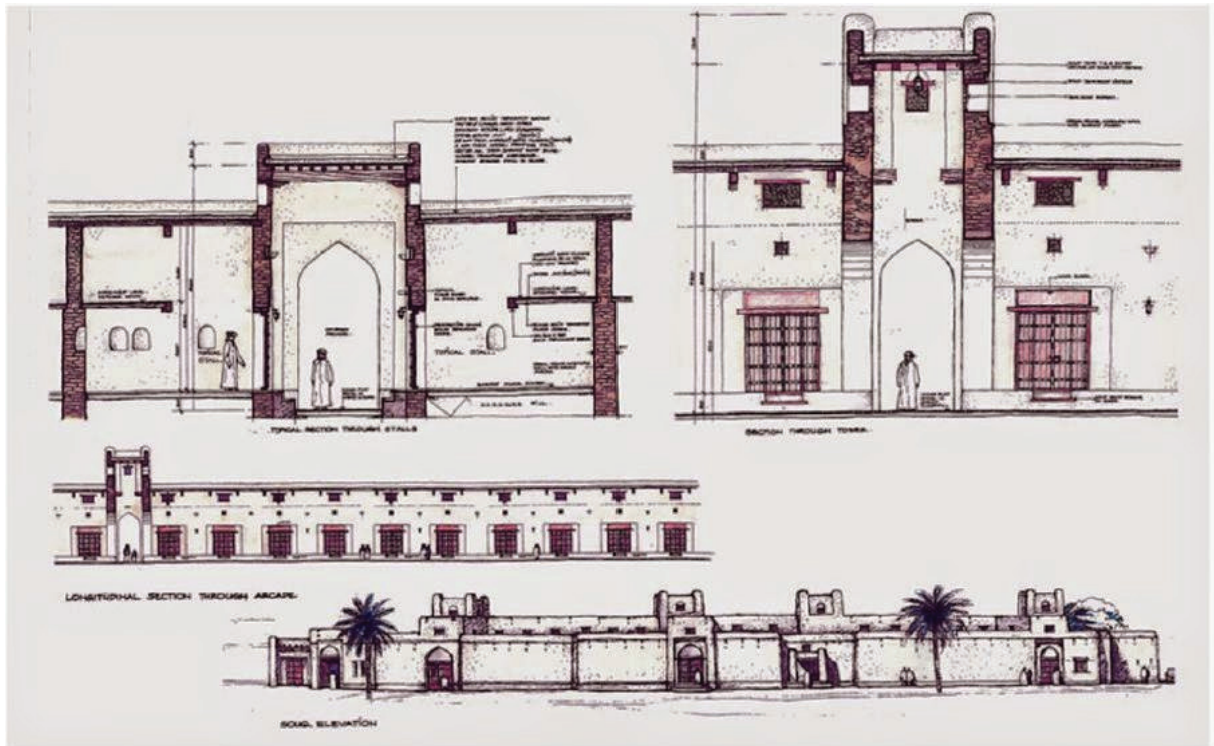
MONUMENTOS CLASSIFICADOS

- | | |
|---|---------------------------------------|
| A | Citadela |
| B | Grande Mesquita de Aleppo (Ummayyad) |
| C | Mesquita Al-Adiliyah |
| D | Mesquita Al-Shayabiyeh |
| E | Mesquita de Abraham |
| F | Mesquita Al-Otrosh |
| G | Mesquita Khusruwiyah |
| H | Mesquita Al Khosrofiyh |
| I | Mesquita Al Alaman |
| J | Mesquita Daroj |
| K | Porta da Cidade- Maqam |
| L | Porta da cidade- Antakya |
| M | Porta da cidade- Al-Hadid (Iron Gate) |
| N | Porta da cidade- Bab Qinnasrin |
| O | Porta da cidade- Nyrah 16 |
| P | Torre do relógio (Bab Al-Faraj) |
| Q | Igreja Al-Shibani |
| R | Palácio Mansouriya |
| S | Mercado/Bazar Al-Madina |
| T | Bazar Bab Antakya |

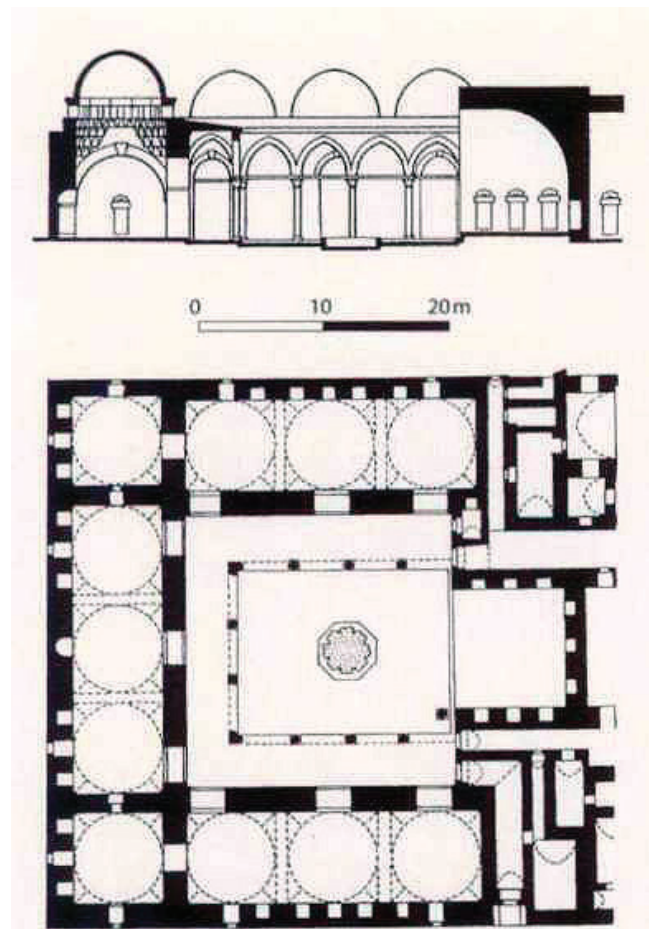
Mapa dos bairros de Aleppo e dos monumentos principais afetados

ALEPPO DAMAGE ASSESSMENT SUMMARY			ALEPPO DAMAGE ASSESSMENT SUMMARY		
	LOCATION NAME	DAMAGE LEVEL		LOCATION NAME	DAMAGE LEVEL
1	Al-Adiliya Mosque	Possible damage	37	Suq Miqa	Severe damage
2	Carlton Hotel	Destroyed	38	Suq Barriya	Severe damage
3	Great Umayyad Mosque	Severe damage	39	Suq Balzarjja	Destroyed
4	Hamman Al-Nahasin	Severe damage	40	Suq Dahsheth	Possible damage
5	Khan Abd	Moderate damage	41	Suq Dja'	Destroyed
6	Khan al-Jumruk	Moderate damage	42	Suq Ebi	Severe damage
7	Khan al-Nahasin	Severe damage	43	Suq Halabiya	Moderate damage
8	Khan al-Sabun	Destroyed	44	Suq Hammam	Severe damage
9	Khan al-Shura	Destroyed	45	Suq Hama	Destroyed
10	Khan al-Wair	Moderate damage	46	Suq Hibat	Severe damage
11	Khan Barzakh	Severe damage	47	Suq Hur	Severe damage
12	Khan Farajiyin	Destroyed	48	Suq Jakh	Moderate damage
13	Khan Isaji	Destroyed	49	Suq Karanash	Severe damage
14	Khan Jmudi	Destroyed	50	Suq Khan al-Farajiyin	Severe damage
15	Khan Khattin	Severe damage	51	Suq Khan al-Nahasin	Possible damage
16	Khan Kuyar Bak	Possible damage	52	Suq Khan al-Wair	Moderate damage
17	Khan Nassar	Destroyed	53	Suq Maradil	Destroyed
18	Khan Dulabiya	Severe damage	54	Suq Near Istanbul	Destroyed
19	Madrasa al-Salibiya	Moderate damage	55	Suq Old Istanbul	Severe damage
20	Madrasa Khawassiyin	Destroyed	56	Suq Qaymugha	Destroyed
21	Madrasa Shabakhithiyin	Severe damage	57	Suq Sabun	Severe damage
22	Madrasa Salibiya	Moderate damage	58	Suq Saqbiya	Severe damage
23	Madrasa Shamsiyya	Destroyed	59	Suq Shum	Severe damage
24	Madrasa Yarithakiya	Severe damage	60	Suq Sumayatiya	Severe damage
25	Mosque Aylan Coca	Possible damage	61	Suq Syagh	Destroyed
26	Mosque Saffahiya	Moderate damage	62	Suq Zabi	Severe damage
27	Public Toilets (ancient historic building)	Destroyed	63	Walled City Area	Moderate damage
28	Qayariya Dawkishja	Destroyed			
29	Qayariya Farajiyin	Severe damage			
30	Qayariya Halakatin	Destroyed			
31	Qayariya Dulabiya	Severe damage			
32	Roukhaliya Military School (historic building)	Moderate damage			
33	State Hospital (historic building)	Destroyed			
34	Suq al-Nasir	Severe damage			
35	Suq Asqadin	Destroyed			
36	Suq Nalan Darda	Severe damage			

Lista de edificios destruídos e o seu estado.



Reconstrução do *Souq Bahla*



Madrasa al-Firdaus em Aleppo

II - PROCESSO DE TRABALHO

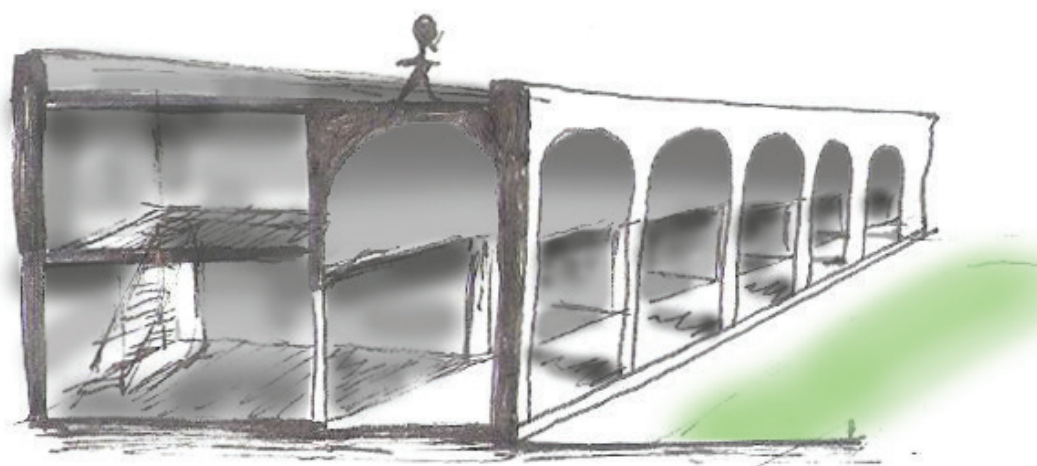
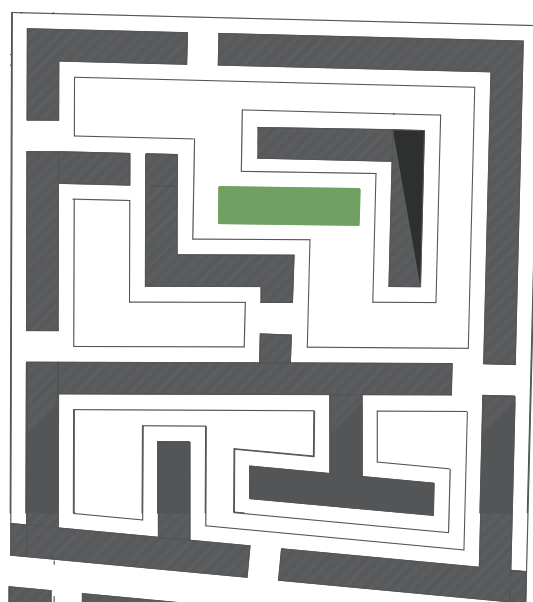
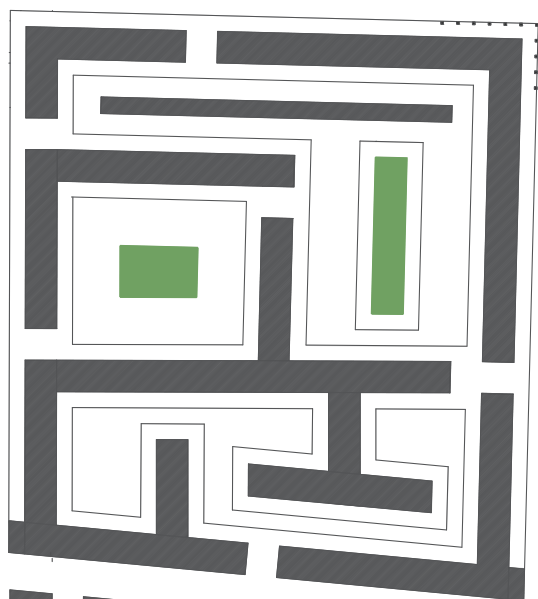
Esboços e Desenhos

Maquetes

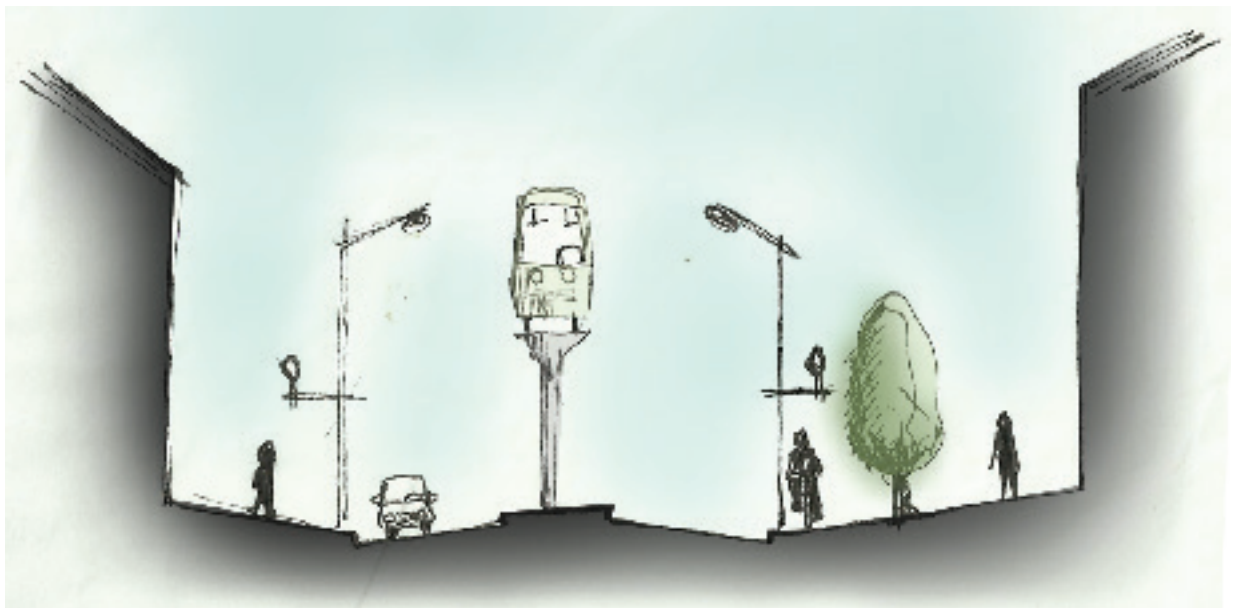
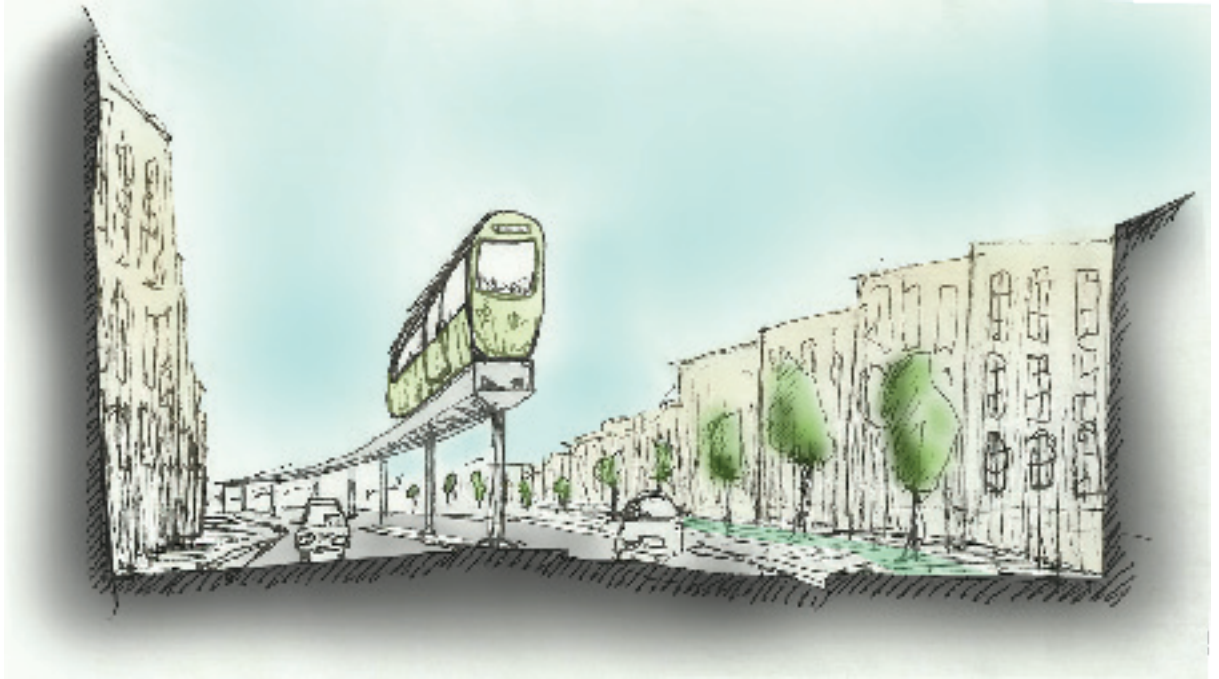


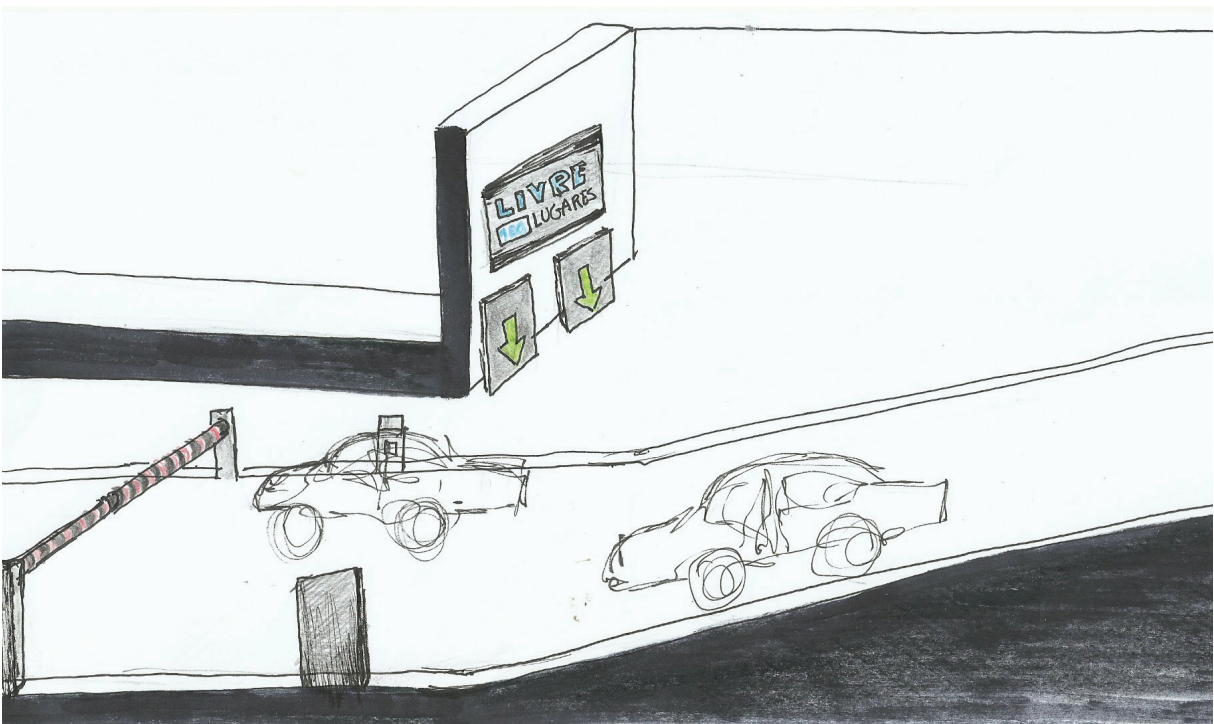
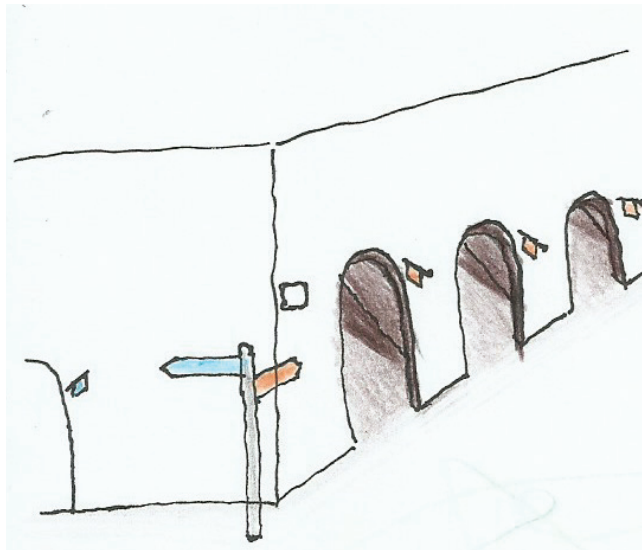


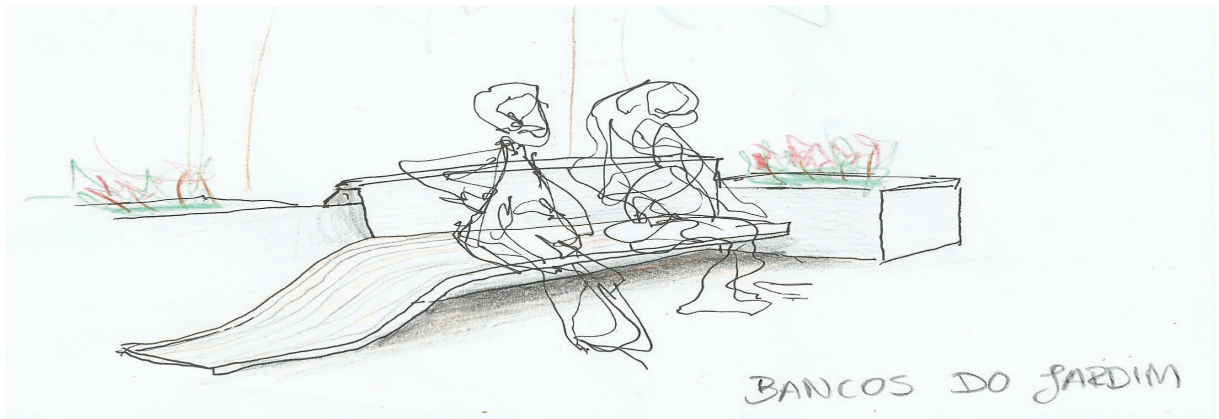
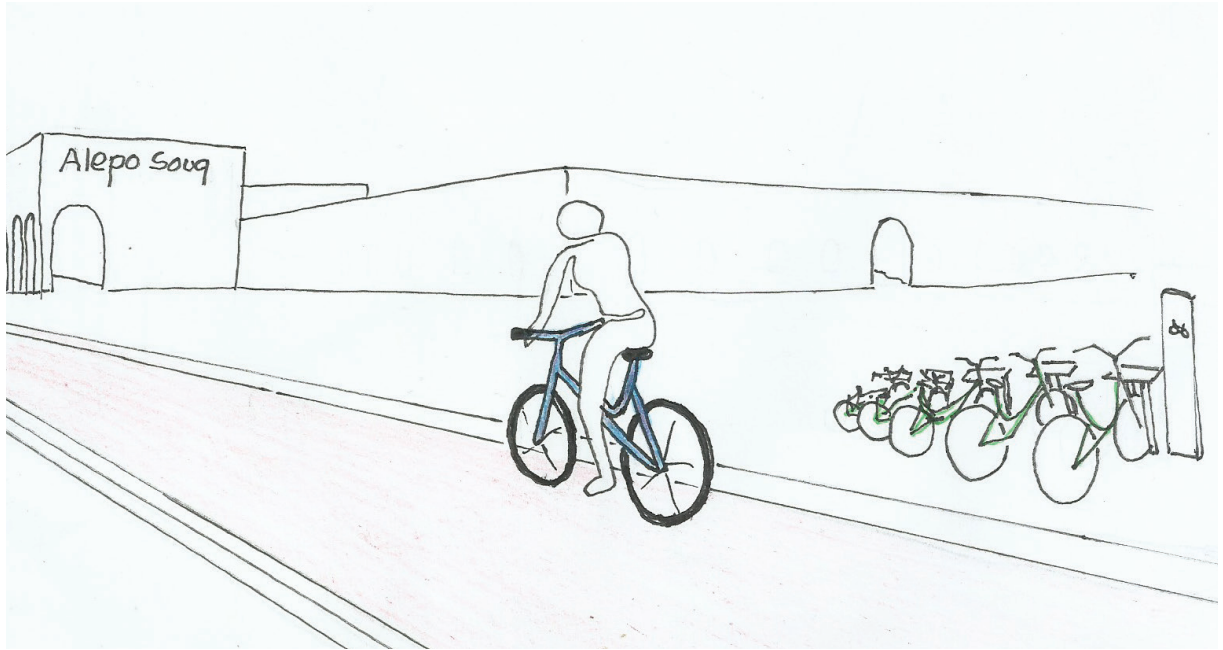
- | | |
|---|---|
| Vestuário | Especialidades, bens coloniais |
| Ourives | Zonas Verdes Produtos textéis |









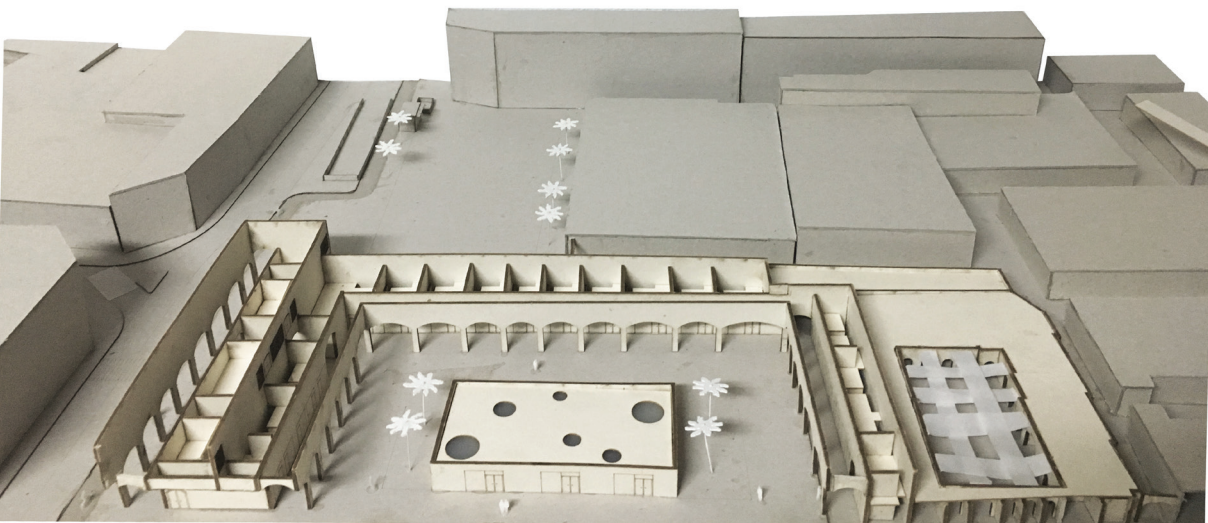
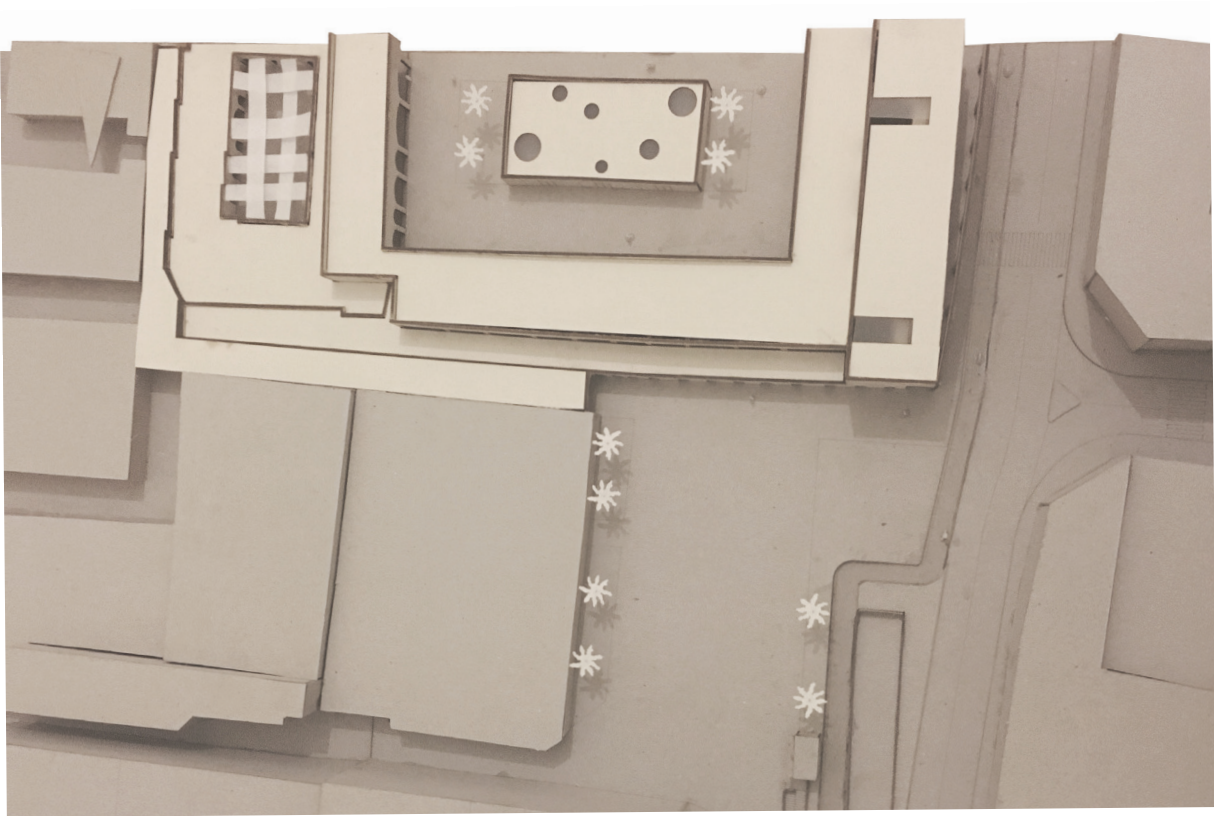


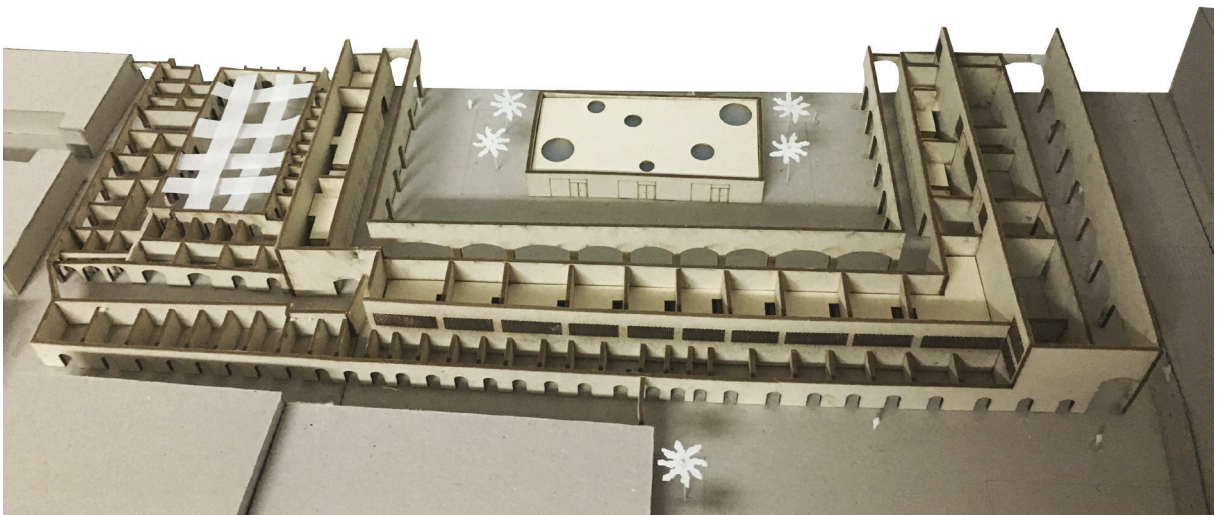
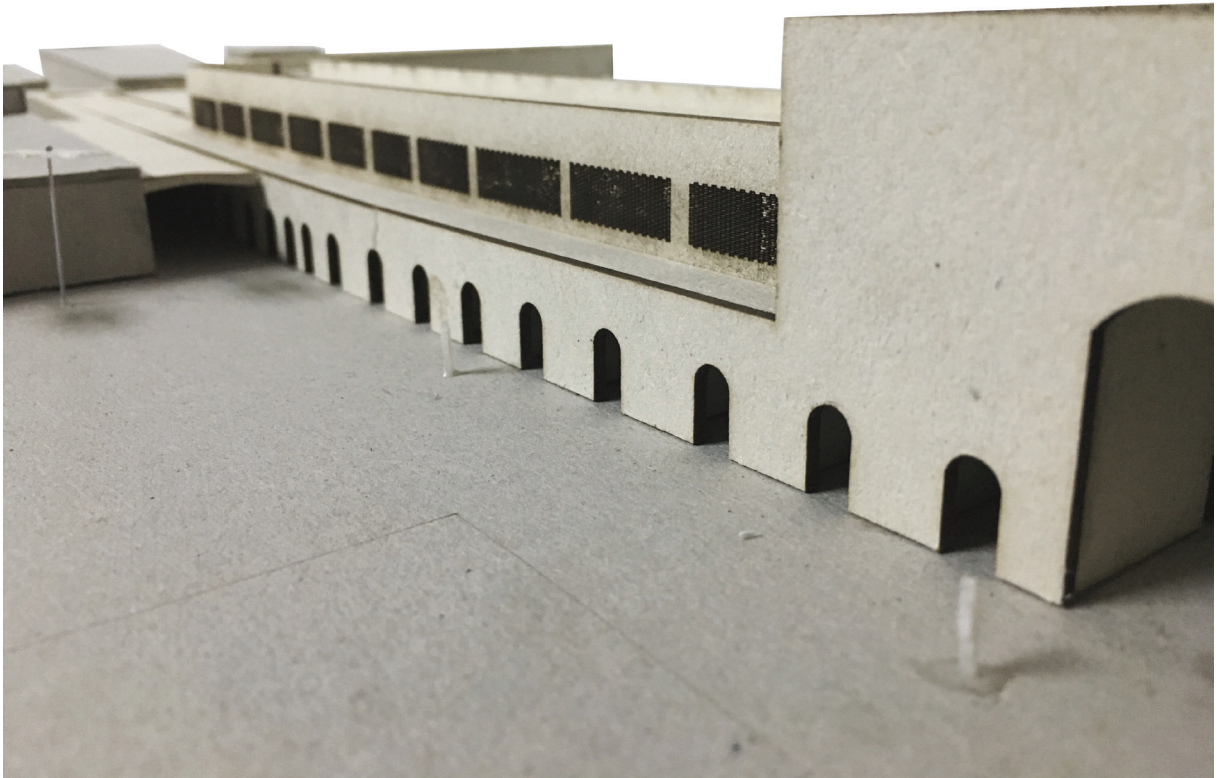




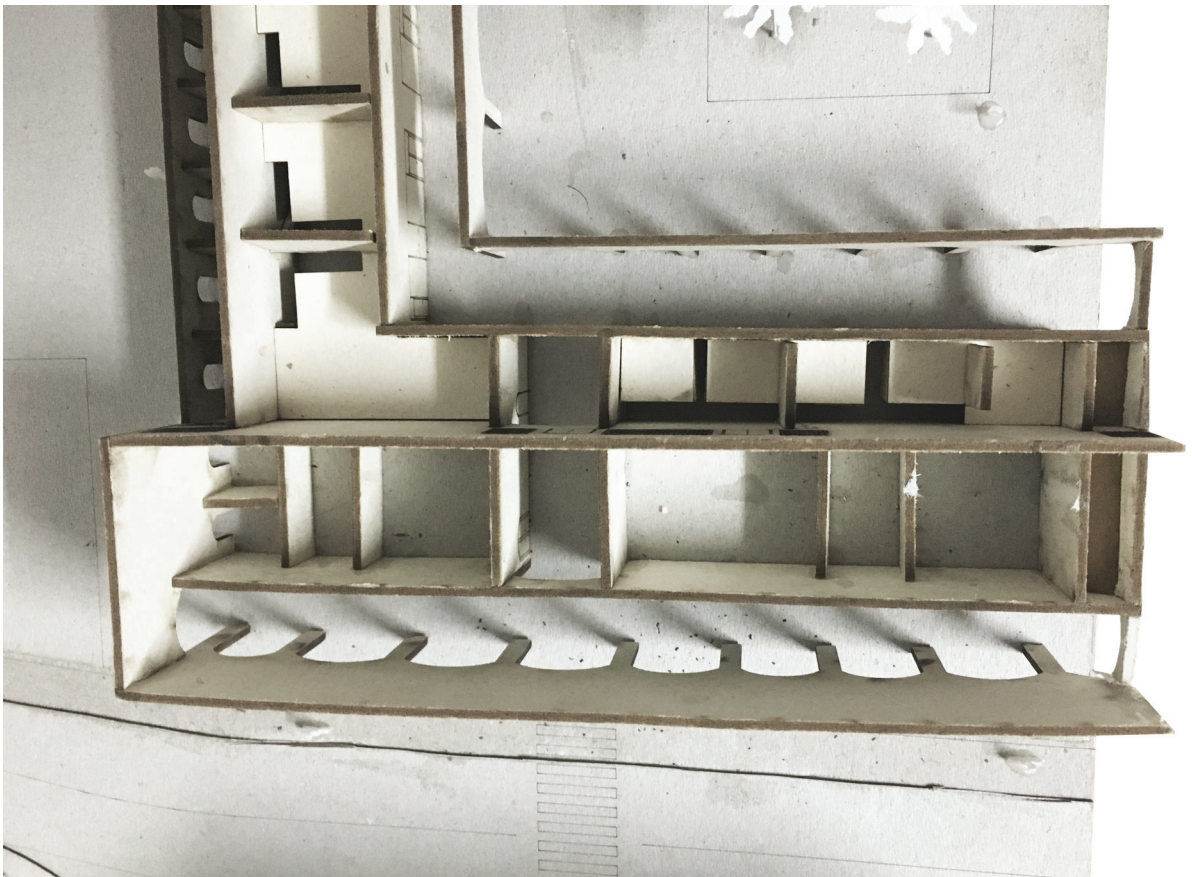
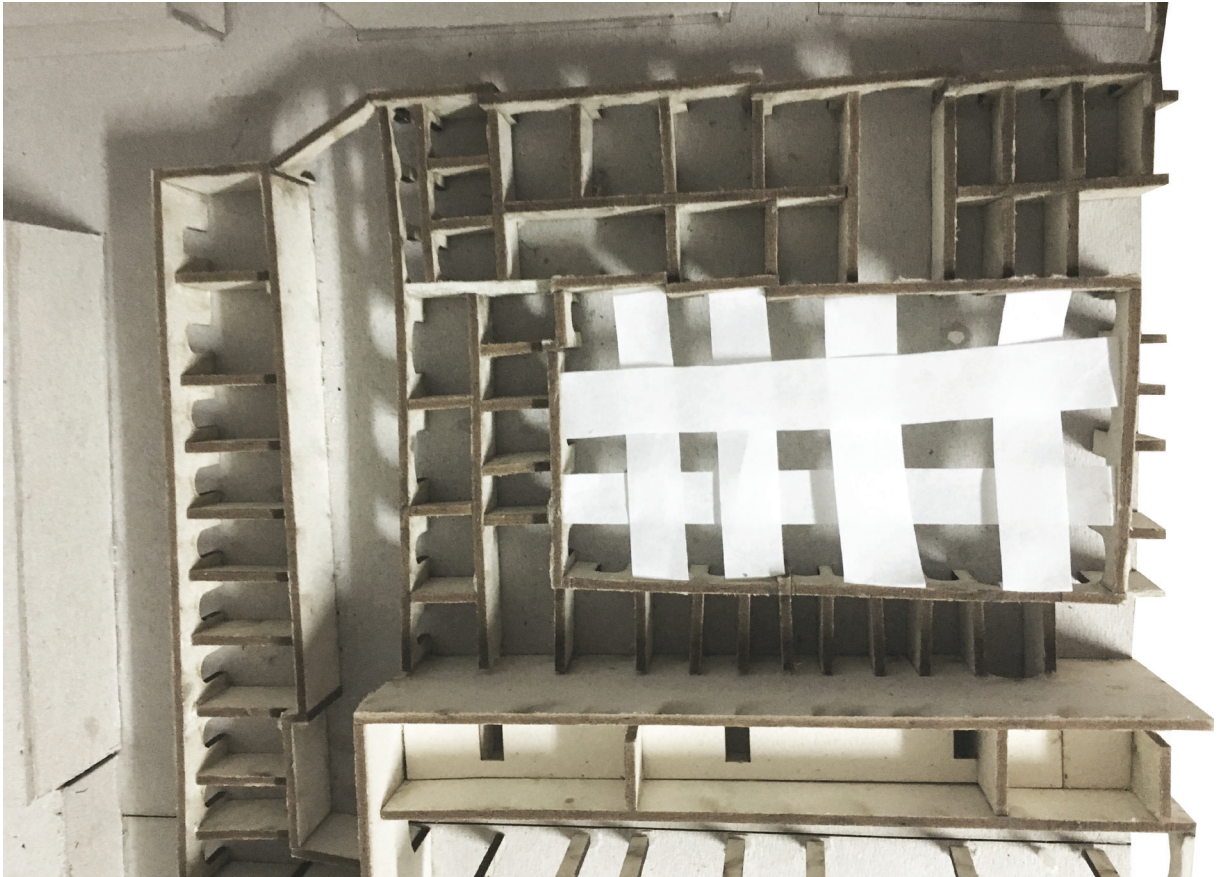






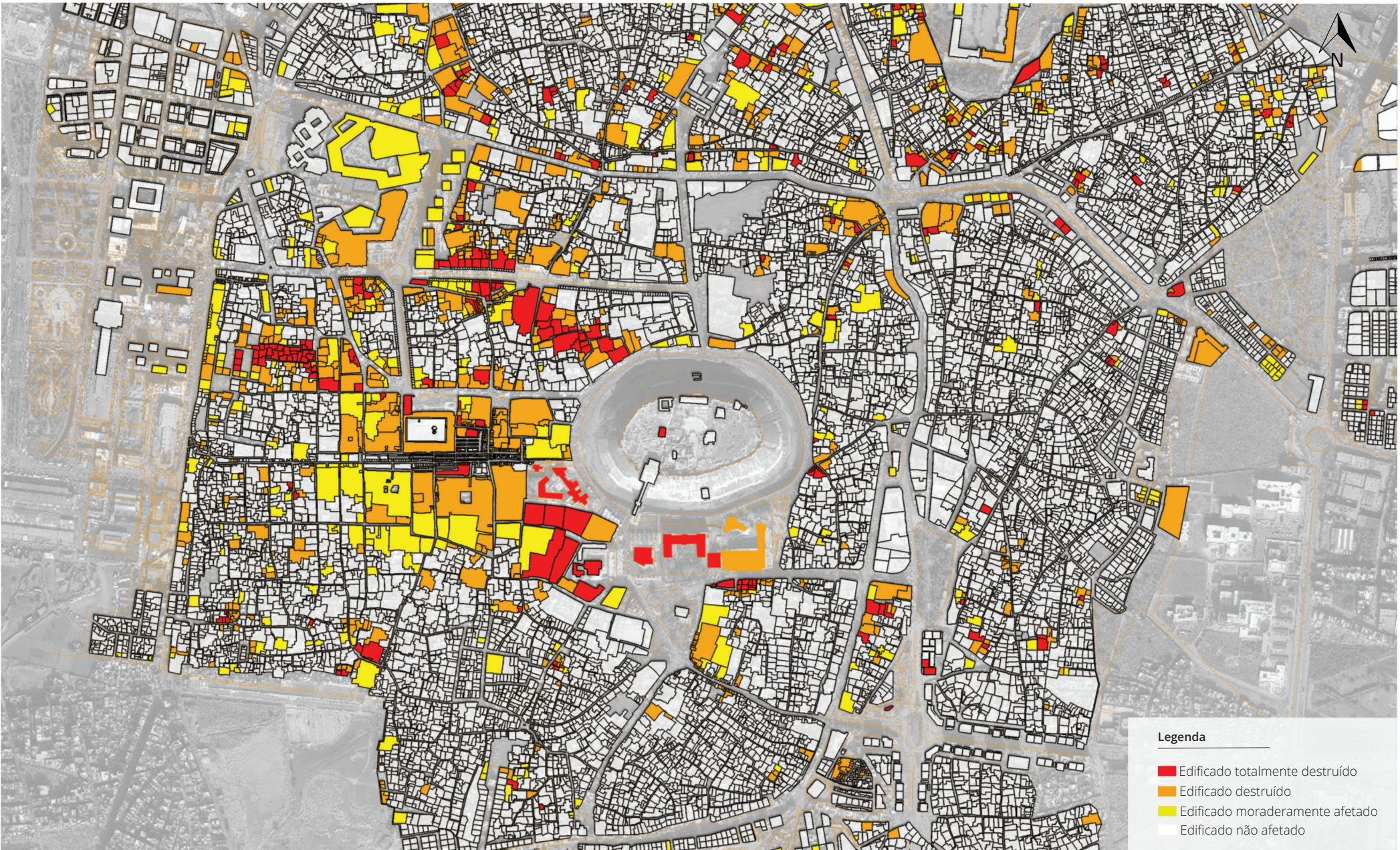




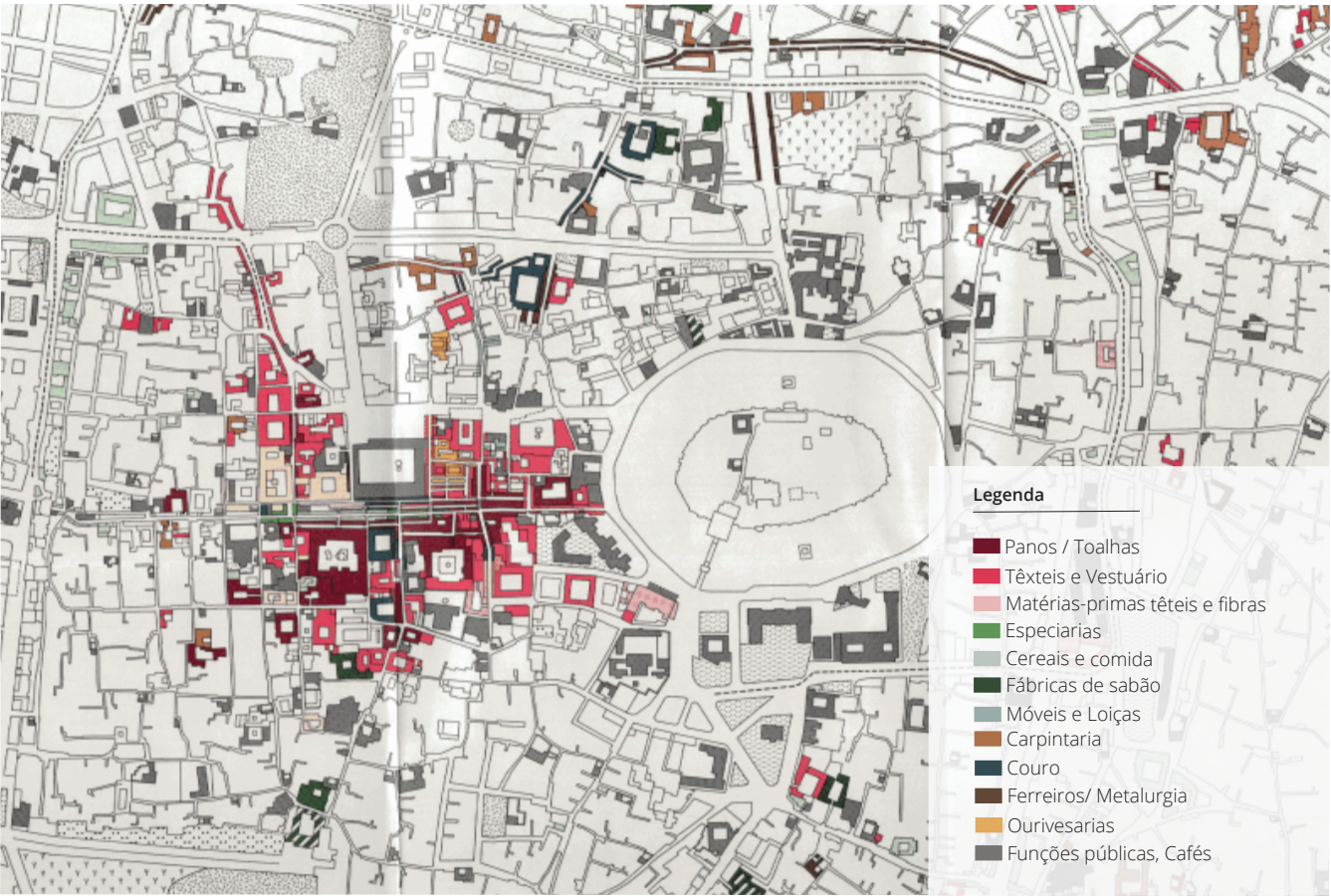


III - APRESENTAÇÃO GRÁFICA

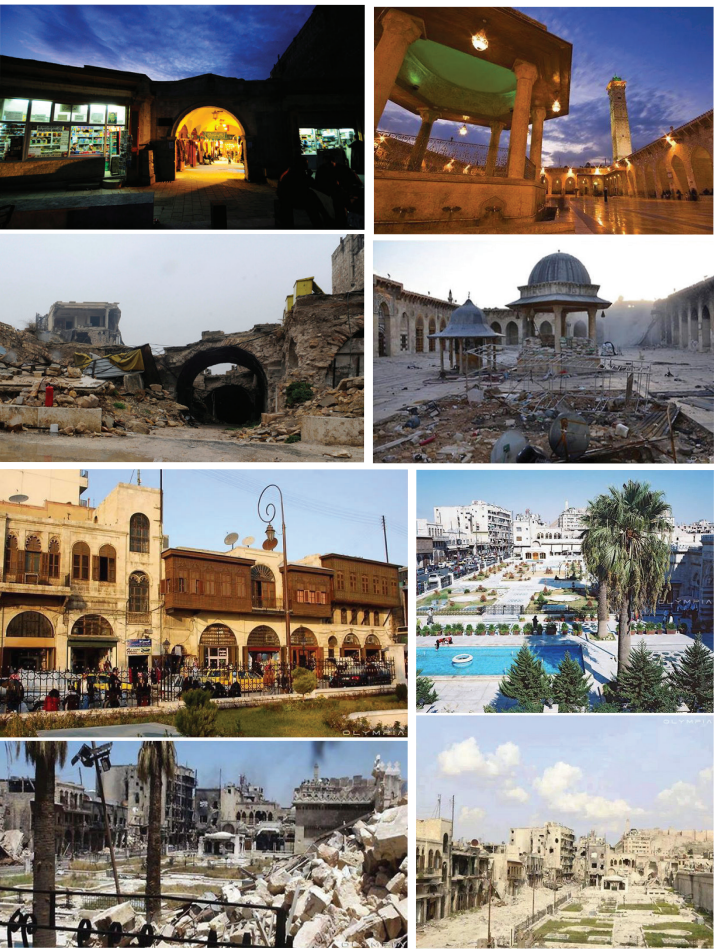
Painéis Finais

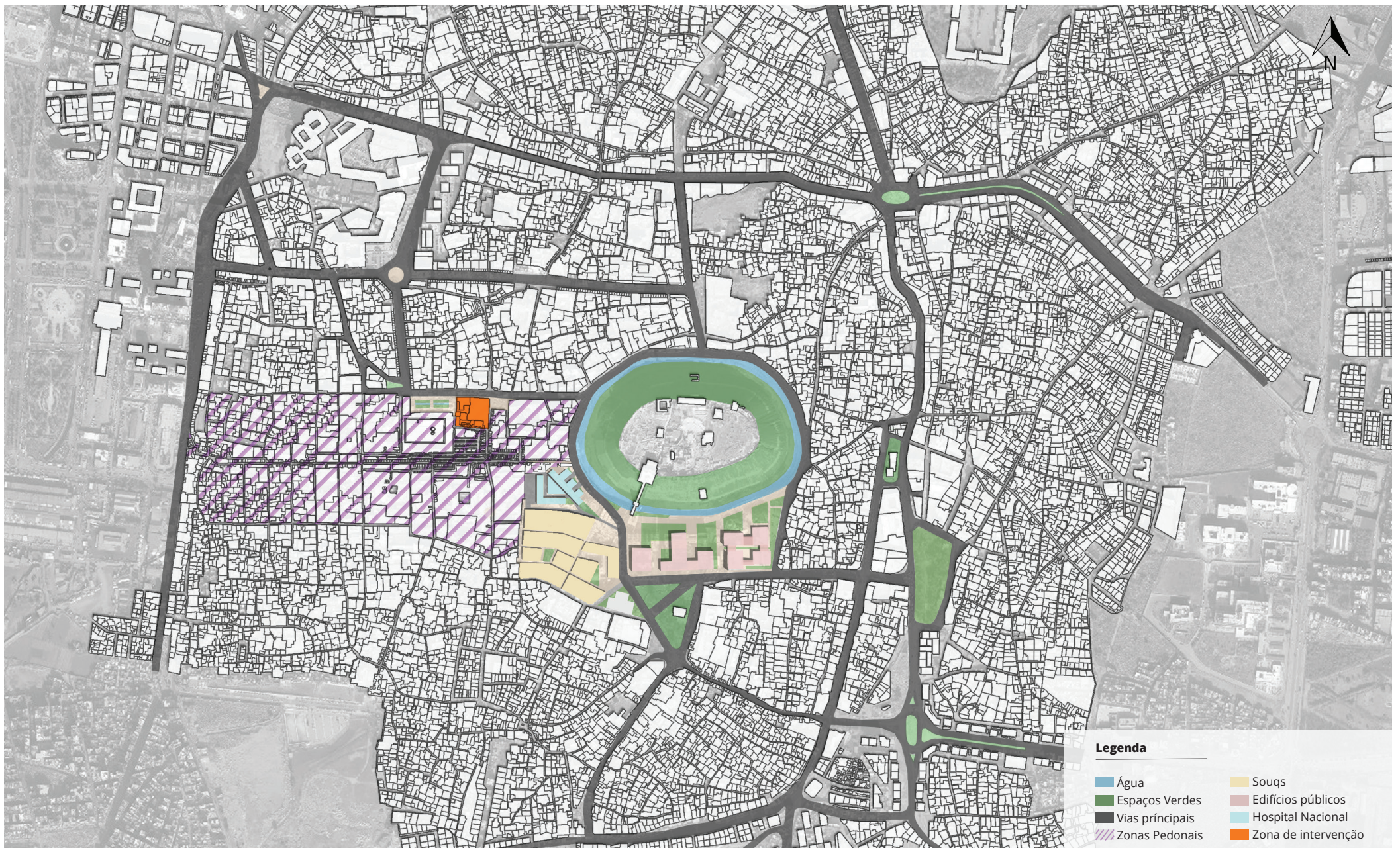


Nível de destruição da Cidade antiga de Aleppo
ESCALA 1:5000

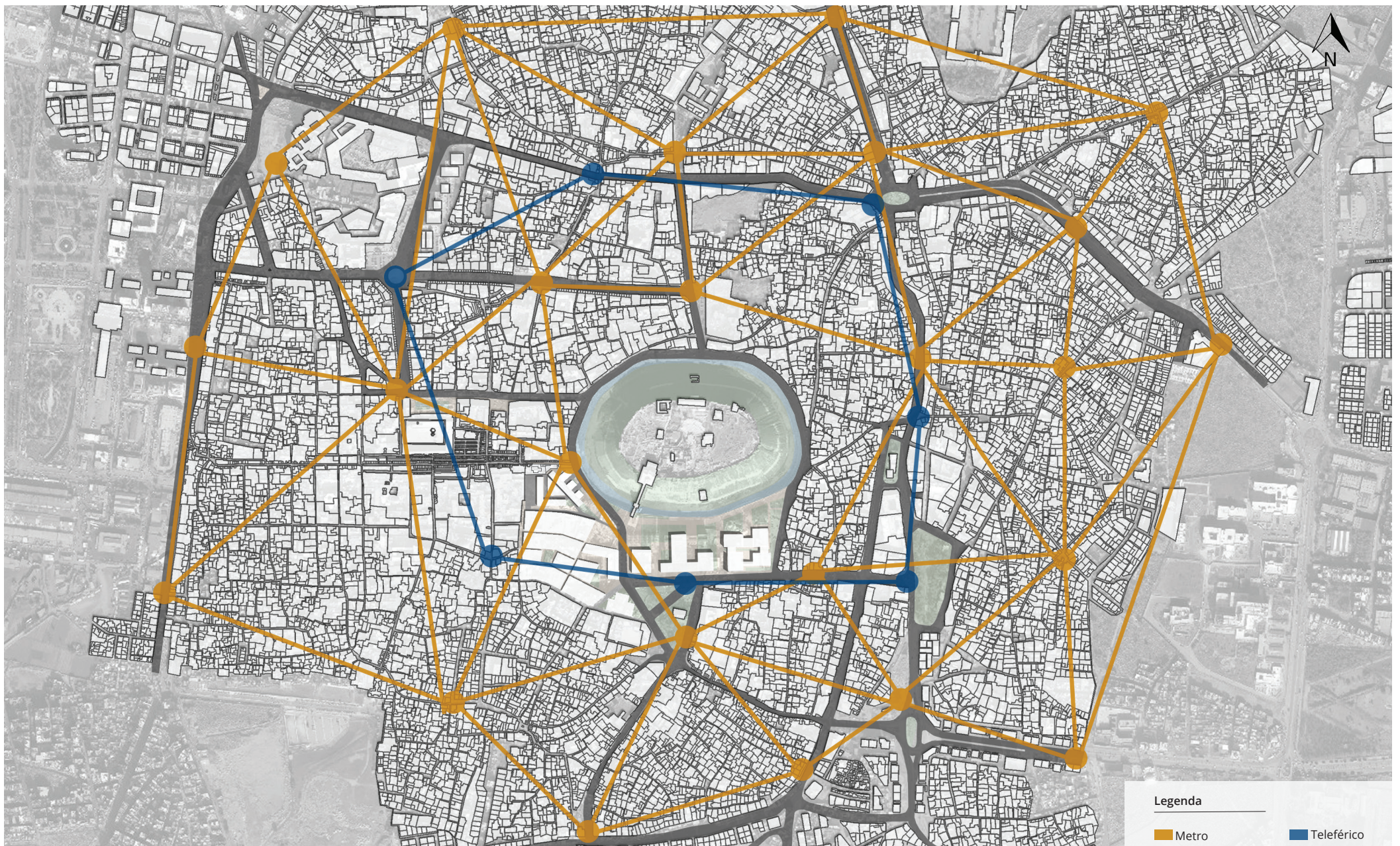


Áreas comerciais de Aleppo
ESCALA 1:5000

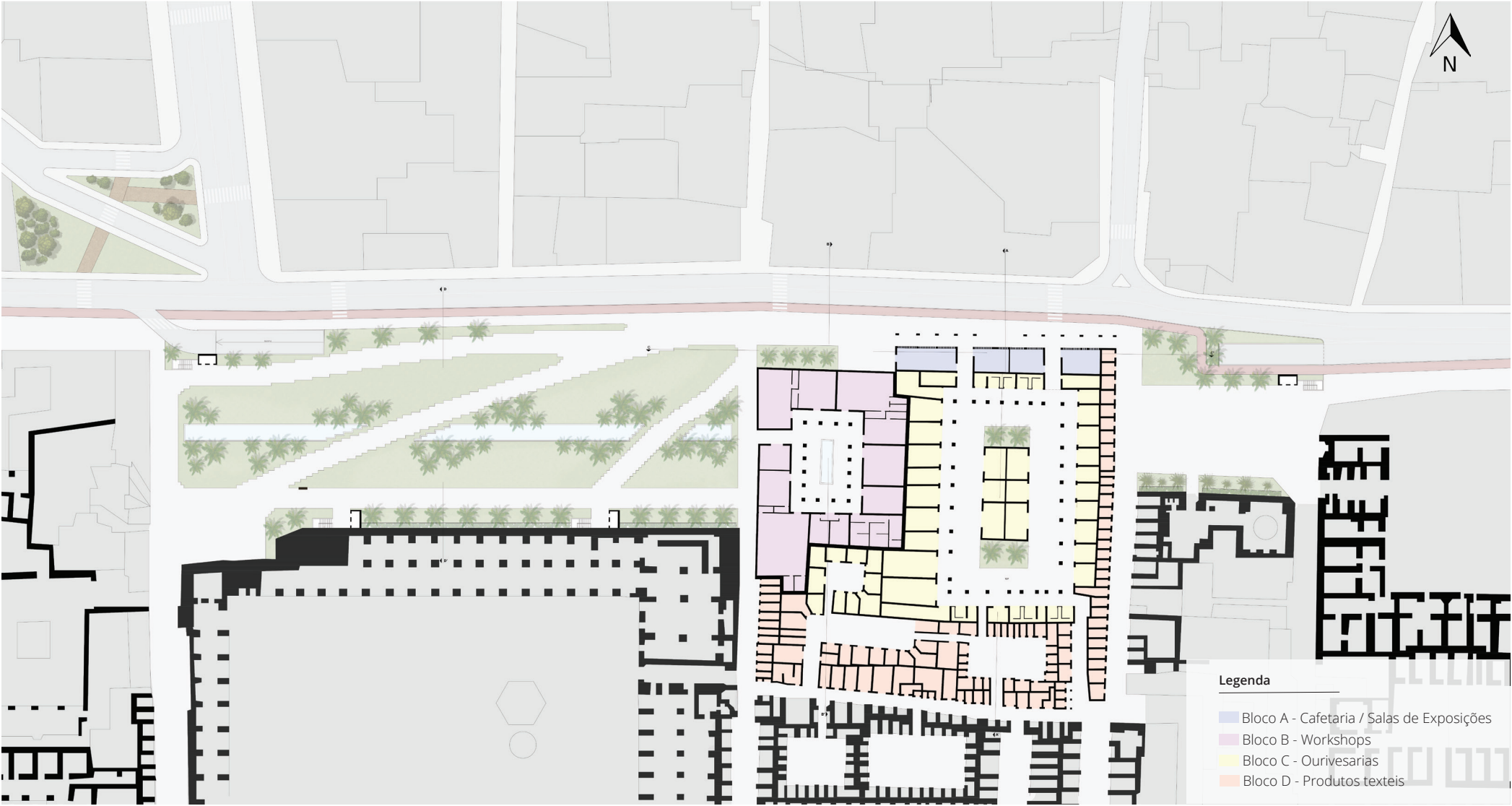




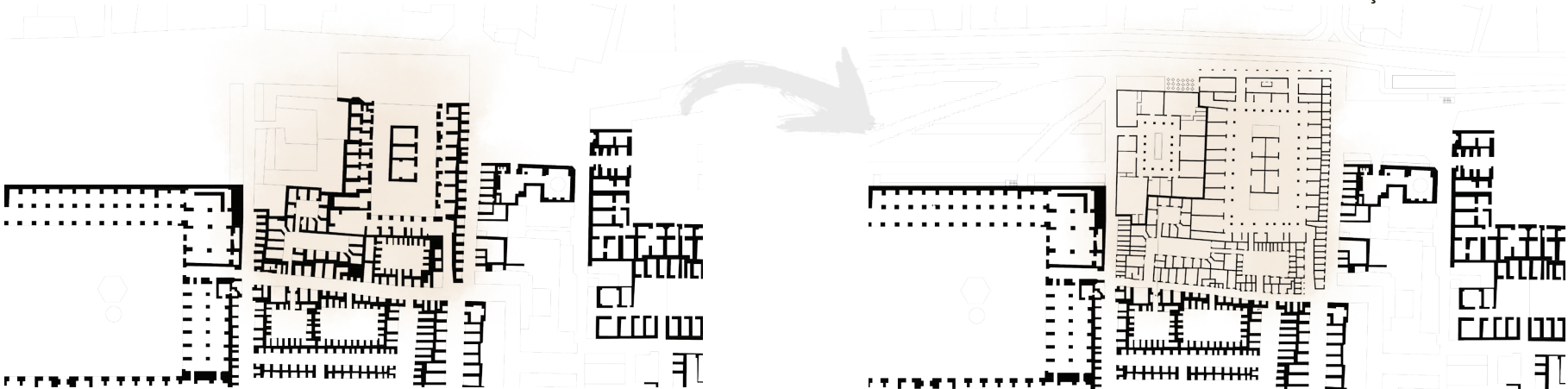
Intervenção urbana - Cidade antiga de Aleppo
ESCALA 1:5000



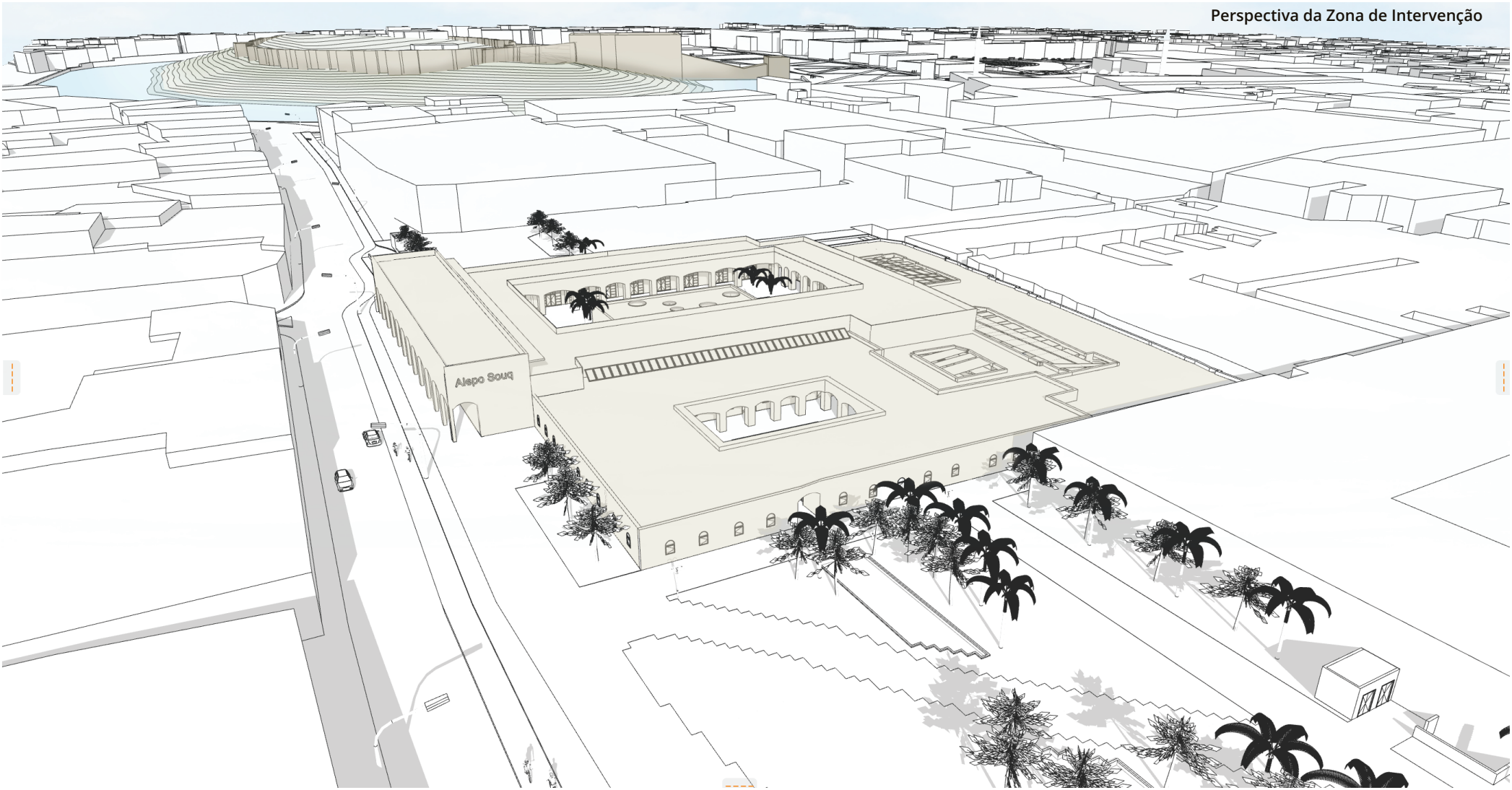
Intervenção urbana - Malhas de transportes públicos
ESCALA 1:5000



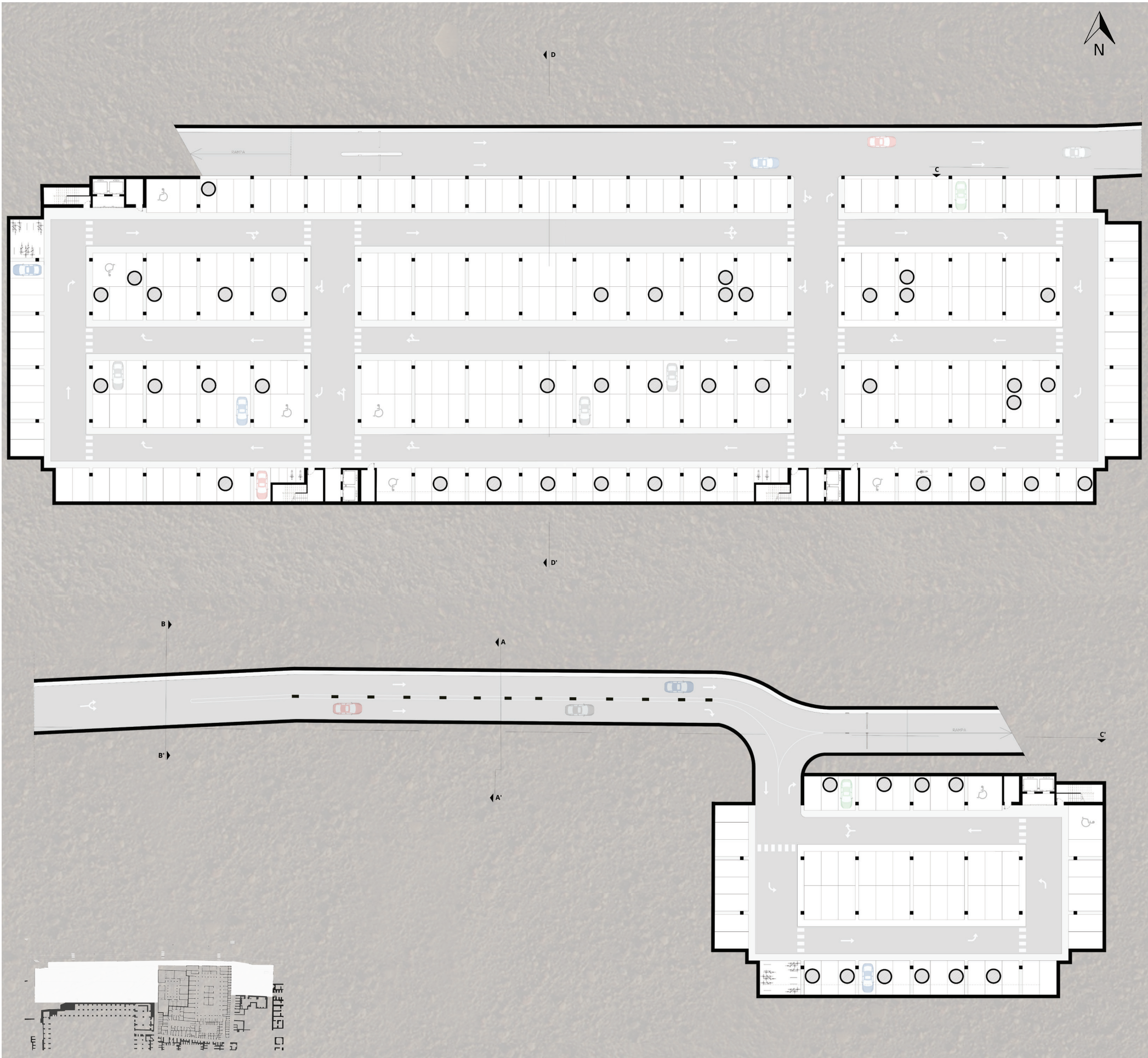
Intervenção urbana - Zona de Intervenção
ESCALA 1:500



Zona de Intervenção - Antes e Depois
ESCALA 1:1000



Perspectiva da Zona de Intervenção



PLANTA DE ESTACIONAMENTO
ESCALA 1:200



ALÇADO SUL
ESCALA 1:200



CORTE D
ESCALA 1:200



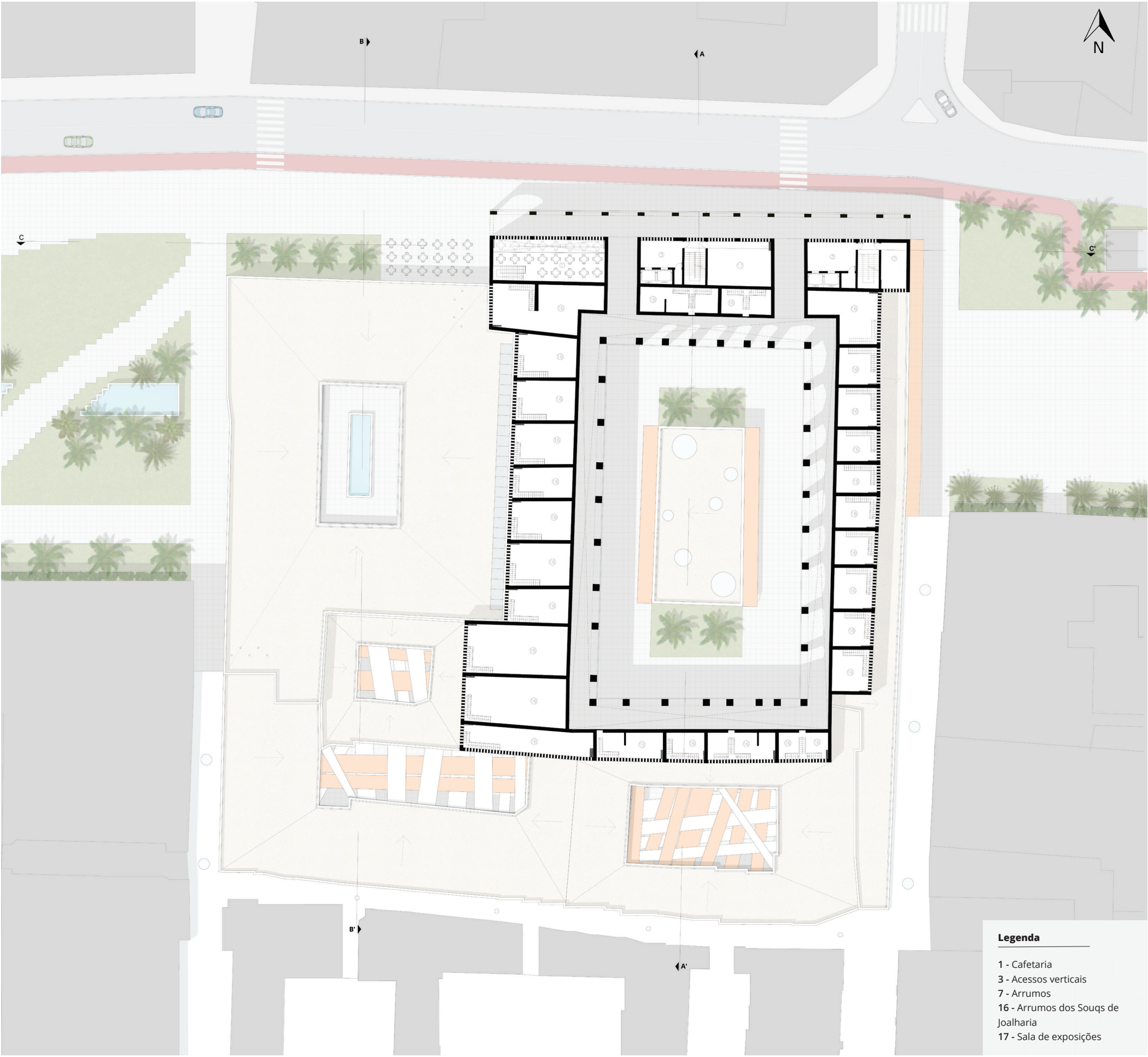
PLANTA PISO 0
ESCALA 1:200



ALÇADO ESTE
ESCALA 1:200



CORTE A
ESCALA 1:200

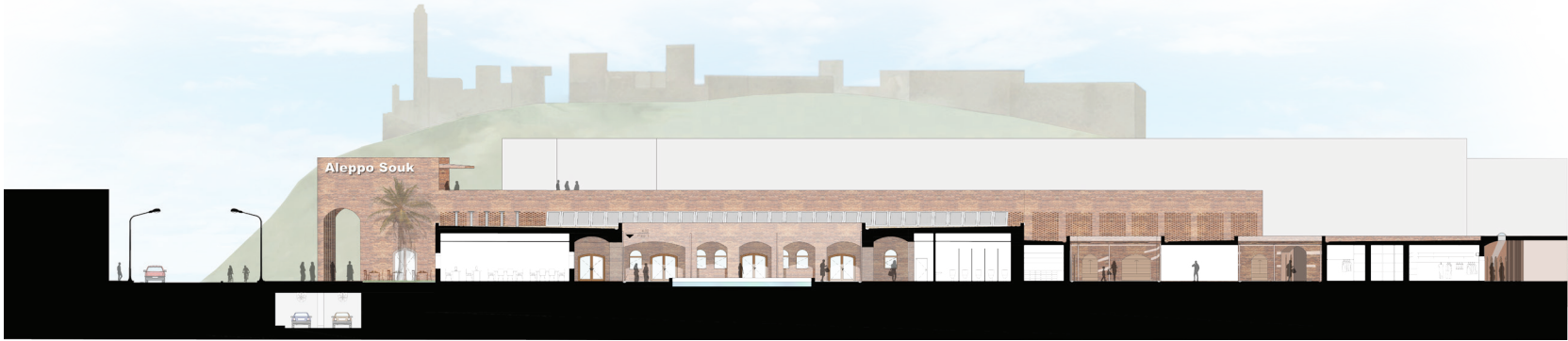


- Legenda**
- 1 - Cafetaria
 - 3 - Acessos verticais
 - 7 - Arrumos
 - 16 - Arrumos dos Souqs de Joalharia
 - 17 - Sala de exposições

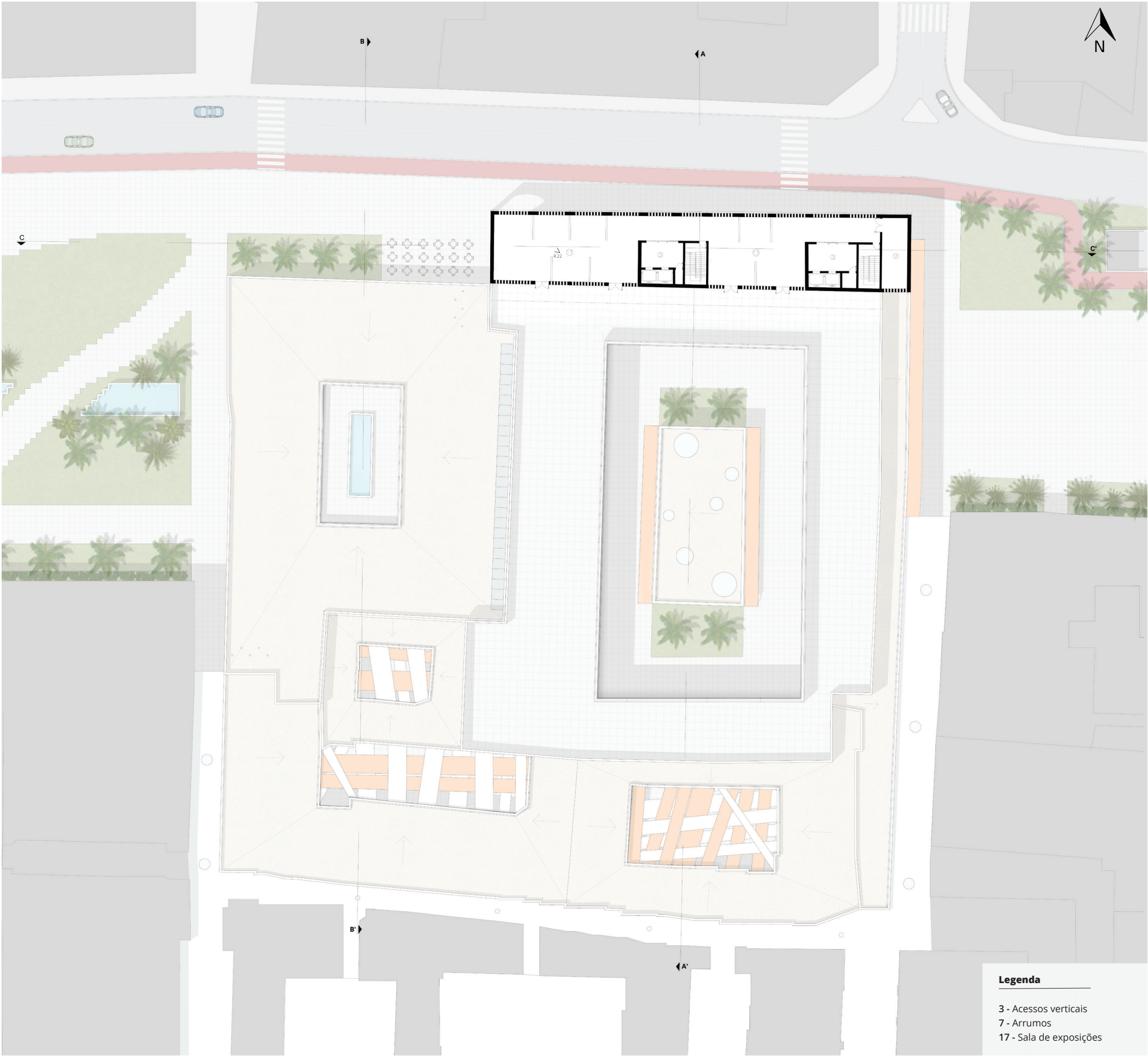
PLANTA PISO 1
ESCALA 1:200



ALÇADO OESTE
ESCALA 1:200



CORTE B
ESCALA 1:200



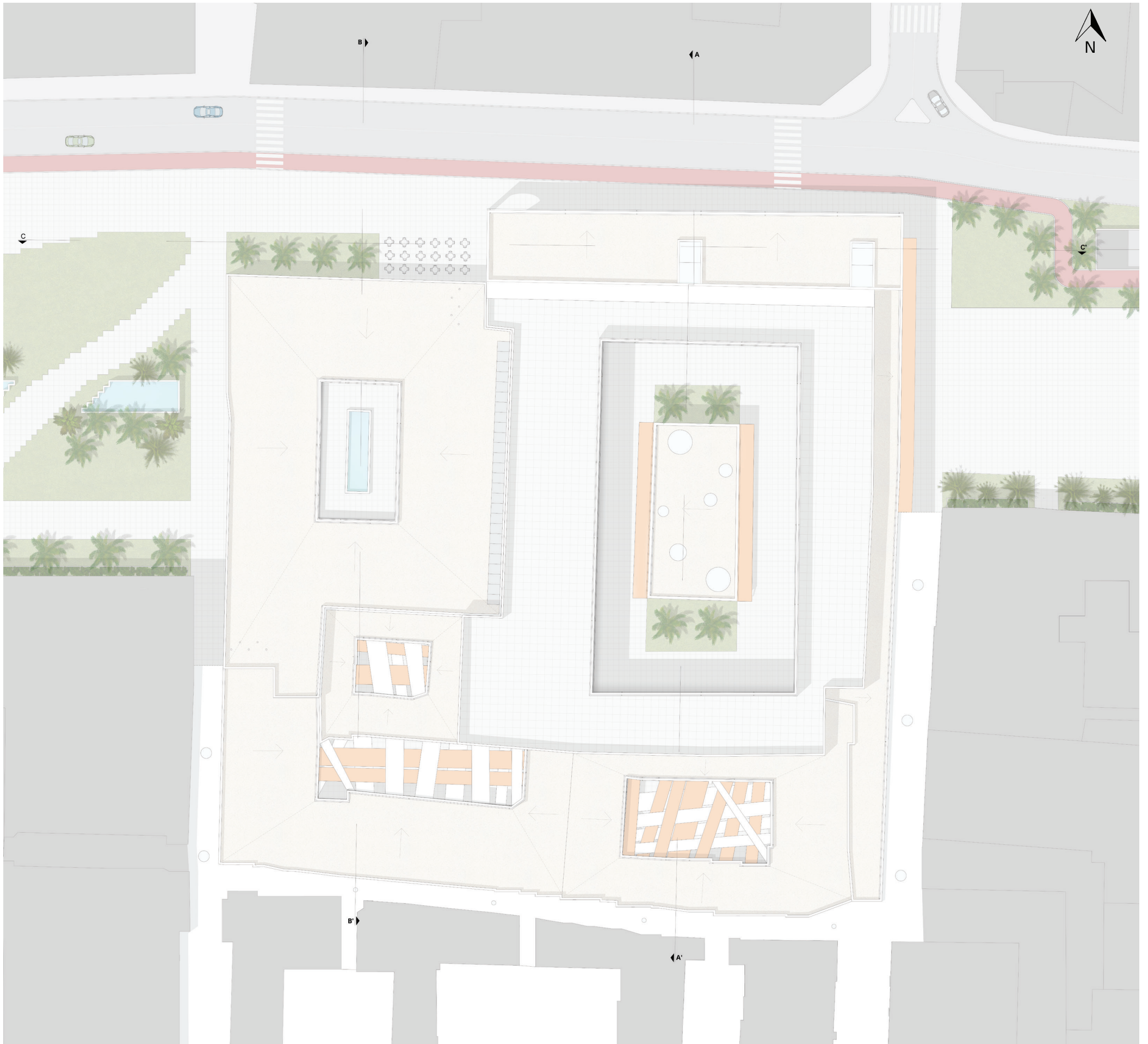
PLANTA PISO 2
ESCALA 1:200



ALÇADO NORTE
ESCALA 1:200



CORTE C
ESCALA 1:200



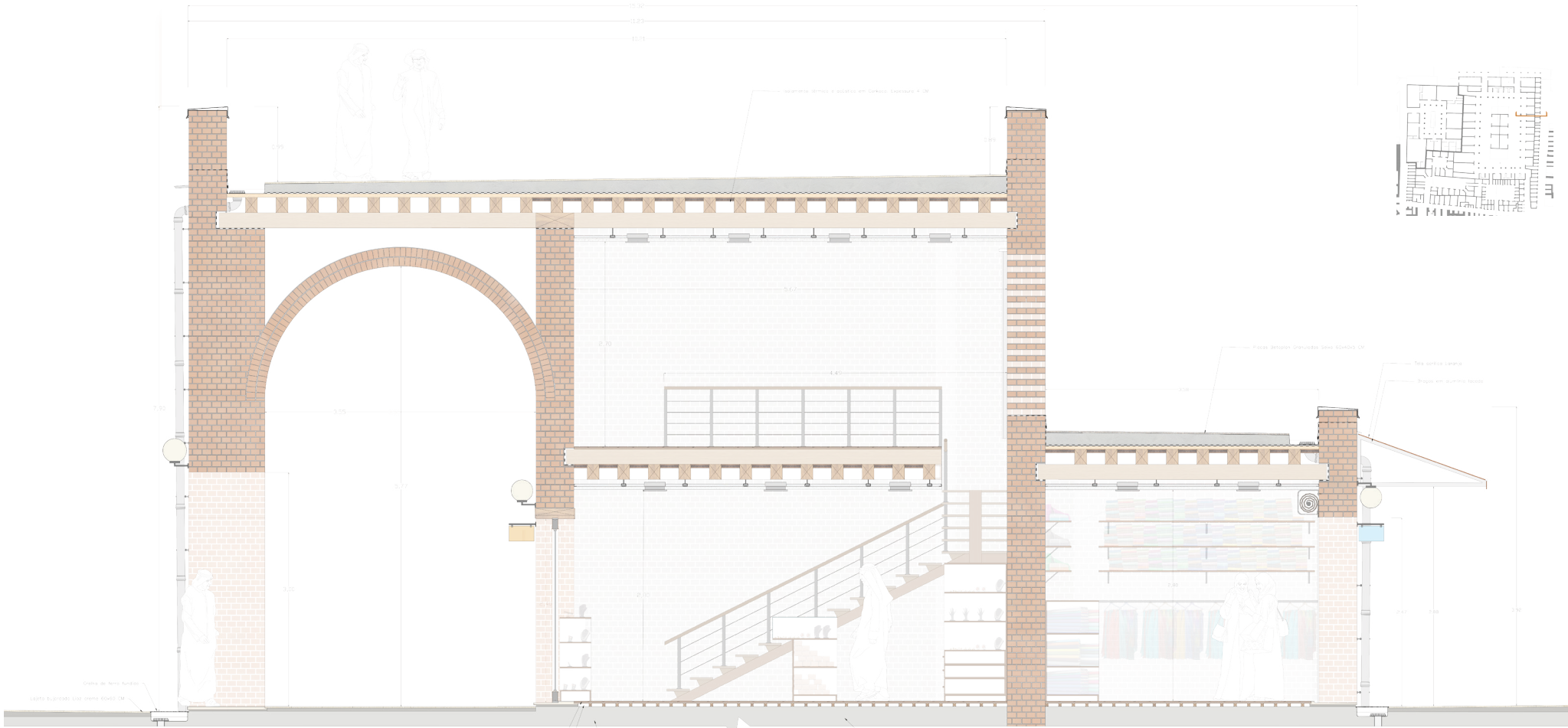
PLANTA DE COBERTURA
ESCALA 1:200



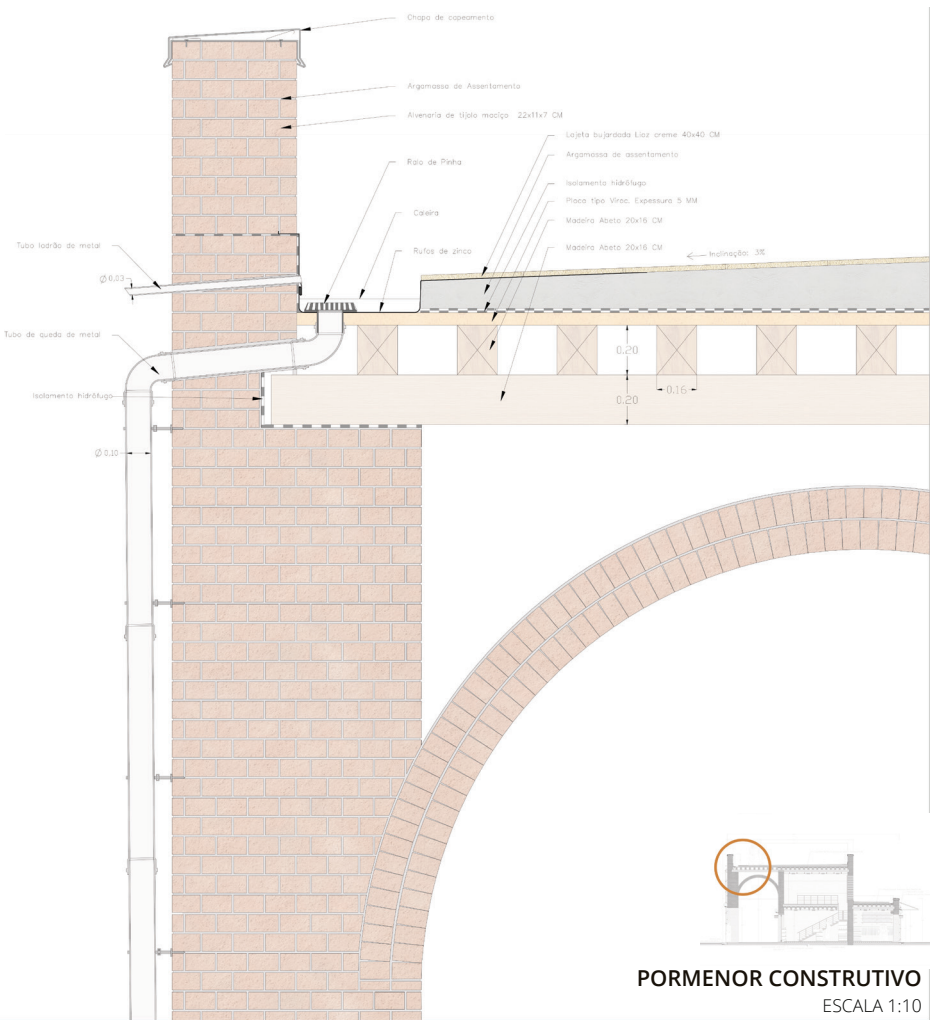
RENDER R.18



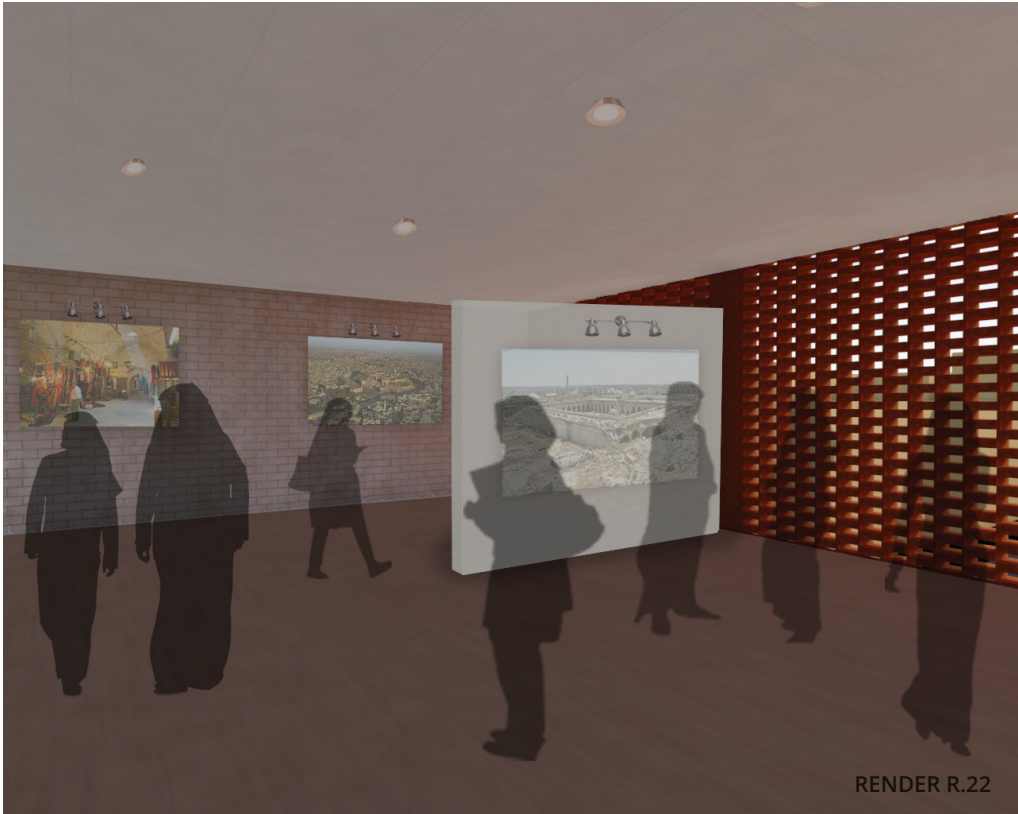
RENDER R.19



PORMENOR CONSTRUTIVO
ESCALA 1:25



PORMENOR CONSTRUTIVO
ESCALA 1:10



RENDER R.22



RENDER R.20



RENDER R.21